
Elizabeth Bowman
Magia en las estrellas

Pegasus Lançamentos
Apresenta

Magia nas estrelas

Elizabeth Bowman



Romanti
edicione

Magia nas estrelas

Elizabeth Bowman

Estrella é uma jovem de 19 anos que desde a morte de sua avó e de sua mãe vive completamente sozinha nos bosques galegos. Como todas as mulheres de sua familia, herdou os dons de clarividência, o toque da cura, assim como conhecimentos de herbaria e feitiçaria.

Diego Valmaseda é o procurador do Santo Oficio, que se desloca para Arcadia para estudar o caso da bruxa de Fraga.

O que acontecerá quando a ciência e a razão colidirem de frente com a superstição de centenas de anos? Poderá o coração de um homem sensato resistir à razão e à lógica para sucumbir aos encantos da inocência e do amor?

Romanti edicione

Aviso

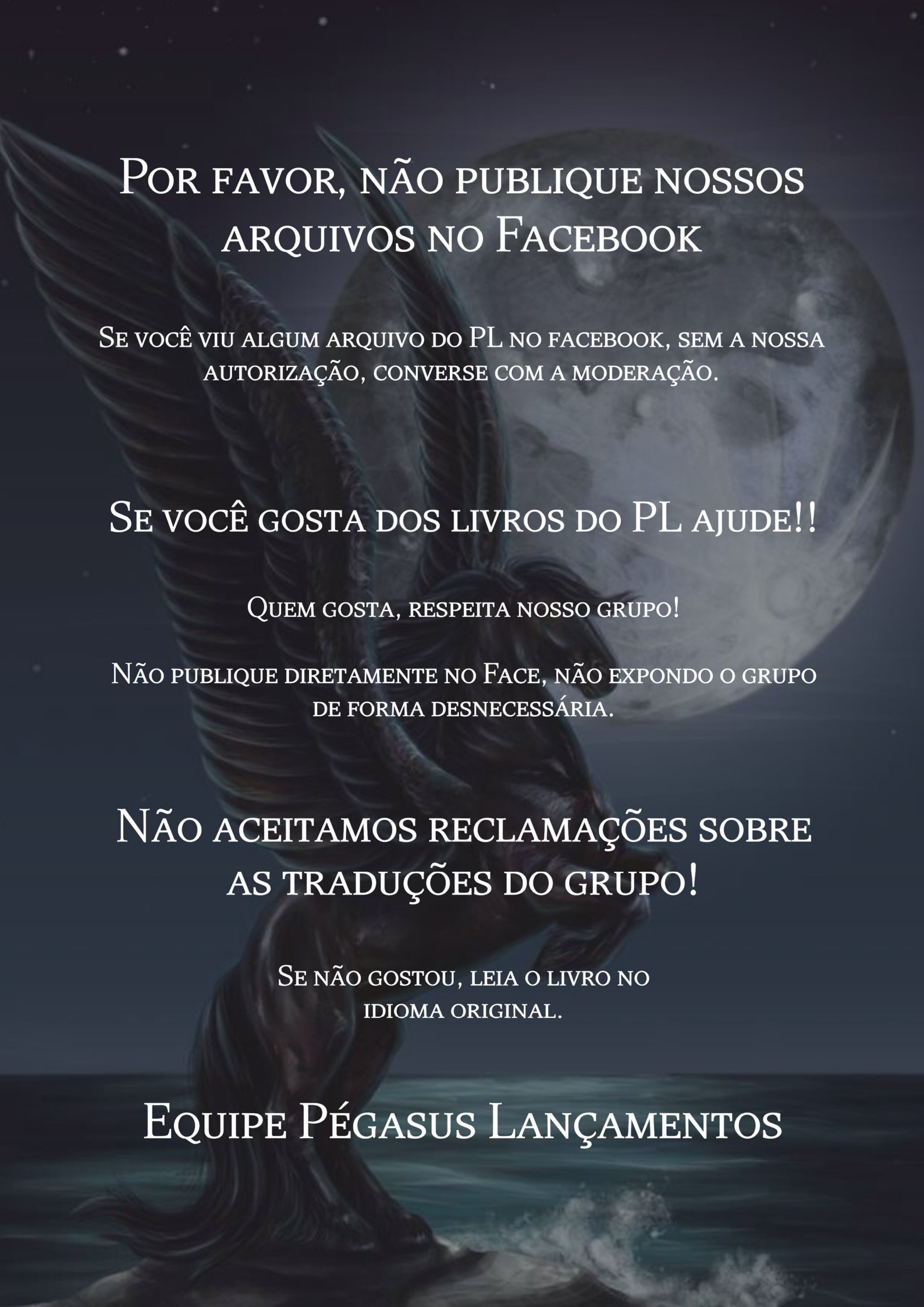
A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar o leitor o acesso à obra, incentivando-o a aquisição integral da obra literária física ou em formato E-book.

O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for vinculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que devera abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, e bem como abster-se de tornar publico ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderam individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria e coparticipação em eventual delito cometido por aquele, que por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro, direto ou indiretamente, responderão nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Por favor, não publique nossos arquivos no Facebook

Se você viu algum arquivo do PL no facebook, sem a nossa autorização, converse com a moderação.

Se você gosta dos livros do PL ajude!!

Quem gosta, respeita nosso grupo!

Não publique diretamente no Face, não expondo o grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Se não gostou, leia o livro no idioma original.

Equipe Pégasus Lançamentos

Prólogo

A chuva caía forte, como se fosse um gato arranhando o vidro querendo entrar. E em poucos minutos se acalmava até silenciar, para iniciar tudo novamente. A escuridão se estendia, como os ventos a sacudir os carvalhos do bosque, investindo sem piedade à pequena cabana, gerando um presságio de que a noite com chuvas e ventos fortes se estenderia até o começo da alvorada.

Com a luz de uma vela, uma mão virou a última fileira de cartas que ainda permaneciam viradas para baixo. Depois as recolheu sobre o colo com uma calma enquanto o polegar efetuava giros de nervosismo.

— Das terras do Leste chegará um cavaleiro, líder do Jesus Cristo, que virá em sua busca para te julgar e te arrastar às chamas do fogo eterno...

A jovem fechou os olhos, respirou profundamente e tentou se manter calma. Era a segunda vez em poucos dias, que as cartas lhe mostravam um destino tão trágico como iminente. Recolheu aquele colorido desdobramento de figuras e símbolos arcaicos, devolveu o baralho ao seu gasto saquinho de feltro. Olhou ao redor ansiando para que a visão



de seu pequeno mundo lhe concedesse um minuto de paz; mas a precária luz da vela sobre a mesa e enchendo o quarto de sombras horripilantes não a ajudava a relaxar. Realmente seu pequeno universo estava a ponto de desmoronar por culpa de um estranho? Realmente o filho de Deus se via na necessidade de julgá-la e condená-la por seu modo de vida? Sempre tratou de fazer o bem e ajudar a todo aquele que necessitasse de sua ajuda. Tudo o que sabia foi ensinado por sua mãe, e esta recebeu o ensinamento da sua... e assim sucessivamente até às raízes ancestrais de sua árvore genealógica.

Não fazia muito tempo que adquiriu além disso o dom da clarividência, na verdade, acreditava recordar que descobriu seu dom no mesmo dia em que completou dezoito anos. Não só era capaz de adivinhar o futuro através de suas cartas, como uma torrente de imagens vinha à sua cabeça cada vez que tocava uma pessoa. Era como uma grande descarga, como se um raio entrasse por sua cabeça, sacudisse-a inteira, e acabasse descarregando no chão através de seus pés.

Por isso sempre escondia suas mãos sob luvas de lã quando precisava se relacionar com outras pessoas e, no geral, evitava qualquer contato físico com o resto do mundo.

A sabedoria de como utilizar as plantas, as pedras, os mantimentos, o toque curador, a meditação, as orações



específicas ao santo adequado... tudo isso foi recebido como um dom divino e formava parte de seu poder, de sua natureza, da missão ancestral para a qual veio ao mundo. Jamais se sentiu como algo maligno ou perigoso e jamais se sentiu culpada por usar seu dom para ajudar ao próximo. Por que alguém agora a via como uma ameaça?

— Ninguém pode mudar o que está escrito — murmurou resignada, apagando com um firme sopro a chama da vela.



Capítulo 1

GALÍCIA, ANO DE 1730 DE NOSSO SENHOR.

— Não se esqueça, Dorinda, deve ferver durante um quarto de hora três partes de flores de laranjeira, duas partes de folhas de urtiga e uma parte de raízes de cana.

A moça a olhou com curiosidade. Achava incrível como aquela jovem, que devia ter mais ou menos sua idade, podia saber tanto e sobre tantas coisas. Quantos anos poderia ter? Dezoito, talvez dezenove? E onde aprendeu sobre tudo isso? Era bruxa, dizia o povo, como bruxas foram também sua falecida mãe, sua avó e todas as mulheres de sua família. Bruxa, falam em um tom depreciativo, embora nenhum dos habitantes da Arcádia deixou de solicitar seus serviços em alguma ocasião. Exceto é obvio dom Evaristo, o padre, o implacável e declarado inimigo de Estrella Castanheira.

— Cada manhã, durante nove dias, beba em jejum uma xícara da poção, suspenda um dia e volte a tomar por mais nove dias até o desaparecimento do sintoma.

— Funcionará? — Perguntou olhando à bruxa com ceticismo e desconfiança. E também com inveja. Porque



Estrella era muito bonita, sem dúvida a moça mais bonita do lugar. Provavelmente não existia no mundo pessoa que pudesse combinar tanto com seu nome como aquela moça. Seus olhos negros, seu cabelo escuro preso em uma trança, seu nariz arrebitado e a peculiaridade de suas cinco pintinhas na bochecha direita, dispostos de tal forma que compunham uma Estrella de cinco pontas, convertiam seu rosto em uma imagem agradável de se ver. E apesar da bruxa ser pobre e não ter nem onde cair morta, a grande maioria das mulheres de Arcádia se referiam a ela com receio e antipatia; sentimentos gerados pela inveja que sentiam.

— É o melhor remédio que conheço para as dores femininas, Dorinda. Prove e depois me conte o que achou. — E pegou um saquinho com as ervas perfeitamente trituradas e mescladas em seu interior.

Dorinda pegou com avidez e o guardou no espartilho. Logo após abaixou o olhar e se encolheu, comportando-se como uma menina pequena que estivesse morrendo de vergonha. Apertando-se com desconforto em sua echarpe de lã, murmurou apenas com um fio de voz:

— Temo que não possa te pagar, Estrella, este mês as vendas não foram muito boas e...

Estrella levantou uma mão, interrompendo a fala da jovem e evitando assim uma pobre justificativa. Estava acostumada que a maioria de seus clientes fossem quase tão



pobres como ela, por isso o propósito de cobrar por seus serviços virou uma utopia. Se pudessem pagar, ela cobrava com gosto, afinal dessa cobrança dependia seu sustento diário; mas jamais deixou alguém sem atendimento pelo fato de não terem dinheiro para pagar por seu serviço.

Em favor das pessoas de Arcádia devia dizer que a maioria deles, quando por diversas circunstâncias não dispunham de dinheiro, compensava tal carência pagando em especiarias, por isso não era estranho observar o ir e vir de aldeãos atravessando o monte com galinhas, coelhos e produtos caseiros para pagar os favores da bruxa da Fraga. E ela estava igualmente agradecida. Afinal também tinha que comer e sua precária horta apenas provia algumas batatas, tomates e pimentas em temporada. Tudo era bem recebido e agradecido.

Mas no caso da Dorinda Gómez, filha do proprietário do armazém, era somente questão de mesquinharia. Só de ver o formoso veludo marrom avermelhado de seu espartilho ou a gargantilha de pérolas que brilhava no pescoço, dava para saber que tinha dinheiro.

— Não se preocupe só me diga se foi bem o remédio. — Segurando-a por um cotovelo a acompanhou até a porta em um convite a sair da cabana.

Quando Dorinda se perdeu entre as árvores, Estrella fechou o pesado ferrolho, suspirou de cansaço e se deixou



cair de costas contra a porta. Sentiu algo macio e quente em suas pernas causando cócegas. Inclinou o olhar e sorriu.

— Sei, Micifuz, é uma moça vaidosa e soberba, e além disso uma embusteira. Se Dorinda não pode me pagar uma mísera moeda ninguém mais poderá fazê-lo em toda Arcádia, não é?

Agarrou o felino nos braços, de olhos amarelos e pelagem negra como o carvão, e lhe aproximou a cara em um afago carinhoso. Micifuz investiu com afeto o queixo de sua dona, arrancando-lhe um sorriso.

— Eu também penso como você, o que Dorinda Gómez precisa mais que um remédio para aliviar os problemas femininos, seria uma boa medida de humildade. Mas temo que isso não esteja em minha mão oferecer-lhe, meu pequeno.

Micifuz lambeu sua bochecha com sua língua rosada. Aquele animal fraco e ronroneador se converteu em seu melhor amigo e sua única companhia no mundo. Desde que sua avó abandou o mundo dos vivos sendo ela apenas uma menina, e sua mãe a seguindo somente alguns anos depois, Estrella ficou sozinha naquela cabana escondida no meio de Fraga, a uma distância suficiente do povo de Arcádia para viver sem ser incomodada e suficiente cômoda para adquirir os produtos necessários para o dia a dia que não obtinha de sua própria horta.



De seu pai nunca soube nada. Sua mãe e sua avó jamais o mencionaram em suas conversas, nem sequer para lhe amaldiçoar por haver se limitado a engravidá-la partindo depois. Mas com o povo sim havia falatórios. As anciãs do lugar diziam que Estrella era fruto do pecado, da blasfêmia, da união de sua mãe com o diabo em uma noite de lua cheia. Outras diziam que sua mãe vendeu a alma da recém-nascida Estrella ao Belzebu. Não acreditava nessas tolices. As comadres do povo possuíam muito tempo livre, muita imaginação e uma língua viperina difícil de segurar. Certamente seu pai fora um mascate ou um viajante de passagem que, em seu caminho as terras do Rei, passou por Fraga e se encontrou com os encantos de sua mãe. Nada mais. Por alguma razão sua história de amor, se é que existiu amor em algum momento, não prosperou. E ponto.

Com cuidado colocou o gato no chão. Aproximou-se da mesa e segurou a cesta de vime; em seguida, moveu-se junto à porta e pegou a capa negra com capuz.

— Tenho que sair ao bosque a procurar folhas e raízes para minhas receitas. Irá me acompanhar desta vez ou prefere ficar em casa vadiando?



Estrella andou pelo bosque como uma criatura a mais daquele concorrido ecossistema. Em realidade assim era. Desde menina, Fraga se tornou parte de seu cenário de jogos; foi sua escola, nela cresceu e a essas alturas podia presumir conhecer muito bem cada curva, cada rocha e cada velho carvalho coberto de musgo.

— Acredito que já colhi folhas suficientes por hoje. Será melhor voltar e ver se o preguiçoso do Micifuz despertou da sua sesta.

Sua cabana ficava distante de Arcádia pouco mais de um quilômetro a monte dentro. Gostava de dizer que se sentia muito mais cômoda perambulando por aquele bosque perdido no meio do nada do que com um povo que a julgavam e censuravam a cada instante. E precisava suportar cada vez mais, a hipocrisia daquela gente que, apesar de recorrer a ela para tudo e sem nenhum indício de escrúpulo, não deixava de criticá-la e murmurar a cada passo. Alguns inclusive foram mais à frente e faziam o sinal da cruz cada vez que a viam atravessando a rua principal envolta de sua capa negra com capuz. E ao chegar neste ponto, Estrella teve que morder a língua, inclinar a cabeça e continuar andando. Com gosto teria pego em sua cabana sua velha vassoura de ráfia para dar a todos um pouco mais do que falar! E ao mesmo tempo um par de boas vassouradas.



Por sorte nem todos tinham essa índole e havia pessoas com as quais podia falar sem medo de ser crucificada pelas costas. Podia sempre contar com os Pedrosa, com a Adela Pereira, a que considerava uma boa amiga, e com algum outro que não via necessidade de dissimular repulsa em sua presença.

Um pequeno alvoroço a pouca distância a sobressaltou de repente. Aos seus ouvidos chegou algo parecido a um ofego entrecortado ou um grunhido animal, como se uma fêmea de javali pulasse feliz com sua prole muito perto dali. Foi necessário dar somente alguns poucos passos para descobrir os verdadeiros causadores daquele distúrbio: um traseiro pálido balançava entre as pernas nuas de uma mulher sacudindo as samambaias com uma violência feroz. Compassado, com cada investida se escutava um grunhido gutural e um gemido feminino que aumentava de volume a cada segundo.

Estrella se escondeu detrás de um velho carvalho, completamente ruborizada. Sua inexistente experiência nessas lides não lhe impediu compreender o que estava acontecendo ali. Durante sua vida, jamais presenciou nada parecido, mas viu os animais e sabia o que estavam fazendo. Fechou os olhos, envergonhada, mas apenas um segundo depois voltou a abri-los para olhar com atenção. A curiosidade era muito maior que o decoro e a prudência, e



excitava seu peito fazendo com que seu coração retumbasse como um martelo batendo contra um pedaço de madeira.

Pôde distinguir a dourada e longa cabeleira de Isabel Figueroa, a filha do prefeito, esparramada pelo chão como se fosse um travesseiro de ouro. Também escutou sua risada maliciosa e os gemidos de gozo que a muito desavergonhada nem se incomodava em dissimular. Estrella meneou a cabeça. Não fazia nem um mês que pegou aquela amalucada beijando entre as árvores e deixando se arregaçar as saias por um moço moreno de largas costas. E estava claro que o moreno de então não era o proprietário do traseiro pálido que agora se bamboleava entre as pernas da Isabel. Que volúvel era aquela moça e com que facilidade trocava seus afetos!

Estrella não pôde evitar sorrir ao pensar em dom Arturo Figueroa, o prefeito. Pobrezinho! Certamente iria às nuvens e jogaria fumaça pelas orelhas se fosse capaz de averiguar no que sua querida e mimada filha ocupava seu tempo. E o que dizer de sua Santa Esposa! A primeira dama era uma mulher tão azeda como estirada e poderia muito bem supor que a cada manhã, depois de fazer sua higiene e passar meia tonelada de talco para empalidecer seu rosto, obrigasse a si mesma a se prender em um pau de vassoura para se manter perfeitamente ereta. Tudo isso para elaborar um coque de pelo menos trinta centímetros de altura, era o que ditava a moda no momento, fazendo-a se parecer com uma estátua de



mármore, incapaz de se mover com facilidade, em vez de se parecer com uma mulher de carne e osso.

— Veja isso, senhor prefeito — sussurrou sem dissimular um amplo sorriso — de pouco serviu enviar sua filha para estudar com as Clarisas para depois acabar com um monte de rabo entre suas pernas.

Dom Arturo era um homem robusto de mandíbula quadrada, possuidor de uma barba tão espessa que impedia de distinguir em seu rosto mais pele da que rodeava seus olhos e dava forma a seu nariz. Sempre vestia elegante casaca, colete e calça de pregas, e de um dos bolsos da casaca aparecia uma reluzente corrente de prata. Acostumava pentear seu cabelo para trás, muito apertado, expondo uma grande testa clara.

Cada vez que cruzava com ele pela cidade, o prefeito a olhava de uma forma estranha que Estrella não era capaz de decifrar. Parava no meio da rua para olhá-la fixamente, como se vê-la caminhando entre seu povo seria o mesmo que saudar à uma alma do Purgatório andando por sua cidade; e assim ficava um bom tempo, olhando-a como um pasmo, pálido como um morto e sério como uma rocha, até que qualquer circunstância externa lhe devolvia à realidade. Se por acaso tais raridades não resultassem bastante estímulo para um homem tão misterioso como aquele, Estrella era capaz de intuir um bando de corvos sobrevoando sua cabeça



e lançando ao mundo seus maus agouros. E estava segura de que, embora ninguém mais tivesse a menor suspeita disso, Arturo Figueroa guardava algum segredo escuro na sua alma.

Mas por mais trevas que encerrasse a alma do prefeito, jamais poderia superar a escuridão que cercava dom Evaristo Meitín. Estava convencida de que se pudesse ver o interior daquele padre, dali surgiriam (além de enormes quantidades de sebo) vermes, sapos e cobras completamente envenenados.

Um ofego repentino seguido de um grunhido gutural e de um sorriso sufocado a surpreendeu, fazendo sua mente voltar para o lugar em que estava: naquele bosque onde duas criaturas impudicas se entregavam à fornicação. O homem no auge do clímax recém-alcançado por parte daquele traseiro e da mulher que jazia debaixo. E efetivamente ambos pareciam muito satisfeitos perante um trabalho bem feito. Sem fazer ruído se retirou devagar, procurando não delatar sua presença, conduzindo-se entre as samambaias com o sigilo de um rato de campo. Suas saias e sua capa se enredavam a cada passo entre as plantas, teve que andar com suavidade e lentamente para não ser descoberta. Suas botas de couro apenas se sentiam sobre a erva e as agulhas secas de pinheiro. Bastante ruído fazia já seu coração, que zumbia e golpeava como um beija-flor fora de controle.

Enquanto se afastava muito devagar para a cabana não pôde evitar um sorriso irônico pensando em Isabel.



— Certamente em um par de semanas virá a me suplicar um abortivo ou um remédio para amarrar a esse incauto.

— E funcionará, Estrelinha?

Estrella sorriu condescendente. Aquela era a pergunta que mais escutava em sua modesta existência. Se lhe tivessem dado um real cada vez que ouvisse essa pergunta, a essas alturas seria tão rica como sua Católica Majestade.

— Aí, Maria, os milagres são à Fátima ou ao Satã! — Vendo a careta compungida que compunha a mulher, teve piedade dela. — Ninguém nunca se queixou dos meus trabalhos, mulher.

Maria sorveu os mucos e tratou de imitar o fútil sorriso da bruxa, embora seu ânimo nesses momentos não estivesse para muitas brincadeiras e trivialidades.

— É que o necessito, Estrelinha — murmurou afligida, esfregando um lenço pelo nariz — necessito de toda a ajuda possível deste mundo... —Estrella ficou séria. Sabia por onde foram os tiros e a intenção com que Maria Del Pedro pronunciou cada palavra. É obvio! O povo dizia que a bruxa, Estrella Castanheira, tinha entendimentos com o diabo e com



os espíritos! Onde os chamava para que lhe dessem uma mão nos impossíveis!

— Pois temo que só posso lhes oferecer os conhecimentos de uma simples mortal — disse por fim, lhe entregando um pergaminho que continha um feitiço. — Terá que se conformar com eles.

A outra se mexeu incômoda.

— Claro, claro, mulher, não pretendia...

Estrella pôs os olhos em branco e suspirou de indigestão.

— Lembrará de tudo?

— Espero que sim.

— Não esqueça: necessitará de um limão verde pequeno, muito duro, três metros de fita branca e cinquenta agulhas que nunca tenham sido usadas.

— Cinquenta agulhas... — repetia fechando os olhos e tratando de gravar a informação em sua memória.

— Crave uma agulha no extremo bicudo do limão, dois no oposto e os outros na superfície, formando uma cruz.

— Sim, sim...



— Ao meio dia e à meia-noite, durante nove dias, deverá recitar esta frase: "Leandro, não te deixarei viver nem repousar até que não venha me buscar. Quero que não possa viver nem repousar, nem em nenhum lugar estar em paz, até que venha me buscar." Repita a prece sete vezes e cada vez faça um nó na fita branca. Amarre o limão com a fita e pendure como um colar, sem que ninguém o veja, durante nove dias. O nono dia atire tudo em água corrente.

— Obrigada, Estrelinha. — A mulher, com lágrimas nos olhos, tomou as mãos de Estrella em agradecimento. E a jovem não teve nem tempo de reagir.

Um relâmpago branco atravessou a frente da bruxa e a sacudiu de cima abaixo, oferecendo-lhe uma atropelada sucessão de imagens a ponto de lança-la ao chão de costas, tal foi a força de sua investida. Viu a Maria, aquela mulher singela de quarenta e cinco anos, chorando em um silêncio desesperado enquanto observava escondida entre as sombras como seu marido Leandro cometia adultério com uma moça mais jovem. O desgraçado gemeu e atacou como um louco enquanto duas pernas jovens e exuberantes se enroscavam em seus quadris. Quase pôde sentir o cheiro de sexo e depravação que fedia aquele estábulo. Viu Maria queixando-se com o descarado de seu marido sua infidelidade, mergulhada agora em um choro desesperado, e como este não só não se atrevia a negar, mas ainda enumerava com descaramento um bom número de mulheres com as que teve



relações. Tudo isso sem esquecer de insultá-la e bater nela com o punho ou um pau, já que nenhuma mulher decente ousaria reclamar nada do marido. Então ele pegava suas malas e saía de casa batendo a porta e deixando Maria sozinha e abandonada, ferida e chorosa, aos cuidados de seus cinco filhos pequenos.

Uma imensa compaixão, misturada com um profundo sentimento de raiva e impotência, apoderou-se dela. Imediatamente tirou as mãos das mãos de Maria. Então Leandro provocou aquela contusão em seus olhos, e não um acidente contra o batente da porta! Eu tinha que ter suspeitado!

— Está certa de que deseja que Leandro volte? Possivelmente esteja melhor sem ele, depois de tudo.

A mulher dirigiu à bruxa um olhar incrédulo.

— Melhor sem meu homem?

Estrella balbuciou sem saber o que dizer, nem como dizê-lo, para não revelar o que acabava de ver.

— Se não lhe trata bem, Maria, não deveria...

— Eu não disse que não me trata bem, não sei de onde...! — Recolheu uma mecha solta por trás da orelha tratando de atuar como se não estivesse nervosa; mas sua voz e seus



dedos tremiam e seus olhos inquietos olhando com nervosismo a todas as partes, delataram-na.

— Esse golpe na maçã do rosto... — Adiantou uma mão tratando de acariciar seu rosto machucado, mas ela rechaçou o contato retrocedendo um passo.

— Eu não mencionei nada a respeito de nenhum golpe, está claro? — Murmurou em um registro baixo e sombrio

Estrella suspirou.

— É obvio.

Mas a mulher não parecia satisfeita com a concessão da bruxa. E certamente aquela criatura era uma bruxa! Como então teria adivinhado que o machucado da maçã do rosto foi feito pelo Leandro certa noite ao descarregar contra ela um murro? Ninguém mais foi testemunha da brutal surra e a ninguém mais mencionou tal assunto.

— Olhe bem, menina! — Exclamou arregalando os olhos e cerrando os dentes. — Já não sou jovem nem formosa, meu corpo já não é o que foi. Salvo que tenha um feitiço para me voltar nova e desejável. — Elevou para a moça um olhar de ridícula esperança. — E não o tem, verdade?

Estrella negou com a cabeça.

Certamente nem a beleza nem a formosura se encontravam entre as qualidades da Maria. Seu cabelo,



emaranhado e sem brilho como um ninho de pássaro, mesclava fios negros com brancos; seus olhos eram saltados, estavam muito juntos e seu nariz era largo e curvado para baixo. No queixo destacava uma pinta onde surgia um pelo muito comprido. Além de tudo isso, que não era pouco, o trabalho no campo e a criação de cinco meninos pequenos tiveram sua parcela na sua pele e na sua figura.

— Não posso esperar nada melhor. Necessito do Leandro para que tanto meus filhos como eu mesma possamos subsistir — inclinou o olhar, envergonhada; — na montanha os invernos são muito duros para uma mulher sozinha.

"Sei melhor que ninguém. Eu estou sozinha. Completamente sozinha", pensou.

— Nenhuma mulher deveria sofrer por um homem que não deseja estar ao seu lado, Maria, e muito menos humilhar-se por ele.

De repente, Maria se enrijeceu. Tirou de seu bolso um saco de tecido e dele tomou uma moeda que depositou com brutalidade sobre a mesa. Estrella observou com dor o tamborilo inquieto daquela moeda que, de algum modo, obrigava-a a guardar silêncio e a não se meter onde não a chamavam.



— O que saberá você de homens? Não é mais que carne virgem que jamais provou varão! — Rugiu Maria. — Viverá sozinha e morrerá sozinha, como sua avó e sua mãe!

Em seguida deu a volta e abandonou a cabana batendo a porta, fazendo tremer todas as tábuas que a compunham.

Estrella recebeu a punhalada como se realmente tivesse sido atirada mediante uma adaga, e não através de uma língua viperina e encolerizada. De todos os modos se negou a se incomodar com ela; a pobre já tinha bastante com seu próprio sofrimento e com a penitência de amar (embora não estava segura de que se tratasse de amor) e depender de um caipira como Leandro.

Além disso, a Maria Del Pedro estava certa: o que sabia ela de homens, não sendo dos que apareciam mencionados nos conjuros e filtros de seus trabalhos? E pelo que pôde comprovar, a maioria eram infiéis ou mantinham uma atitude indiferente e altiva para as mulheres que suspiravam por eles. No pior dos casos as golpeavam ou as utilizavam para seu próprio desafogo carnal. Com tal perspectiva, melhor seguir sem saber nada deles. Estava ótima sozinha.

Depois de um encolher de ombros se dispôs a ordenar as prateleiras do armário onde guardava as velas, as vasilhas para misturar os perfumes e os frasquinhos com os remédios e os pós já preparados. Enquanto se entretinha colocando os potes por ordem alfabética continuou dando voltas em sua



cabeça às últimas palavras de Maria. De verdade que não lhe importava ser uma ignorante no que diz respeito aos homens. Se estar implicada emocionalmente com algum supunha ter que fazer com eles o mesmo que viu no bosque a Isabel e ao traseiro pálido...

Um intenso rubor coloriu seu rosto ocultando as cinco pintas de sua bochecha. Pelo amor de Deus, morreria de vergonha antes de se entregar dessa forma a algum homem! Pelo menos teria que existir um nível de confiança prévio muito alto, mais que muito alto, entre os dois para abandonar-se à semelhantes cotas de intimidade. Teria que amar com toda sua alma e sentir o coração desacordado em presença de sua outra metade antes de entregar-se de um modo tão profundo e inteiro. Ou ao menos seria necessário que a só presença desse ser especial fizesse tremer seus joelhos seu corpo arrepiasse! Teria que ter a certeza de que aquele homem era parte de sua alma, a metade que sempre esperou, no final de todo um percurso... e no momento nesse aspecto seu coração estava mais seco que uma casca.

Um leve chiado do outro lado da porta chamou sua atenção e a assustou, talvez porque ela estivesse surpresa com tais pensamentos malucos. Levou as mãos ao rosto com intenção de esfriar as bochechas, alternando o dorso e a palma; mas supôs que não serviria de nada posto que lhe ardia de um modo infernal.



Abriu a porta sem poder evitar o cenho franzido ao fazê-lo.

— Miguelzinho! — Exclamou surpreendida ao ver sob a soleira ao pequeno banguela. — O que faz tão longe de casa, criatura?

O menino Pedrosa, que mal tinha um metro e meio de altura, parecia vermelho e ofegante do exercício recente. Ele encostou-se no batente da porta e lutou para respirar, respirando como um peixe fora da água. Seus olhos brilhavam e seus sapatos estavam completamente sujos de lama.

— Eu...! Estrella...! Vim...! — Tratou em vão se explicar com voz entrecortada, levando a mão ao peito para compassar a respiração.

— Calma pequeno! Entre e beba um pouco de água. — Afastando-se para deixar o menino passar.

Miguel se sentou e bebeu a água de um só gole, o que fez com que perdesse ainda mais o folego. Apoiou os cotovelos sobre a mesa e a cabeça nas mãos, fechou os olhos e tratou de compassar a respiração. Estrella desejou lhe acariciar o cabelo revolto e muito comprido, dar-lhe um abraço e acalmar sua agitação; mas não estava preparada para receber uma nova descarga emocional como a que acabava de sentir com Maria (onde diabos metera suas luvas naquele



dia?), por isso se manteve em pé, à espera, com os braços cruzados. Em instantes a cor retornou ao rosto do pequeno. Sua respiração se normalizou e seu peito deixou de subir e baixar agitado.

— Fala agora, Miguel — disse animada — e me diga o que te traz por aqui.

— Estrella, necessito que venha comigo — falou, concedendo-lhe as suas palavras uma gravidade inquietante.

Estrella franziu o cenho.

— Aonde? Ao povoado?

— Não lhe pediria isso se não fosse importante.

Sabia. Miguel Pedrosa era um menino muito bom e de nobre coração, como todos os integrantes de sua família. Jamais a colocaria em apuros.

Em muitas ocasiões, ele lhe fez companhia durante as longas noites de inverno, ajudando-a a suportar a solidão da Fraga. Ele também gostava de dar uma mãozinha, seja separando a poeira resultante das plantas secas como ajudando-a a cozinhar gordura misturada com frutas silvestres para fazer velas perfumadas. E enquanto assistia com carinho aquela criança tão entretida e focada em tarefas impróprias de uma criança, ela aqueceu no leite de fogo com canela para os dois com um sorriso desenhado nos lábios.



Estrella lhe ajudara a vir ao mundo (como a todos os meninos da Arcádia) sete anos antes, e após e graças ao caráter amável e bondoso do menino, tinha-lhe tomado um grande afeto. Todos tinham espaço em seu coração. Apesar de todas essas criaturas, os humanos se revelaram os mais ingratos e traiçoeiros.

— O que aconteceu?

O menino sorriu ao ver a preocupação que sua amiga tentava esconder.

— Meu avô quebrou uma perna. Vinha do monte com o carro, e os bois lhe derrubaram. A roda passou por cima. Partiu-lhe o osso, Estrella! — E escondeu seu choro com as mãos.

Não pôde evitar. Descansou uma mão sobre o ombro trêmulo do menino e viu tudo. Ao ancião deitado em sua cama, abafando seus gritos contra o travesseiro com a resignação que concedem os muitos anos, e ao pequeno chorando de joelhos ao lado de sua cama, assustado e comovido. Viu a carne aberta e o osso, agudo e erguido como um mastro, completamente ensanguentado e fora de seu lugar. Retirou a mão e suspirou.

— Não se preocupe. Seu avô ficará bem.



Capítulo 2

Odiava pisar em Arcádia. Detestava-o com todas suas forças. E era consciente de que enquanto atravessava a rua principal com seu estojo de primeiros socorros firmemente seguro contra o peito como um escudo protetor, dezenas de olhos maliciosos a observavam por traz das venezianas. E era algo que a comia por dentro. Bando de hipócritas! Como podiam julgá-la e inclusive censurá-la se no dia seguinte (ou inclusive esse mesmo dia dentro de umas poucas horas) essas mesmas comadres estariam visitando-a para valer-se de seus conhecimentos?

Desde que sua mãe faleceu, ela ocupou seu lugar atuando como parteira, herborista, curandeira e feiticeira. Exerceu a função de curadora de humanos e de animais, e tanto era requerida por uma gripe como para examinar a um animal que deixasse de amamentar a suas crias.

E, entretanto, todos eles, ruins e hipócritas mortais, continuavam bisbilhotando através das venezianas e arrastando precavidos a seus filhos quando a bruxa, envolta em sua capa negra com capuz. Sua figura lhes inspirava medo, ou repulsa, ou possivelmente ambas as coisas de uma



vez. Mas quando se viam em um apuro bem que deixavam de lado seus preconceitos para recorrer a ela.

Se fosse outra com mais caráter e menos diplomacia, teria mandado a todos ao inferno cada vez que os visse subir pelo caminho em direção à sua cabana.

Quando atravessou a soleira dos Pedrosa ficou calma, sentindo-se a salvo dos olhares indiscretos e os julgamentos condenatórios. Ao menos e enquanto permanecesse na casa do pequeno Miguel não sentiria o horrível peso da censura sobre suas costas. E naquela casa sempre a trataram muito bem. A mãe de Miguel devia ter mais ou menos a mesma idade que sua própria mãe, se ainda estivesse viva; e possivelmente essa semelhança unida ao caráter nobre da família, originou um forte vínculo entre as duas. Se Estrella considerava Miguel como seu irmão mais novo, bem poderia considerar à mulher como uma mãe; e vice-versa.

Passou um longo tempo antes que terminasse seu trabalho. Uma vez que o osso foi recolocado em seu lugar e a perna amarrada, preparou ao doente uma infusão de sementes de erva-doce e espinheiro branco para ajudar a relaxar e propiciar um aprazível descanso. Em poucos minutos o ancião roncava como um bendito.

Enquanto lavava as mãos ensanguentadas em uma bacia, a mãe de Miguel se aproximou dela com um pacote sob o braço.



— Obrigada por vim ajudar a meu pai, Estrella — começou — sei que não gosta de descer para a vila, assim estou ainda mais agradecida por seus serviços.

— Meu dever é ajudar ao próximo necessitado e jamais antepor minhas necessidades às de outros, como já sabe — respondeu secando as mãos.

— De todo modo, obrigada. — De um dos bolsos do avental tirou um par de moedas, que Estrella recebeu com um sorriso de agradecimento. Afinal era seu sustento. — Miguel e eu queremos te dar isto.

Estrella pegou o pacote que lhe oferecia, perfeitamente envolto em papel pardo. Apalpou-o com curiosidade; o tato era suave e pesava um pouco.

— É uma capa de lã, passei tecendo-a nas últimas semanas — explicou a mulher — logo chegará o inverno e lá em cima deve ser muito frio.

Na verdade, fazia bastante frio sim. E só no meio do bosque, com o vento uivando entre as árvores e os animais da noite passeando perto, os invernos costumavam ser muito duros. E terrivelmente longos. Além disso, quase sempre acabava nevando tão forte que a neve chegava a próximo a um metro de altura. Sair ao bosque para procurar plantas e raízes ou ir até o necessitado em tais circunstâncias não era muito agradável.



— Bom, em realidade tenho ao Micifuz — respondeu piscando um olho para o Miguel. — No inverno está acostumado a se enroscar ao redor de minhas pernas me proporcionando um agasalho excelente.

— Ainda assim, nós adoraríamos que levasse isso — insistiu em tom afetuoso. — É um detalhe insignificante para te compensar por todo o bem que faz por nós. Se não fosse por você...

Estrella apertou o pacote contra o peito em gesto possessivo e agradecido. Era quente e cheirava bem. Pareceu-lhe verbena. Sorriu entusiasmada; adorava o cheiro de verbena.

— Muito obrigada, mas a forma que me trata nesta casa é o suficiente agradecimento para mim. — E antes de sair acrescentou: — Virei em um dia ou dois para observar a evolução do doente.

Depois de lhe dar de presente um sorriso cúmplice ao menino e inclinar a cabeça para a mãe a modo de despedida, abandonou a casa fechando devagar a porta atrás de si.



O sol abaixava lentamente sobre o horizonte quando Estrella se dispôs a andar novamente para sua casa.

O caminho de terra, terrivelmente estreito e desfigurado por profundas rodas de carroça, passava por entre as casas de pedra que se erguiam apinhadas ao pé da rua principal, separadas entre si somente por seu celeiro correspondente ou por algum velho carvalho revestido de musgo. A prolífica hera e o verde, tão característicos dessas terras e de um clima tão úmido como lúgubre, semelhava engolir às escuras paredes de pedra que nessas horas, sob as luzes do crepúsculo, pareciam desprender uma certa áurea fantástica.

Estrella jogou o capuz sobre a cabeça e acelerou o passo. Ainda faltava um pouco mais de um quilômetro até a cabana e o trecho que tinha adiante era muito íngreme e irregular, infestado de pedras, barro. Repreendeu a si mesma por ter ido ao povo sem uma lamparina. Tola, mais que tola! Se a noite chegasse logo, sem lua nem iluminação de nenhum tipo, corria o risco de torcer um pé ou de cair de bruços no meio do caminho enlameado.

Já havia deixado a cidade para trás quando o viu na beira da estrada, encostado no tronco de uma castanheira. Rolando Pardo olhou para ela com um sorriso torto em seus lábios e um olhar obsceno brilhando em suas pupilas. Estrella estremeceu. Aquele homem era um canalha, bêbado e briguento. Além de um covarde. Ele sempre se aproveitava



de qualquer ocasião favorável para se aproximar dela com fins depravados, como um animal rastejante. Como realmente foi. Uma pontada de cautela forçou-a a parar por pouco mais de um segundo; mas ela própria a forçou a se recompor mentalmente e continuar andando.

Não pôde evitar lhe olhar de soslaio. Rolando cruzava uma perna diante da outra, guardava as mãos nos bolsos e fazia dançar um cigarro entre os dentes. Vestia um calção curto e apertado, preso sob o joelho, e uma camisa de tecido branco coberto por um colete curto.

— Vá, vá, vá — murmurou sem variar um ápice sua posição — a bruxa da Fraga em pessoa.

Estrella inclinou a cabeça e apurou o passo para tratar de dar a volta, mas o homem, sorriso como lobo em riste, reagiu imediatamente e começou a segui-la pelo atalho.

— Não lhe ensinaram que é de má educação ignorar quem está falando com você?

Estrella continuou sem dar atenção, embora suas pernadas se tornassem mais enérgicas e a força com que a rodeava o estojo de primeiros socorros contra o peito se incrementou grandemente.

— Acredito que alguém terá que te ensinar boas maneiras, bruxa... — cuspiu com desprezo. Agarrou-a pelo



pulso e com um violento puxão a obrigou a parar e se virar para ele.

As imagens se atropelaram em sua cabeça. Rolando bebia, fumava e jogava às cartas com seus comparsas no botequim do povo. Aquela tropa de descarados se fazia acompanhar por várias mulheres de duvidosa reputação e escassa moral que a essas alturas luziam muita carne para tão pouca roupa e pareciam tão bêbadas quanto eles. Mais tarde Rolando, cambaleando, desabotoava o cinto da calça e, com o membro na mão, deixava-se cair entre as pernas de sua jovem acompanhante, que dormia com sua embriaguez sobre o feno de um palheiro, antes de começar a se mover em cima dela em violento frenesi. Também viu Rolando escondido como o rato furtivo que era na habitação de sua mãe, enquanto a infeliz anciã dormia, para roubar as escassas joias que a pobre viúva possuía e poder assim custear seus vícios.

De um forte puxão se liberou de seu agarre. O coração golpeava em seu peito. Estava tão assustada que mal podia controlar sua respiração.

— Solte-me, Rolando, ou te juro que não respondo por mim! — Gritou com os olhos fora de suas órbitas.

— E o que fará, bruxa? Invocará ao diabo para que venha em seu auxílio?



Ofegante, cravou nele um olhar terrível.

— Quer arriscar a descobrir?

— Eu não tenho medo — respondeu, e de um tranco a prendeu contra uma árvore. A violência do impacto obrigou Estrella a soltar um ofego. Rolando tinha quase dois metros, robusto como um armário e duro como uma pedra; e ela uma jovem de constituição miúda de apenas um metro sessenta de estatura. Encurralá-la e submetê-la ia ser um jogo de criança para aquele monstro.

Escorregou uma mão com avidez sob as saias de Estrella, desenhando um pérfido sorriso nos lábios ao alcançar a liga que rodeava à altura de sua coxa.

— Não se atreva a me tocar, não se atreva... — rugiu fora de si, esperneando e tratando de que aquele crápula não alcançasse seu destino — Ou juro que se arrependerá!

Rolando sorriu malicioso.

— Não sei por que lhes dá tanto medo, se no fundo não é mais que uma mulher como outra qualquer — murmurou contra sua orelha, chupou seu pescoço empapando-o com suas babas. Escorregou a mão pela perna de Estrella, abaixando a meia até o tornozelo e abrangendo o osso com seus dedos embrutecidos. — Estou seguro de que ninguém esteve alguma vez por aí abaixo, verdade? Deixará que eu seja o primeiro em comer esse pequeno doce?



Animado por sua luxúria, intercambiou o peso de um pé a outro e se afastou ligeiramente para se conceder maior mobilidade nos braços. Aquele foi seu maior engano e o momento em que Estrella aproveitou para reagir, levantando a perna e dando uma forte joelhada em suas partes nobres.

— Ai! — Gemeu, curvado sobre si mesmo, enquanto levava as mãos entre as pernas e uivava como um lobo. Estrella, com o coração a ponto de sair do peito, recolheu suas saias e aproveitou para fugir pelo atalho como o diabo foge da cruz. — Isto não ficará assim, Estrella Castanheira, juro que não se livrará de mim até que consiga me colocar entre suas pernas! — Um novo gemido amorteceu suas seguintes palavras — E eu a terei, porra!

Estrella se fez surda à ameaça daquele monstro e correu atalho acima em uma fuga espavorida, ignorando os espinheiros que descarregavam contra seu corpo. O sangue se amontoava nas têmporas e fazia zumbir o interior de sua cabeça. E já não foi capaz de ouvir nada mais daquele estrondo interno ou do eco sonoro de sua respiração. Inclusive por um momento deixou de ver, como se usasse as vendas que põem às montarias para que não se distraiam.

Não lhe importou tropeçar e cair de bruços em várias ocasiões, onde se levantava e corria até se ver a salvo no interior de sua cabana. Uma vez ali trancou a porta e ficou de guarda atrás das venezianas durante o que lhe pareceu uma



eternidade. Só depois de comprovar que aquele monstro não a seguiu e que no exterior não se escutavam mais que os sons próprios do bosque, meteu-se na cama, cobrindo-se completamente com a colcha enquanto continha sua respiração tratando de escutar algo. Todos seus sentidos permaneciam alerta, seu coração desbocado e seus olhos abertos como pratos.

Aquela noite não conseguiu dormir sem uma vela acesa na mesa e o atiçador da chaminé firmemente preso entre as mãos.

Estrella se sentia furiosa consigo mesma. Não queria ter medo, e, entretanto, não podia evitar sentir temor e insegurança em partes iguais.

Durante muitos anos vivia sozinha no meio do bosque; só naquela precária cabana de madeira com a única companhia de seu gato Micifuz e sua própria sombra. De algum modo se acostumou a sua solidão, ao bosque, ao silêncio, da noite... e chegou a se sentir cômoda dentro daquele cenário. Nunca imaginou a possibilidade de chegar a sentir medo dele, ou de se sentir insegura nele. Nunca até então.



Mas desde que Rolando a atacou na saída do vilarejo não podia evitar sentir-se vulnerável e desprotegida. Pela primeira vez começava a ser consciente da realidade de sua situação: de que não era mais que uma mulher vivendo sozinha em meio da Fraga e de que qualquer desalmado que albergasse a intenção de lhe fazer dano, poderia fazê-lo. Por mais que resistisse com todas suas forças, e por sua vida que assim o faria! Não deixava de ser tão só uma moça de constituição ligeira que não poderia oferecer mais que uma modesta resistência a qualquer homem. Muito menos a aquele canalha de quase dois metros.

— Sei, Micifuz, sei — comentou arranhando a barriga do gato — O valor não é a ausência do medo, a não ser o domínio deste.

Suspirou esgotada apertando as têmporas. Não era a primeira vez que Rolando tentava ultrapassar o limite com ela. De fato, Estrella recordava que desde meninos aquele moço parecia sofrer algum tipo de obsessão por ela. Ou transtorno, ou alienação, porque realmente ninguém poderia negar que os olhos do Rolando não representassem os olhos de um autêntico transtornado.

Possivelmente se tratasse simplesmente de que Estrella supusera esse fruto proibido que, precisamente por sê-lo, resultava-lhe mais delicioso a um homem de apetites vorazes dominado pela gula e a luxúria. Ou possivelmente acontecia



que Estrella devia ser a essas alturas das poucas mulheres da Arcádia que não sucumbiram ainda a seus encantos masculinos. Arrogante caipira! Bruto, asno e sujo gastador!

Estava convencida de que Rolando era um tipo perigoso e obcecado que não retrocederia em seu intento até alcança-lo. E esta certeza abalava muito o espírito já amedrontado de Estrella. Entretanto a vida devia continuar e não podia se deixar abalar por um depravado de alma suja como aquele. Estava claro que sua situação não ia mudar. Era provável que jamais fosse contar com a companhia de um homem a seu lado para defendê-la e velar por ela, por isso devia aprender a defender-se sozinha, como sempre fez desde que sua avó e sua mãe abandonaram o mundo dos vivos. Não podia contar com ninguém mais, só tinha a si mesma; assim que o melhor era cuidar da situação, deixar os medos de lado e continuar caminhando.

— Afinal Rolando Pardo não é mais que uma sanguessuga pensou. — E como se faz para se livrar das sanguessugas, Micifuz? — O gato ronronou em resposta. — Pois sim, as esmaga.

Por isso dois dias depois daquele horrível encontro desceu de novo ao vilarejo para saber da saúde do avô de Miguel. Sentiu-se muito contente de saber que o ancião evoluía favoravelmente; a dor e o inchaço da perna estavam muito melhor. Não mostrava sintomas de infecção e



tampouco havia indícios de nenhuma complicação maior. Portanto o melhor era continuar com repouso e com emplastros de camomila e romeiro para baixar a inflamação. Aquelas eram as grandes satisfações de seu ofício, criticado e censurado pela maioria, agradecido e elogiado por outros.

Tratou de retornar à segurança de sua cabana seguindo um atalho (e evitando a parte onde Rolando a esperou da última vez) quando o novo itinerário a obrigou a cruzar em frente à Igreja. Normalmente e quando não havia missa o templo costumava permanecer fechado. Mas naquela ocasião o pórtico estava totalmente aberto com seu guardião particular parado sob a soleira.

Estrella o olhou de lado a lado e suspirou com aborrecimento. Não era Rolando, mas tampouco era um prato apetecível de saborear.

— Que não me veja, que não me veja... — suplicou apenas em um murmúrio.

Dom Evaristo era um ancião muito desagradável e desrespeitoso que sempre mostrou para ela um ódio doentio. Pequeno e rechonchudo como um barril desses que tanto gostava de beber, o pároco permanecia de braços cruzados enchendo completamente o vão da porta. Sua figura gorda, embutida à força em uma batina a ponto de arrebentar por causa da grande barriga, recordava por razões óbvias a figura de uma moringa.



Quase careca por completo (à exceção de quatro mechas espaçadas que tinha no cocuruto), quase não tinha ombros, com o cenho eternamente franzido e um nariz tão grande que bem poderia ganhar a vida como provador de essências, o ancião a observava através de seus olhos de camundongo.

— O que veio fazer ao vilarejo, bruxa? — Exclamou, franzindo seus lábios finos e arroxeados.

Estrella tratou de o ignorar. O passar dos anos e a experiência com determinado tipo de pessoas lhe ensinou que não havia maior desprezo que não dar atenção. Mas estava claro que dom Evaristo desconhecia semelhante ditado e seguiu falando.

— A quem vieste enganar desta vez? — Desceu os braços, apertou os punhos nos lados e inflou o peito tentando oferecer uma imagem de severidade. Mas nem seu tamanho e suas proporções favoreciam tal propósito. — Sua presença aqui não é bem recebida, bruxa do demônio, volta para sua cova com suas beberagens satânicas e deixa aos filhos do Senhor viver em paz!

Estrella se deteve em seco. Estava farta daquele povo hipócritas associasse constantemente seu nome com o do diabo. Pode ser que a sua avó e a sua mãe não se importassem, de fato em diversas ocasiões ambas as mulheres se serviram do respeito que semelhante associação provocava em outros para seu próprio benefício; mas ela



estava farta de que a ultrajassem constantemente sem razão. Estava cansada de ouvir falar de demônios, defuntos errantes, espíritos do inferno e almas corrompidas em espera de julgamento. Pelo amor de Deus, ela não era mais que uma moça como outra qualquer! Uma moça de dezenove anos com medos e ilusões, com desejos e esperanças! E com determinados dons e conhecimentos que lhe foram transmitidos sem ter desejado. Quando aprenderiam a deixá-la viver em paz?

— Se vou até lá é porque me chamam, senhor.

— Porque você lavou seus cérebros com suas mentiras! — Bramou fora de si; e suas bochechas flácidas, sacudiram, em ambos os lados de seu rosto. — Sei o que está fazendo: pretende desencaminhar meu rebanho, fariseu, como sua avó e sua mãe — sua voz venenosa se esgotou — Às que o diabo chamou felizmente a sua presença!

Estrella enrijeceu. Foi essa navalhada no coração o que provocou a repentina falta de oxigênio? Ou foi a coceira detrás de suas pálpebras?

— Não fale da minha avó e nem da minha mãe, dom Evaristo, ou do contrário...!

A raiva a obrigou a silenciar. Encorajado ante seu silêncio, o padre abandonou seu refúgio sacro para aproximar-se dela com seu andar de ganso.



— Do contrário o que, filha do Belzebu?

Estrella cerrou os dentes tão forte que por um instante temeu que lhe saltassem fora. Os punhos fechados a seu lado, com os nódulos completamente brancos, evidenciavam a raiva que fazia ferver seu sangue.

Entretanto, no último segundo, a imagem de sua avó e de sua mãe, sorrindo e lhe sussurrando sabiamente com afeto "calma, pequena, faz ouvidos surdos às palavras dos tolos, você é mais forte que todos eles", obrigou-a a engolir sua fúria (e o gosto amargo) e dar meia volta. Seus olhos, porém, acabaram completamente velados pelo pranto.

— Isso, vá! — Provocou o pároco, elevando seu punho em alto. — Vá reunir-se com os teus e com o macho caibro que lhes representa! E não volte a pisar em Arcádia ou farei que lhe prendam, maldita bruxa! Falo muito sério! Deveria arder na fogueira como todas as de sua laia!

Uma onda de calor subiu por seu pescoço para instalar-se em seu rosto, deixando arder suas bochechas como brasas acesas. De seus olhos brotavam as lágrimas como de um manancial. Lágrimas de raiva e impotência; mas também de tristeza por todas as mulheres que, como ela, foram acusadas injustamente e conduzidas a uma morte atroz nas mãos de homens como o que agora destrambelhava ante seus olhos.



Por todas elas, por sua avó, por sua mãe e por si mesma, voltou para o pároco com o brilho de um ódio ancestral nublando suas pupilas. Levantou uma mão e, com o dedo acusador em alto, brandiu-o para seu inimigo como se de uma espada justiceira se tratasse.

— Que o céu que nos cobre rompa em mil raios e que todos caiam sobre você, despedaçando por completo sua alma; e que os cães do inferno venham a levar seu corpo arrastado, desmembrando-o e devorando suas vísceras até que não reste de você mais que uma negra lembrança!

O padre retrocedeu assustado diante da maldição. Ficou lívido e seus lábios arroxeados tremiam no que se supunha que seria uma oração. Sem deixar de fazer cruzes e murmurar, correu capengante para a Igreja fechando a porta atrás de si.

Estrella respirou fundo e olhou ao redor. Por sorte não teve testemunhas de seu desencontro; e se teve, cuidaram de permanecer a salvo atrás das venezianas. Tão só o grasnido de um corvo na lonjura perturbava a quietude do pôr do sol.

Inalou profundamente e alisou o espartilho, tratando de se recompor e seguir com dignidade. Embora por desgraça, nem a dignidade nem a estabilidade estavam a seu alcance nesse momento. Sentia-se enjoada, tremia, seus joelhos se chocavam, o sangue pulsava em suas têmporas, a indignação fervia em seu peito como em um caldeirão fervente...



Apesar de tudo isso conseguiu coragem o suficiente para elevar o queixo, endireitar as costas e abandonar o vilarejo a tropicões, ignorando o choro que brotava de seus olhos e o tremor que dobrava seus joelhos.

Pouco depois se debruçava sobre a mesa, chorando tanto desesperada que a levou a se engasgar e ofegar com cada respiração.

Micifuz não deixava de roçar seu nariz contra o rosto choroso de sua ama, esfregando-se insistente e passando o lombo sob seu queixo. Estrella o agarrou em braços e o deixou no chão. Não estava de ânimo para jogos e nem sequer para receber a compaixão de seu melhor amigo.

Não sabia por que agiu desse modo e no que fez; mas nesse momento se arrependia enormemente de ter se deixado levar por sua impulsividade e pelo ódio ancestral que lhe inspiravam dom Evaristo e todos os que pensavam como ele. Não podia entender como aqueles servos do Senhor que tanto se gabavam de fazer o bem e atuar em nome de Deus, (única e exclusivamente em nome de Deus) comportavam-se de um modo tão intolerante e cruel. Nem como se atreviam, sempre em nome de seu Deus, da verdade e da justiça, a julgar e castigar com torturas cruéis a aqueles que desafiavam seus



ensinos e se atreviam a pensar por si mesmos, afastando-se do que eles consideravam a sã moral católica. Recordou, como tantas vezes sua avó falou sobre os casos da Maria Solinho, Ana de Castro ou Luzia Fidalgo, mulheres inocentes que foram acusadas injustamente de heresia e bruxaria, sendo difamadas por seus próprios vizinhos por entendimentos com o diabo e outros feitos jamais comprovados. O infinito poder de uma instituição intocável jogou sobre elas com todo o peso da razão e da justiça; o histerismo coletivo se apropriou daqueles que se consideravam fiéis servos do Jesus Cristo e já não houve opção a réplica. Quando a Santa Igreja golpeia, todas as rãs devem resignar-se a deixar de coaxar. E aceitar ser esmagadas se os juízes e carrascos sentados em seus tronos de ouro assim o consideram. "Não permita que joguem contigo, Estrelinha - estava acostumada a lhe dizer sua mãe - que não manipulem sua mente. Não faça mau, tão só está ajudando ao próximo que necessita de sua ajuda. E Jesus jamais poderia te odiar por isso. É um instrumento divino, Estrella, e os dons que quem lhe concedeu foi Deus, não o Diabo. Utiliza sempre esses dons para fazer o bem, só para fazer o bem.

Mas tome cuidado, menina, existe gente muito má e invejosa que não suportará ver que vive em paz consigo mesma e tentará te afundar. Não te deixe arrastar por eles; não permita jamais que seus atos lhe comprometam, que sua



mão esquerda não saiba o que faz a direita... e não terá nada que temer.

Levou as mãos ao rosto para ocultar o profundo soluço. Acabava de desobedecer a um dos principais conselhos de sua mãe. Santo Deus, jamais deveria ter agido de forma tão passional! Sabia que a maldição que jogou em dom Evaristo era completamente inofensiva, tão só palavrório troca sem nenhum valor real, mas ao emitir tais palavras se rebaixou ao seu nível, caindo completamente em sua armadilha e se mostrando ante seus olhos com a forma que ele queria lhe dar: a de uma bruxa maléfica subordinada ao diabo. Agora toda Arcádia teria confirmadas suas suspeitas.

Era consciente também de que o Santo Ofício, vigilante insone da moral católica e inimigo declarado das novas ideias, podia cair sobre ela em forma de justiceiro se chegasse nos ouvidos de seus juízes, alguma referência de seus atos. Embora não existisse nada ilegal em seus remédios, o simples feito de que obedecessem a uma família ancestral consistente em curar mediante garrafadas, infusões ou cocções de folhas e raízes podia dar que pensar em magia e bruxaria. Tudo o que escapasse ao raciocínio daqueles fanáticos podia dar a pensar em magia e bruxaria.

Ou simplesmente o mero feito de que quem manipulasse esses remédios fosse uma mulher. Sabia perfeitamente que uma mulher podia ser acusada de bruxaria pelas razões mais



ridículas: simplesmente pelo fato de ser mulher, viver sozinha sem depender de um homem, possuir animais considerados portadores de infortúnio ou ter alguma marca corporal vinculada com o maligno. E ser uma mulher curadora, curandeira e entendida em ervas e feitiços, era condição suficiente para ser acusada de bruxaria, detê-la, torturá-la e finalmente queimá-a viva.

Santo Deus, em que confusão se colocou!

Bruxa, bruxa, bruxa!

Pela primeira vez em sua vida tais palavras lhe inspiraram um medo terrível.



Capítulo 3

— É como lhe digo, Arturo; desde que essa bruxa me jogou sua maldição não sou mais eu mesmo — queixou-se dom Evaristo, saboreando o vinho doce do prefeito. — Ando frouxo do ventre todo o dia e sinto uma estranha debilidade aqui no estômago que não me passa com nada, e isso que Lourdinha cozinhou esta manhã uma perna de cordeiro de lamber os dedos — A gula se refletia perfeitamente na saliva acumulada nas comissuras ao recordá-lo — Nada, parece que não há coisa que me satisfaça sob as estrelas!

— Pois sim que deve ser importante a coisa se lhes tirou o apetite, dom Evaristo — ironizou o prefeito. — Terei que dizer a Venencia que não se incomode em nos trazer a torta de maçã e mel que preparou para a sobremesa.

O pároco se endireitou em seu assento, tratando de acomodar suas proeminentes nádegas no reduzido espaço onde se sentou.

— Homem, não façamos desfeita à mulher — respondeu afrouxando o sobretudo —Que trabalho teve ter tido ao passar toda a tarde preparando o bendito doce! — Pigarreou. —



Embora não vá desfrutar, posso lhe assegurar que não o desfrutarei, farei o esforço por ela. Que o traga, que o traga!

Dom Arturo sorriu e fez soar a campainha. Quase imediatamente apareceu a criada com uma grande torta adornada com folhas de hortelã. Dom Evaristo não esperou para servir uma porção descomunal de bolo. Enquanto o devorava com uma voracidade quase animal, continuou falando com a boca cheia:

— Temos que fazer algo com essa criatura malévola, Arturo, cada dia que passa estou mais convencido de que está possuía por espíritos perversos. – Grossas migalhas escapavam de sua boca e voavam por toda parte. — Sua conduta desafia nossa autoridade.

— Sua autoridade, quer dizer.

O padre suspendeu por um segundo o árduo trabalho de mastigação para observar perplexo ao prefeito. Acaso lhe insubordinava? Acaso ignorava o perigo que aquela apóstata supunha para o povo? Estava claro que Arturo não era como seu defunto pai, o anterior prefeito da Arcádia. Ao menos o velho Figueroa era fácil de corromper e absolutamente intransigente com a feitiçaria. Avermelhado e suarento, levantou um dedo para dar maior ênfase a seu argumento:

— A autoridade da Santa Igreja católica, não o esqueça!



O prefeito, sentado à cabeceira da mesa, mexeu na barba enquanto observava com atenção a seu interlocutor, que se sentava à cabeceira oposta e bufava como um touro preso. Engolir daquele modo, tendo em sua conta exageradas dimensões e a brevidade de seu pescoço, supunha uma insensatez.

— Não deve se sentir ameaçado por ela, dom Evaristo. — O aludido soprou em desacordo. — Afinal ela não é mais que uma menina.

— Não é uma menina! — Rugiu. E tanto as flácidas bochechas como a papada vibraram ante a veemência de suas palavras. — É a viva encarnação do mal, a esposa do demônio! Essa criatura é uma ovelha negra, uma maçã podre, uma alma corrupta onde ameaço perder! — Tirou um lenço de alguma parte e começou a limpar com ele as gotas de suor do seu rosto. — E acredite Arturo, devemos arrancar as ervas daninhas pela raiz antes que acabem por corromper a todo o povo.

Arturo não soube o que dizer. O rosto de Caridade Castanheira, a mãe de Estrella, lhe veio à mente e uma estranha pontada, que bem poderia ser consequência do remorso, surpreendeu-o apertando seu peito. E realmente supôs uma grande surpresa, pois Arturo Figueroa não sofria de remorsos ou peso consciência por causa de ninguém.



"Não é sua responsabilidade, Arturo, jamais sua responsabilidade", a voz de sua injustiça o martelava nas têmporas, animando uma vez mais a sacudir-se de cima a responsabilidade, como quem se sacode o pó de uma roupa.

— Em realidade não vejo que dano pode fazer consertando ossos quebrados e curando os animais de nossos estábulos. Trata-se de medicina tradicional. — Dando de ombros. — Nas zonas rurais sempre se tratou assim.

O padre, com seu exagerado cenho franzido, destacou os Montes e povoados que ocultavam quase por completo seus olhos de camundongo.

— E lhes atrevem a chamar medicina ao que faz essa herege? Quem lhe ensinou se não os espíritos do submundo? Jamais estudou nem se formou de forma privada como um doutor em medicina, posto que na Arcádia carecemos de um, portanto, se possuir conhecimentos para diagnosticar enfermidades e devolver a saúde será porque esses conhecimentos lhe foram revelados pelo diabo! Sua perícia, sua habilidade, são provas de um pacto com o diabo! —
Sua avó e sua mãe curavam as pessoas do povo desde muito antes de...

— Esse não é trabalho para uma mulher! — Inalou pelo nariz e tratou de se acalmar. — Neste país temos homens qualificados que estudaram e obtiveram títulos acadêmicos em Medicina. Medicina de verdade! É a eles a quem deveria



encomendar os males de nosso corpo, e não a uma mulher que se dedica a empregar ritos pagãos e enganos para sarar a um grupo de ignorantes.

— Não acredito que...

— Seus métodos divergem com os ensinamentos de nossa Igreja, Arturo, e não se fala mais nisso! — Resolveu, servindo uma nova e generosa porção de torta. — Devemos lhe dar um castigo; prendê-la por suas bruxarias, uns bons açoites e bani-la da Fraga. Morto o cão se acabou a raiva.

Mas Arturo não estava muito de acordo com isso. Principalmente porque estava seguro de que o espírito de Caridade Castanheira não lhe deixaria viver em paz se acontecesse algo de ruim com sua única filha. Por outro lado, ele sabia que o que Estrella fazia não punha em perigo a ninguém e que suas bruxarias e conjuros (embora invocassem a seres que não eram deste mundo) obedeciam somente a um uso funcional. E sim, tendo que ser objetivos: seus métodos, por pouco heterodoxos que fossem, contribuíam com soluções aos problemas cotidianos dos vizinhos. Seus feitiços resultavam... pragmáticos, e serviam para curar enfermidades e gerar ilusões em quem recorria a eles. Não via que mal podia haver em todo isso.

— Não é prudente que façamos nada do que menciona — comentou com estudada indiferença, embora com uma firmeza na voz que não deixava opção a réplica. — Não



contamos com nenhuma acusação firme e não acredito que um dos vizinhos queira atestar contra ela. Se Estrella Castanheira desaparecesse, não teriam a quem recorrer, e sabem.

Dom Evaristo se levantou bruscamente, derrubando a cadeira a suas costas. Jogou o guardanapo sobre a mesa e ofegou como um porco indo para o matadouro. Na verdade, sua cara nesse momento estava tão encharcada e vermelha como estaria a cabeça de um leitão ao que lhe apresentassem a visão da faca.

— É inadmissível! É dever dos bispos de Cristo preservar a Fé católica e inquirir a todos os que atentem contra ela! E você, Arturo Figueroa, está obstruindo esta missão sagrada!

Arturo continuou sentado, inabalável. Por dentro tremia como se o sangue de suas veias tivesse sido substituído por gelatina.

"Não se envolva, Arturo, essa criatura não é de sua responsabilidade", repetia insistente sua consciência.

— Acalme-se, Dom Evaristo, não pretendo obstruir nenhuma missão sagrada, sempre me mostrei a favor de você e da Santa Igreja. — Dom Evaristo voltou a se sentar com certa relutância. — Somente digo que não é momento de nos colocar dessa forma.



O páraco grunhiu algo baixo sem deixar de olhar ao prefeito através das ranhuras sinistras em que se converteram seus olhos.

— Não é o momento, não é o momento! — Bufou. — Não sei o que estamos esperando! Por acaso faz falta surpreendê-la dançando no bosque ao redor de uma fogueira ou banhando-se nua à luz da lua? Faz falta que nos empurre sapos pútridos pela boca ou que nos surpreenda sobrevoando o céu montada em uma vassoura?

Arturo Figueroa meneou a cabeça sentindo-se cansado.

— Fala a sério, Dom Evaristo? De verdade pode acreditar ainda em semelhantes boatos? — Conteve um ofego. — Sobrevoar o céu em uma vassoura? De verdade?

Dom Evaristo resfolegou como um animal.

— Vamos agora mesmo a sua casa! Estou seguro de que em suas panelas coze ratos e demais animais e que os livros que esconde em seus armários são livros proibidos de origem estranha, diabólicos, muito longe da fé cristã. Terá suficiente prova então?

Arturo estalou a língua.

— Não vamos à casa de ninguém munidos somente de suspeitas e falsas acusações — suspirou aborrecido. — Prometo que a menor queixa ou acusação que receba contra



Estrella Castanheira a mandarei capturar e será julgada por um tribunal civil. Mas só e quando existir uma queixa formal contra ela.

Dom Evaristo esboçou um sorriso maligno ao mesmo tempo que meneava a cabeça com desaprovação.

— Engana-se, Arturo, a menor queixa ou acusação contra essa bruxa o assunto ficará em mãos do tribunal do Santo Ofício.

Arturo sentiu um nó em sua garganta. Afrouxou a gravata, mas o incomodo não vinha do vestuário, vinha do remorso que agora obstruía sua garganta e ameaçavam asfixiá-lo. Não pôde evitar que um calafrio percorresse sua coluna de cima abaixo, sentiu frio no estômago e a vontade mediata de vomitar que provoca o medo. Mas sua contrição durou só um instante, pois logo após se recompôs e se recriminou internamente por comportar-se como um estúpido.

"Eu lhe disse que não é da sua conta, Arturo, só ela está procurando por sua ruína!"

— Seja como você diz, se assim lhe agrada.

Aquelas palavras pareceram satisfazer ao padre, que era muito ciente de que cedo ou tarde a bruxa cometeria algum erro que lhe permitiria jogar a corda em seu pescoço. E jogá-la à fogueira onde pagam seus pecados as almas corruptas.



Uma vez que ficou a sós e antes de reunir-se no quarto com sua esposa, que a essas horas dormiria roncando como um porco, Arturo Figueroa se fechou no pequeno quarto que exercia de escritório em sua residência. Com cuidado de não fazer ruído levantou a persiana frontal do escritório secreto e, tirando uma diminuta chave do bolso de sua casaca, abriu um dos caixotes pequenos. Depois de medir sob a vela que lhe proporcionava seu castiçal, pareceu encontrar ao fim o que foi procurar.

Tomou o saquinho de linho entre os dedos e o aproximou da luz oscilante da vela. De seu interior extraiu uma fina corrente de prata alemã que dançava uma medalha minúscula. Depois de olhá-la durante um comprido minuto a levou aos lábios, sem beijá-la, para deixar-se envolver pelas lembranças que aquela peça lhe trazia.

— Esta tua filha não faz mais que nos dar dores de cabeça — murmurou sem separar os lábios da joia — Ensinaste-a bem, é tão indomável como você. — Um amplo sorriso foi a seus lábios. — E como você, ela também enlouquece a dom Evaristo.

O silêncio foi a única resposta que lhe veio. Ele continuou falando com os lábios perto da corrente, como se o



receptor de suas palavras recebesse com maior nitidez desse modo.

— Mas se continuar agindo de um modo tão imprudente acabará na forca ou na fogueira. — Seu tom extremamente sentimental deixando de lado seu habitual mesquinho e sombrio. — Deveria tê-la afogado quando nasceu. Disse-lhe isso muitas vezes.

De forma inesperada, a chama do castiçal oscilou uma última vez antes de extinguir-se por completo. Arturo, com medo, sentiu um frio resistente acariciando sua nuca e lhe arrepiando o pelo nessa parte do corpo. Exalou, e o ar que saiu de sua boca ficou sinistramente perceptível em meio da escuridão.

De forma apressada guardou a correntinha em sua bolsa e a escondeu de novo na gaveta. Fechou com chave, baixou a persiana e murmurou à escuridão.

— Não tente me assustar — bradou ao silêncio e a escuridão. — Sabe tão bem como eu. Nunca deveria ter nascido.

Estrella se endireitou e colocou os braços nos quadris. O diagnóstico era claro.



— Não se preocupe, Adela, que não tem nada mau. — A aludida suspirou em profundidade, tal era seu alívio. Em seguida escorregou o vestido pelas costas para cobrir sua nudez. — Esse enrijecimento e essas fissuras na sua pele são provocados pelo frio que começa a nos visitar. Na verdade, não recordo um setembro tão frio em muito tempo.

— Menos mal, acreditei que se tratava de algo mau. De todo jeito me dói muito, Estrella, sobretudo cada vez que tenho que lavar; acabo com os dedos sangrando. — Enquanto falava colocava as roupas com calma. Estrella se aproximou de sua prateleira de folhas e unguentos medicinais e procurou com atenção, mordiscando um dedo durante o processo, para decidir-se por uma pequena garrafa marrom fechada com rolha.

— Passe a noite este óleo de hera nas vermelhidões e nas fissuras; suavizara e ajudará a aliviar a coceira.

Adela Pereira, uma moça pequena, com cabelo dourado de aproximadamente 20 anos, e que Estrella considerava sua melhor amiga, tomou com cuidado o frasco das mãos de Estrella, apertando entre os dedos e olhando-o fascinada como se tratasse de um elixir divino. Como a moça levava luvas de linho para ocultar suas feridas, o contato com a suas não trouxe a Estrella nenhuma descarga emocional.

— Obrigado Estrella. — Do bolso de sua casaca tirou uma moeda brilhante que depositou com cuidado na palma da



bruxa. Estrella sorriu. Adela era jovem, mas apesar de sua juventude sofria problemas de pele e reumatismos impróprios de sua idade que se viam incrementados com a chegada do inverno. Sem dúvida viver no vale profundo da montanha, com o clima úmido e frio como uma constante, não favorecia aquela jovem. Na verdade, teria que ser muito forte para suportar viver naquelas latitudes; sobre tudo se, como no caso da própria Estrella, encontrava vivendo completamente só nessa parte do mundo. E em pleno inverno caminhando sobre metros de neve fresca, com os pés frios e os dedos cheios de frieiras.

Estava claro que Estrella pouco podia fazer pela ossatura de sua amiga, mas sim podia aliviar seus problemas de pele.

— Procura seguir minhas instruções e verá como em breve notará melhora.

Os olhos da Adela transbordaram gratidão. Durante um segundo olhou Estrella com ternura; em seguida meneou a cabeça e sorriu amplamente desenhando duas simpáticas covinhas em suas bochechas.

— Não entendo como essa gente pode dizer o que diz de ti.

Estrella pulou surpresa que diante daquelas palavras.

— E o que dizem?



A outra vacilou um instante.

— Que é má e que conjura espíritos malignos para fazer mal às pessoas.

Estrella mordeu os lábios ao interior da boca e foi consciente da coceira no interior de suas pálpebras.

— E você o que pensa?

— Que alguém que se preocupa tanto por ajudar a outros não pode ser má de nenhuma forma.

— Queria tanto que não fosse a única a pensar assim.

— Não o sou, e sabe. Se não, não deveriam solicitar seus serviços tão frequentemente.

— Pura conveniência, Adela. Não têm a ninguém mais a quem recorrer.

— Seja como for; se tivessem medo de verdade não se aproximariam nem a vinte metros da cabana. — Guardou o frasco no bolso e elevou para a moça um olhar curioso. — Dizem que jogaste um conjuro a Dom Evaristo.

Estrella estalou a língua.

— Quem o diz?

— Pois conforme tenho entendido, o próprio dom Evaristo.



— Isso não é certo! — Chutou o chão a modo de protesto. — Santo Céu, Adela, dom Evaristo possui tanto veneno em seu interior que não necessitaria mais que morder língua para morrer envenenado! — Meneou a cabeça. — Por sua boca só sai aquilo do que está cheio seu coração. E, Santo Deus, note o que sai de sua boca!

Adela, fingindo-se escandalizada, levou a mão aos lábios para ocultar seu sorriso.

— De toda forma, tome cuidado — aconselhou. — Qualquer dia te excomunga.

— Não se preocupe por mim, estou imunizada contra todo tipo de escândalos. E contra padres perversos, é obvio.

Adela franziu o cenho, sinceramente preocupada.

— Não brinque, sabe que te aprecio de verdade. — Encolheu os ombros e esboçou um sorriso zombador. — Além disso, quem me sanaria as feridas da pele se me faltasse?

Estrella tomou uma mão e a apertou em um gesto carinhoso.

— Se ficar mais tranquila prometo guardar no bolso uma castanha de índias contra o mal olhado — disse, suspirando. — Embora não acredito que tenham efeito contra o mau olhado desse padre maldoso.

Adela lhe devolveu o apertão e a olhou com ternura.



— Não tem remédio, Estrella. — Voltou para a porta e fez um grande esforço para abrir a trinco enferrujado.

— Isso diz dom Evaristo.

Esboçando um sorriso condescendente ante as ocorrências da bruxa, despediu-se dela com um gesto de cabeça e abandonou a cabana subindo as lapelas de seu sobretudo.

O sol se escondia lentamente sobre as copas das árvores cristalizando em centenas de linhas alaranjadas. Uma névoa densa, evidente, descia a montanha, provocando e avançando entre as samambaias e entre a legião de árvores por lento impulso invisível. Ao longe, em algum ramo escondido, grasnava um corvo e dezenas de olhos pequeninhos observavam da mata. Logo ia obscurecer e não lhe agradava a ideia de que Adela tivesse vindo até ali sozinha. A Fraga não era lugar para que uma mulher passeasse sozinha.

Enquanto a via afastar-se pelo atalho, avistou a poucos metros da cabana ao pequeno Miguel, sentado sobre um toco com os olhos fixos nela. Carregava um embrulho sob o braço e tinha os sapatos, como de costume, completamente enlameados. Vestia calças justas que não passava dos joelhos, uma camisa de algodão e um colete de tecido curto.

Sob as sombras do crepúsculo lhe pareceu menor e mais magro que nunca.



Estrella lhe fez um gesto para que se aproximasse, e Miguel respondeu com um amplo sorriso e obediência imediata. Entrou na cabana correndo e se sentou junto à lareira, estendendo as mãos sobre as chamas. Não se esqueceu de acomodar o embrulho entre os sapatos.

— Faz muito que está me esperando, Miguel? — Perguntou enquanto levava ao fogo uma panela com leite. Sabia que cada vez que Miguel vinha de visita o que mais gostava era beber leite quente adoçado e com um pouco de canela.

— Um pouco — admitiu.

— Não deveria vir tão tarde, logo será de noite e eu não gosto que perambule sozinho de noite pela Fraga. Sua mãe ficará zangada. E se zangará comigo também.

Miguel esboçou um sorriso trincado.

— Mamãe me deu permissão para ficar contigo se ficar tarde — disse, dando de ombros — assim te protejo se por acaso tem medo.

Estrella suspirou e um amplo sorriso adornou seu suspiro. Aquele menino era incorrigível, mas tinha que admitir que não lhe desagradava contar com um pouco de companhia nas longas noites de outono, sobre tudo agora que escurecia mais cedo e não se podia ficar lá fora por muito tempo. Micifuz era uma grata companhia, era certo, mas de



vez em quando queria contar com um interlocutor que respondesse aos seus compridos e incansáveis monólogos com algo mais que miados e ronrones. Embora neste caso o interlocutor não fosse mais que uma criança.

— Está bem, iremos nos proteger mutuamente.

Micifuz apareceu em cena com uma penugem enredada nos bigodes. Bocejou e se aproximou de Miguel, esfregando seu corpo nas pernas do menino enquanto o rodeava com a cauda.

— Bom, quis dizer que Micifuz protegerá nós dois.

Ambos riram. Estrella tirou da mesa uma peça de pão e queijo. Partiu tudo em partes iguais e entregou ao Miguel, acompanhada do leite já quente. O menino aceitou com gosto, fincando generosamente os dentes a tão apetecível manjar.

— Trouxe ovos — recordou de repente, assinalando o embrulho a seus pés. — Mamãe os tirou das galinhas faz pouco tempo.

Estrella meneou a cabeça. Sabia que a maior parte dos camponeses não podiam permitir-se comer os ovos de suas próprias galinhas, pois aproveitavam para vendê-los no mercado e obter dinheiro com eles. Portanto, semelhante oferenda era um autêntico tesouro.



— Eu adoro ovos fervidos, embora não devesse fazer isso. O dinheiro desses ovos viria muito bem.

Miguel a olhou em silêncio.

— Mamãe insistiu em que lhe deixasse isso, mesmo se protestasse.

Estrella sorriu. Conheciam-na bem.

— Pois então agradeça a sua mãe — concedeu, concentrando-se em seu jantar. — Por certo, como segue seu avô?

Miguel afastou a taça dos lábios, mostrando um gracioso bigode branco.

— Muito melhor, já caminha com ajuda de uma muleta.

— Alegra-me. É um homem muito forte, logo estará de novo trabalhando como antes.

Continuaram comendo em silencio durante um bom tempo enquanto a dança alaranjada das chamas iluminava seus rostos. De vez em quando o estalo das lenhas e o ronrono feliz do Micifuz perturbava a quietude da cabana. Quando terminaram de jantar, Estrella inundou as taças na terrina cheia água que usava para lavar a louça.

— Irá no sábado ao festival em honra a São Miguel? — Perguntou de repente o menino enquanto, distraidamente e



com um pau, desenhando na cinza. Estrella se sentou a seu lado com o Micifuz em seu colo.

— Eu não gosto das festas, Miguel...

— Nem você gosta do povoado, já sei! — Cortou chateado, lançando o pau ao fogo. — Não vai...

A moça sorriu compadecida.

— Você irá?

Os lábios do menino compuseram uma careta.

— É meu santo, esperava te convidar a dançar — confessou.

Estrella sentiu um golpe infinito de ternura e rodeou seus ombros em um abraço.

— Bom, sou solteira, não existe nenhum impedimento para que dance com um moço se me pedir isso — piscando os olhos — Embora meu par apenas me chegue pela cintura.

— Eeeeeh! — Protestou.

Estrella deu uma cotovelada brincalhona.

— Não se preocupe, Miguel Pedrosa, nenhuma de minhas botas tem muito salto. Ninguém o notará; não muito.

— Então, irá ao festival?



— Preferiria ficar em casa com o Micifuz...

— Irá? — Insistiu.

Estrella suspirou e descansou a cabeça no ombro do menino.

— Irei, mas somente porque um bom moço deseja dançar comigo.



Capítulo 4

No sábado, dia de São Miguel, o pátio da igreja foi decorado para se apresentar como um campo de celebração do festival. No final do templo, um arco feito com folhas de palmeira e uma flor de pita foi colocado, e na pequena parede que cercava a igreja, pequenos centros florais foram arranjados, baseados em hortênsias, galhos de ciprestes e taboas.

Dois gaiteiros vindos de alguma aldeia vizinha foram os encarregados entreter o dia. Ao meio-dia, depois da missa solene e da habitual procissão com a imagem de São Miguel ao redor da igreja, os músicos interpretaram vários temas populares para entreter aos paroquianos. Todos pareciam satisfeitos com a interpretação e muito agradados de como estava transcorrendo o dia. Embora o céu estivesse ameaçado de chuva, as grossas nuvens violetas que inchavam a abóbada pareciam contê-lo muito bem. Afinal, eles não tiraram suas melhores roupas do armário para que não pudessem se exibir adequadamente.

Depois de um momento de recesso, bate-papos informais e taças de vinho, cada qual se recolheu a sua casa



para passar o dia até a hora do festival. Estrella foi a casa dos Pedrosa como convidada especial. A mãe do Miguel, seu avô e o próprio Miguel, insistiram muito para que ficasse a almoçar e a passar o resto do dia com eles. Depois de refletir um pouco acabou por aceitar. Para ela era uma novidade; não recordava ter passado um dia inteiro fora de sua cabana nem ter contado, da ausência das duas mulheres mais importantes de sua vida, com outro interlocutor mais que o inquieto Micifuz e ocasionalmente o pequeno Miguel. Além disso, aquela família lhe fazia bem; sentia-se muito confortável com eles. Na casa dos Pedrosa não sentia necessidade de permanecer alerta ou de manter-se à defensiva, mas sim tudo transcorria em confiança e com normalidade. Acontecia como se ao passar pela porta deixasse pendurado na entrada seu papel de bruxa para converter-se em uma moça normal de dezenove anos. E pela primeira vez foi um alívio sentir-se assim.

A certeza de se encontrar com dom Evaristo em algum momento do dia na festa que foi montada na igreja quase fez Estrella desistir de assistir; não desejava um novo encontro com aquele homem que insistia em vestir-se com pele de cordeiro quando em realidade era mais cruel e desumano que os lobos do inferno. Finalmente e para alívio da moça o padre não supôs nenhuma ameaça real, pois uma vez terminado seu trabalho na missa evaporou como fumaça entre os dedos. Certamente teria aceito algum convite para comer na casa



que lhe oferecesse o menu mais suculento e variado. A repulsa de dom Evaristo pelos festejos pagãos era legendária.

Portanto, e na ausência de seu maior inimigo, a manhã passou calmamente. Ele passou a tarde com Miguelzinho e seu avô, jogando cartas e enigmas enquanto a dona da casa estava ocupada bordando no pátio para aproveitar a luz do dia.

Durante a tarde, os gaiteiros percorreram Arcádia fazendo soar suas gaitas de fole e detendo-se diante de cada casa que lhes oferecesse uma taça de vinho e alguma ninharia. Estrella admirou sua colorida vestimenta e a maestria com a que extraíam música daqueles instrumentos. Vinham de muito longe, de terras do Oriente, e por um momento Estrella sentiu inveja daqueles cujos olhos viram tanto e tão colorido. Ela jamais saiu daquela Fraga nem tinha planos de sair algum dia.

Ao entardecer os habitantes da Arcádia se reuniram de novo no pátio, frente ao adornado palco a que subiram os músicos e de onde já começavam a cantar:

"*Maruxinha da Forneira quando puder me faça um bolo, se fizer, faça de trigo que de milho não gosto …*"

Alegre som das gaitas de fole, assim como as animados bate-papos dos camponeses que se reuniram no campo formando pequenos grupos, enchiam o ar e se perdiam entre



as copas das árvores. O botequim, colocado estrategicamente ao lado da entrada do pátio, estava cheia. Era possível que nem um só paroquiano mais encontrasse um mísero espaço disponível em seu interior. De vez em quando se escutava dentro uma voz mais alta que a outra, alguma gargalhada grotesca fruto dos copos do vinho ou o som provocado ao cair uma taça ao chão e transformar-se em pedacinhos; mas a massa humana que se deixava ver através da porta não diminuía em nenhum momento.

Viu a Isabel Figueroa dançando com um moço de longa barba avermelhada, e se perguntou divertida se aquele seria o proprietário do traseiro movediço que descobriu no bosque dias atrás. Também viu Maria passeando de braço dado com Leandro, e o sentimento que experimentou ao vê-los juntos foi uma mescla de satisfação (ante o trabalho bem feito) e decepção (ante a péssima escolha da mulher). Adela, de pé no outro extremo do campo, levantou uma mão para saudá-la, e a ausência de luvas de linho fez Estrella compreender que as fissuras da pele de sua amiga começaram a melhorar. Com grande alegria lhe devolveu a saudação.

Estrella e Miguel dançaram até doerem os pés. Jamais dançou nem riu tanto e, embora fosse consciente de que a cada instante olhos invejosos a olhavam de cima abaixo ou cochichavam dela, propôs-se desfrutar da noite tal e como Miguel desejou que fizesse. De fato, era mais que provável



que o empenho do menino provocasse umas terríveis dores no dia seguinte.

A seu redor, os músicos seguiam cantando:

"A saia dá Carolina tinha um lagarto pintado, quando a Carolina dança o lagarto balança o rabo..."

Quando já a lua já estava alta e teve a certeza de não poder dançar uma só música mais sem cair desfalecida, despediu-se dos Pedrosa, alegando que devia voltar para a cabana para dar de comer ao Micifuz ou o gato faminto acabaria por destroçar tudo. Miguel insistiu em acompanhá-la pelo menos por um trecho, mas Estrella disse para ele não se preocupar, que ela conhecia o caminho como a palma de sua própria mão. E desta vez ela também fora cautelosa e descera à cidade com um lampião.

Jogou o capuz sobre a cabeça e se envolveu em sua capa antes de começar a andar rapidamente em direção ao bosque. Se queria salvar os grupos dispersos de casais em plena manifestação de seus afetos ou aos aldeãos ébrios que não fariam mais que atrasá-la, o melhor seria cortar pelo cemitério. Não achou ser um inconveniente. Estrella gostava dos cemitérios. Neles se respirava uma paz incomum; possivelmente porque, contra o que estava acostumado a pensar a maioria, só os vivos eram verdadeiramente perigosos na hora de fazer mal ao próximo. As almas que dormiam no cemitério eram completamente inofensivas.



Abriu a alta cancela de ferro que, ante o inesperado contato, soltou um lastimoso gemido capaz de ferir a quietude do lugar. Em silêncio, com a névoa da noite enredada em seus tornozelos, cruzou entre os santos de granito e os anjos de pedra que, com um dedo nos lábios, exigiam silêncio ao visitante enquanto exerciam de eternas sentinelas de seu panteão correspondente.

Os raios prateados da lua caíam de forma oblíqua sobre as cruzes e as lápides, concedendo-lhes uma aparência solene e por sua vez sinistra. Ao longe, o som adormecedor de uma coruja parecia tomar as pulsações de noite.

— Sabia que te encontraria aqui, Estrelinha. — Aquela voz, procedente de algum lugar entre as sombras, obrigou-a a parar. A seguir uma risada maliciosa a sacudiu de cima abaixo, percorrendo sua coluna vertebral e gelando o sangue em suas veias. — No fim tem razão todos os que te chamam de bruxa, posto que não faz mais que se comportar como tal!

Levantou o lampião para iluminar ao proprietário daquela voz que soava muito perto. Em realidade tampouco fazia falta: ela sabia perfeitamente a quem pertencia. O pranto prateado da lua cheia facilitou, entretanto, seu trabalho, iluminando parcialmente o rosto daquele homem entre as sombras.

Estrella apertou os punhos e tratou de recompor-se física e mentalmente para a batalha.



— Não quero problemas, Rolando, segue seu caminho que eu seguirei o meu.

A criatura, se aproximou e uma desagradável baforada a vinho e a essência amarga de tabaco chegou imediatamente até Estrella, provocando-lhe enjoo. Era óbvio que aquele cretino esteve bebendo e fumando como um gambá; e sua embriaguez, somada a sua habitual imprudência, não podia trazer nada de bom.

— Tampouco da última vez procurei algum problema e tive que voltar para casa com uma terrível dor em minhas partes! — Gritou, cuspindo com sua saliva o rosto da jovem enquanto elevava para ela um dedo acusador. — Mas hoje me vingarei, maldita bruxa do demônio! — Rugiu agarrando-se bruscamente entre as pernas e mostrando-lhe com insolência. — Hoje vais aliviar-me a inflamação que leva me inchando as bolas todo este tempo!

Estrella retrocedeu instintivamente, mantendo o lampião no alto a modo de barreira defensiva entre os dois.

— Não te aproxime mais, Rolando, ou juro que grito!

O outro soltou uma gargalhada enquanto fazia um grande esforço por manter-se em pé. De um lado, a camisa saía de dentro da calça e as botas arrastavam uns cordões completamente desatados. Parecia um desastre. Tudo isso somado a seu cabelo revolto, sua barba de vários dias, seu



rosto inchado pelo álcool e seus olhos abatidos, oferecia uma imagem desarrumada de sua pessoa.

— Grite tudo o que queira, Estrella Castanheira, ninguém te ouvirá! — Levantou a mão para colocá-la a modo de tela em sua orelha direita. Semelhante proeza esteve a ponto de derrubá-lo. — Não ouve a música? Todos estão entretidos no festival! — Com dedos torpes começou a desabotoar o cinto de sua calça. — Ninguém te escutará, ou te salvará de provar minha vara esta noite...

— O que pensa que está fazendo, Rolando? — Exclamou sem poder afastar o olhar daqueles dedos inquietos e do brilho pérfido que a antecipação punha nos olhos daquele canalha. — Faz o favor de te comportar!

As calças caíram até os joelhos, deixando descobertas suas pernas peludas e toda a excitada envergadura de suas partes pudendas. É obvio, não levava cuecas. Como pôde, caminhou para ela com aquele horrível mastro em alto.

— Afaste-se, Rolando, não dê um passo a mais! — Ameaçou empunhando seu lampião.

Mas ele, vítima da embriaguez e da precipitação que provoca uma luxúria desmedida, tropeçou com algo e caiu sobre ela. Estrella sentiu o impacto de cem quilos como se fosse chumbo. Ofegou ao golpear a cabeça contra o chão e gemeu quando sentiu o peso esmagando seu estômago e seus



pulmões. Ainda assim, dolorida e assustada, tratou de espernear e lutar possessa debaixo dele.

— Fique quieta, bruxa, e tudo será mais fácil! — Rugiu enquanto tratava de lhe imobilizar as mãos, mas Estrella não podia nem queria estar quieta. Desesperava-se, mordeu em um braço quando este tratou de usá-lo para lhe apertar o pescoço. Em resposta, Rolando a esbofeteou e atacou com maior selvageria.

— Onde estão seus espíritos agora, bruxa? — Sussurrou com lascívia em sua orelha enquanto escorregava uma mão sob as saias da moça e alcançava finalmente o quente triângulo entre as pernas de Estrella, que gemeu ante aquele brusco contato. — Já é minha, bruxa... — O fôlego fétido daquele monstro a obrigou a voltar a cabeça a um lado e apertar os olhos para conter as lágrimas. Ele bufava e soprava em cima dela como um javali, enchendo-lhe a cara de babas e passeando a ponta da língua por seu pescoço e pela elevação que formavam suas clavículas.

Soluçou quando notou como Rolando rompia sua roupa interior procurando ansioso seu mais prezado tesouro e uma nova onda de raiva e repulsão a obrigou a rebelar-se. Não ia permitir que aquela criatura nauseabunda manchasse sua virgindade.

Com os dentes apertados e o rosto banhado em pranto, apalpou o chão a seu lado tratando de encontrar algo, algo;



uma pedra, um pau, o que fosse, para se defender e tirar-lhe de cima! Seus dedos conseguiram acariciar vagamente a asa do lampião e um brilho de esperança apareceu em suas pupilas.

Deixando escapar um grunhido por causa do esforço, Estrella levantou o braço e o deixou cair com todas suas forças sobre a cabeça acalorada e suarenta do Rolando. Um som seco e em seguida o monstro ficou completamente quieto em cima dela.

Estrella permaneceu durante um bom momento em silêncio, sem mover nem um só músculo, esperando e escutando. Com semelhante peso em cima mal podia respirar, e a certeza de que Rolando Pardo seguia sem se mover tampouco ajudava a recuperar o fôlego.

— OH meu Deus, OH meu Deus...! — Choramingou — o que fiz? O que fiz, santo Céu?

Como pôde, conseguiu reunir forças para lhe fazer rolar com cuidado para um lado. O corpo do homem caiu de lado com um som seco. Assustada, abateu-se sobre ele para procurar indício de pulso em seu pescoço. Suas mãos tremiam e o zumbido do sangue pulsando em suas têmporas a enjoava.

— Santo Deus, que não esteja morto, que não esteja morto!



Tão somente se permitiu respirar com certo alívio quando percebeu a pulsação sob a ponta dos dedos. Sentou e fechou os olhos, exalando de forma lenta e prolongada.

— Calma, Estrella, ainda está vivo, não aconteceu nada — disse a si mesma tentando ignorar o brutal zumbido em sua cabeça. — Não aconteceu nada, graças ao Céu não chegou a passar nada...

Acariciou as coxas machucadas por cima da roupa e, ante a lembrança do acontecido, novas lágrimas acudiu de novo a seus olhos. Recompôs as saias e guardou no bolso os restos da roupa interior que continuava pendurado entre suas pernas.

Rolando tinha uma pequena ferida na têmpora onde brotava um ligeiro fio de sangue. Nada perigoso; embora ao dia seguinte, entre a ressaca e o golpe, teria uma boa dor de cabeça.

"Mereceu por isso seu estúpido!", pensou, apertando os dentes e olhando-o com frieza.

Tratou de cobrir as partes nobres do homem com sua calça, mas era incapaz de fazer subir por suas pernas o tecido. Além de que a visão daquela parte da anatomia masculina exposta para ela como silenciosa ameaça do que poderia ter acontecido, resultava-lhe uma visão especialmente desagradável. Ao final de um momento de



inútil resistência desistiu e disse a si mesma que seria melhor deixá-lo como estava. Atirou a camisa para baixo e tratou de cobrir com eles tudo o que pôde.

— Todos puderam ver o estado de embriaguez em que se encontrava esta noite — raciocinou tratando de convencer-se a si mesma — Quando o encontrarem pensarão que veio ao cemitério para fazer suas necessidades, que perdeu o equilíbrio e se golpeou com algo. Com um pouco de sorte nem sequer ele se lembrará de nada. — Olhou-o com repulsa. — Não, com o porre que tomou não recordará nem sequer me ter visto, Rolando.

Ergueu-se com decisão e se ficou diante dele. Agarrando-o pelas enormes mãos tratou de arrastá-lo como pôde para colocá-lo em uma posição um pouco mais digna. Ou ao menos para ocultá-lo detrás de uma lápide. Afinal a ninguém interessaria contemplar ao Rolando Pardo com a bunda ao ar ou com suas partes nobres totalmente expostas.

Mas com seus quase dois metros de altura e seus cem quilos de peso, aquele homem era uma pedra.

— Espero que depois desta noite perca a vontade de voltar a me incomodar, Rolando, maldito idiota... — choramingou enquanto tentava arrastá-lo apenas uns centímetros sobre a relva.



Dom Evaristo se dispunha a fechar as portinhas de seu quarto para entregar-se a um sonho reparador quando acreditou perceber um leve movimento entre as sombras do cemitério. Passou uma mão pelos olhos, cansados e chorosos depois de um dia interminável, e por um instante se repreendeu por ter bebido tanto para lhe provocar visões nas horas prévias ao sonho. Suspirou e meneou a cabeça com indulgência, disposto a acreditar nos enganos da mente e no poder do álcool, quando um novo movimento entre as lápides lhe obrigou a fixar-se melhor.

Estrella Castanheira, a bruxa da Fraga, perambulava entre as tumbas dos defuntos conduzindo algo que não atinava a descobrir. A lua, escondida nesses momentos detrás de um banco de nuvens, atuava em cumplicidade com a serva de Satã. Apertou os olhos e colocou os óculos para ver melhor. Agora a via nitidamente! A julgar pelas duas protuberâncias que sujeitava em cada mão, o que a bruxa sem dúvida carregava era a galhada de algum animal; e devia ser um bom exemplar tendo em conta o esforço que supunha a aquela herege arrastá-lo. A muito ladina levava um bom momento instando em seu empenho e logo avançou uns poucos centímetros.

Dom Evaristo fez sinal da cruz e entoou um cântico.

— *Pater Noster qui é in caelis*...— Agora não lhe cabia a menor dúvida do que aquela herege se propunha. E onde



estava o incrédulo do Arturo Figueroa nesses momentos? Aquele estúpido esteve cego à verdade enquanto que ele sempre soube! Não havia coisa que sua alma não intuíra e que não acabasse resultando acertada! Bruxa, bruxa, bruxa! — *Et dimitte nobis débita nostra, sicut et nos dimittímus debitóribus nostris* — Como podia aquela blasfema corromper terra sacra realizando nela seus conjuros? Como ousava aproveitar a confusão de um dia de festa para entrar no cemitério e oferecer a seu professor, ao anjo cansado e maldito, o sacrifício de um macho caibro, o mesmo que agora arrastava com dificuldade entre as tumbas, para invocá-lo injuriando a santidade do lugar? Blasfema, herege! Forca, fogueira!

Com mão trêmula levou aos lábios o crucifixo que sempre levava a pescoço para beijá-lo uma e outra vez, sem afastar o olhar da silhueta da bruxa má.

"*Sed libera nos a malo, sed libera nos a malo...*"

— Isto não ficará assim, maldita bruxa da Fraga — murmurou com sua voz venenosa. — Por minha vida que não descansarei até que te arranque o demônio que leva dentro e libere Arcádia de sua pútrida presença!

Fechou a portinha com brutalidade. Já não queria ver nada mais ou teria que acabar arrancando os olhos ante a imensidão da blasfêmia que estava a ponto de cometer-se ali fora.



Retirou-se da janela com seu andar de ganso e se sentou frente ao escritório, onde tinha em abundância papel e tinta. Seu pulso tremia, o suor descia sua frente, mas, contudo, tomou a pluma, umedeceu-a no tinteiro e começou a escrever nas cartas ilustradas de sua paróquia com mão convulsa:

Aos cuidados de Sua Eminência, senhor Dom Leopoldo da Beira, Inquisidor Geral do Reino e Pai Custódio do santo Ofício...



Capítulo 5

O Cardeal de Vera deixou a carta sobre a mesa, insistindo escrupulosamente nas três dobras originais do papel. Posteriormente cruzou as mãos sobre a proeminência de seu estômago e fixou o olhar no homem que permanecia sentado do outro lado do escritório.

O moço assistiu à leitura da missiva em silêncio, sem piscar ou mostrar emoção alguma em seu formoso rosto bronzeado. Como fazia sempre. Quando considerava oportuno tomava notas ou meneava a cabeça cada vez que Sua Eminência citava algum episódio em particular. E nada mais. Bem poderia dizer que aquele homem bem vestido e de cuidado aspecto era uma estátua de ônix que Sua Eminência deixava sentado em sua poltrona brincalhona como um mero adorno em suas dependências oficiais.

Dom Leopoldo sorriu para seus botões sem discernir não obstante a severa linha transversal que formavam seus lábios. Diego Valmaseda era um homem íntegro e muito respeitado dentro do Conselho da Suprema apesar de sua juventude e de sua condição laica. O Cardeal insistiu em demasia para que o jovem Valmaseda iniciasse o postulado



quando chegou à Toledo de sua cidade natal; mas o moço, que naquela época contava apenas com vinte anos, nunca havia mostrado interesse em se deixar persuadir pelo chamado de Cristo. Seu afã eram as leis e seu único desejo era exercer como jurista em um tribunal. E tinha que reconhecer que era muito bom. Em sua profissão Diego Valmaseda não tinha rival. Era implacável e reto, pulcro, inteligente e persuasivo. O Cardeal de Vera se viu obrigado a sucumbir e aceitar a negativa do valenciano a formar parte da Santa Igreja em troca de aceitar trabalhar para o Tribunal; melhor contar com um homem tão capaz nas filas do Santo Ofício, embora não vestisse hábito nem tivesse feito votos.

Por isso, dez anos depois, dentro da estruturada organização da Inquisição, seu posto era tão importante e reverenciado como necessário os seus serviços. Devido a todos seus lucros e a seu afã competitivo, o Cardeal de Vera o renomeou como procurador fiscal; Diego Valmaseda era o encarregado de elaborar a acusação contra os culpados, investigar as denúncias emitidas e interrogar às testemunhas. Levava anos viajando de forma itinerante pela diocese da Espanha, repartindo justiça onde fora requerido para combater a heresia e a heterodoxia religiosa. Com seus trinta anos conseguiu conquistar um grande prestígio; seu nome (como o de todos os integrantes do Santo Ofício) era tão temido como venerado de uma ponta a outra do Reino. E tudo isso apesar de sua juventude.



Possuía além disso uma importante formação jurídica, quase tão grande como seu cepticismo no concernente a atos de heresia; por isso não se deixava impressionar com facilidade por prejuízos populares, e raramente procedia a sentenciar a queima de bruxas; e mais, se mostrava bastante em desacordo com um costume que considerava própria de ambientes rurais e iletrados.

Esse ponto era algo que desgostava de forma notável a sua Eminência e que constantemente gerava desacordos entre os dois, posto que o Tribunal da Inquisição não estava sustentado nem pela Coroa nem por nenhuma outra instituição destacável e, portanto, *"se não queimavam, não comiam"*. E Diego Valmaseda estava acostumado mostrar-se bastante resistente a queimar.

Mas se em realidade naquela aldeia remota da Galícia existia uma bruxa, tal e como assegurava dom Evaristo Meitín, o Cardeal estava convencido de que só ele seria capaz de desmascará-la.

— Qual sua opinião, Valmaseda?

O homem tamborilou com os dedos nos braços da poltrona. Seu olhar fixo a rigidez de seus lábios evidenciava sua enorme contrariedade.

— Ridículo... e exagerado claramente! — Exclamou acalorado. — Acredito, Sua Eminência, que fazia tempo que



deixamos para trás a caça de bruxas para nos dedicar a temas mais sérios, como a heterodoxia, as proposições heréticas e os delitos contra a moral.

— Efetivamente, Valmaseda, mas já escutou o que este sacerdote menciona em sua carta...

— Puro engano sem base alguma, Sua Eminência! — E ao falar assim, deixou entrever a irritação que lhe provocava tratar um tema tão arcaico e sem sentido como aquele. — Jamais houve bruxas ou feiticeiras até que o povo começou a falar delas! — Deixou escapar um ofego de incredulidade. — Tudo é fruto da ignorância popular e nada mais.

O cardeal inalou profundamente enquanto erguia o queixo e observava a seu interlocutor com os olhos entreabertos. Jamais pôs em dúvida o critério daquele homem tão valioso para a Suprema; mas era evidente que sua juventude e seu amor pela ciência e a razão lhe mantinham em um estado cético, e cego! No concernente a determinadas realidades. Certamente estava claro que Diego Valmaseda se sentia e atuava como um estrito jurista mais que como um teólogo ou um homem de fé. E a essa altura e com tantos agnósticos acampando pelo Reino, deixar-se envolver pela incredulidade resultava bastante contraproducente. Chegou o momento de ter uma conversa séria com ele.



— Pode ser que assim seja, mas não podemos esquecer que se trata de uma mulher, meu jovem e descrente Valmaseda. — Com certa dificuldade, devido a seus muitos anos e as suas ainda maiores dimensões corporais, o Cardeal se levantou e rodeou o escritório. Ao situar-se ao lado de seu procurador, depositou sua mão enluvada sobre o ombro daquele. — As mulheres têm mais possibilidades de cair na bruxaria que os homens, posto que são mais débeis, mais estúpidas, mais supersticiosas e menos confiáveis que nós; não devemos esquecê-lo. São seres inferiores que representam a debilidade humana e a desobediência a Deus.

— Até onde sabemos, esta pessoa que nos ocupa é uma simples curandeira, Sua Eminência, uma herborista que vive mal no meio de Fraga! Não merece nem um segundo só de nosso prezado tempo havendo neste Reino tantos assuntos importantes a nos ocupar! — Com cada pequena alegação por escrito, Diego Valmaseda se irritava e se acalorava ainda mais. Sentia-se frustrado e fisicamente e emocionalmente exausto de visitar as aldeias mais remotas do país, avaliando acusações de feitiçaria que, na maior parte, não tinham outra base senão a inveja doentia dos vizinhos acusadores.

Havia visto vizinhos que denunciavam aos donos de imóveis limítrofes para ficar com suas propriedades, ou que simplesmente acusavam à mesma curandeira que lhes empregou seus serviços por não ter encontrado neles resposta a seus maus. Tais acusações não costumavam possuir uma base confiável e a maioria daquelas miseráveis



mulheres não eram outra coisa mais que indigentes bêbadas ou dementes que por alguma classe de infortúnio onde acabara por inundar-se na loucura e tornar-se o bode expiatório de toda a cidade.

— Uma curandeira surpreendida em plena noite, em um cemitério, praticando estranhos rituais, não se esqueça, jovem!

Diego meneou a cabeça enquanto com impaciência o farto e comprido cabelo escuro, preso à altura da nuca com um laço de veludo balançava.

— Esse sacerdote explica perfeitamente que não chegou a ver nada com claridade, Sua Eminência!

— Coloca em dúvida a palavra de um servo do Senhor e da Santa Igreja?

— Eu questiono a imparcialidade de um homem no meio da noite depois de um dia de festa! — Ele baixou a voz ao gesto ofendido que sombreava a testa de Sua Eminência. — Você não é capaz de entender que é apenas uma pobre criatura de solenidade, incapaz de pôr em perigo a força desta instituição com sua existência insignificante? O que ganhamos ao condená-la?

— E o que ganhamos absolvendo-a sem mais? Eu que acredito que são estas pobres almas, inofensivas a simples vista, as que requerem mais encarecidamente nossa atenção!



— Apertou o ombro do jovem sob sua luva. — Não devemos perdê-la de vista; o mal está em todas partes, inclusive nas criaturas mais desprezíveis e insignificantes. Não esqueçamos que o diabo, nosso mais forte inimigo, adquire formas muito díspares com o intuito de nos confundir e corromper a palavra de Deus.

Diego levou dois dedos à ponte do nariz e apertou com força enquanto exalava resignado. Já sabia o que estava a ponto de ocorrer. Já sabia aonde ia enviar-lhe Sua Eminência, o Grande Inquisidor Geral, aquele que convidava cortesmente a seus súditos a obedecer às suas premissas sob o arrogante fulgor do anel cardinalício. E ai de quem ousasse o contradizer! Elevou o olhar para a grossa capa de pano do Cardeal, recolhido à altura de seu ombro direito com um broche onde se podiam ver uma cruz verde fraquejada por uma espada a sua direita e um ramo de oliveira a sua esquerda; o símbolo do Santo Ofício. E sentiu um nó na garganta.

— Além disso, meu querido Valmaseda, faz muito que este Santo Instituto não se deixa sentir pelas longínquas terras galegas. E já sabem que se trata de uma terra muito rica em superstições e mitos extravagantes. Não podemos permitir que esses brutos se considerem a salvo do crivo justiceiro de Nosso Senhor. É bom que os recordemos de que ninguém sob as estrelas está a salvo dele.



Santo Deus, se pudesse teria rasgado ao meio seu caderno de anotação e jogado à lareira o estúpido conteúdo daqueles papéis recém rabiscados! Seria uma inovadora forma de rebelar-se contra uma existência insuportável. Fazia anos que abandonou com prazer seu cargo para retornar a sua cidade natal e entregar-se a uma vida singela e anônima criando ovelhas, como sempre fizeram seus pais! Como teria sido se ele não tivesse saído da sua cidade. Maldita a que seu pai o havia enviado para Toledo oferecendo-lhe o privilégio de fazer parte do Sagrado Tribunal e louvando a grande honra que supostamente pertencia àquela grande família de guardiões da Fé Católica! De fato, grandes privilégios haviam sido concedidos à Valmaseda desde a aceitação de seu filho na sede, juntamente com o reconhecimento público da "limpeza do sangue" relatado pelos membros da Corte. Mas ele nunca havia encontrado verdadeira satisfação em seu trabalho, muito menos naqueles privilégios que o fizeram um escolhido.

Estava convencido de que em todo o país não poderia encontrar uma só alma que manifestasse afeto por ele (além de sua própria família), ninguém que se alegrasse de lhe dar boas-vindas ou o recebesse com alegria em sua casa. Seu nome era respeitado e temido de ponta a ponta da Espanha. Sua imagem resultava para muitos tão agorenta como a viva imagem de um mensageiro da morte. Do que servia então o prestígio e o respeito se era incapaz de infundir em outros, outra emoção diferente do temor?



Feliz ante a aparente atitude de seu procurador, o Cardeal tocou seu ombro em sinal de apreciação e recuperou sua posição na majestosa poltrona esculpida.

— É meu desejo que parta imediatamente para as terras galegas e, uma vez lá, me informe de tudo o que acontece. Se ver necessidade de ajuda, será enviado imediatamente um teólogo do santo Tribunal para aconselhá-lo. Também de lá poderá solicitar ajuda ao general superior dos jesuítas, o padre Taciturno Mencía, sempre à disposição do Santo Instituto. De todo o modo confio plenamente em seu critério e capacidade, como sempre. Se como você suspeita, tratar-se de outro boato, de um alarme falso...

"E assim será", pensou Diego, enquanto recebia o decreto de Sua Eminência com a testa franzida e um nó na boca do estômago, "é que não pode ser de outro modo, pelo amor de Deus".

—.... Retornará imediatamente com a consciência bem-aventurada por ter realizado uma boa obra e recuperado para o rebanho de nosso Senhor a uma alma inocente. Se em realidade a mulher é culpada do cargo que lhe acusa, poderão se gabar uma vez mais de ser a mão executora de Deus e ter arrancado o Demônio das vísceras de outra de suas servas. Seja como for, estará fazendo o bem, meu filho. — Elevou a mão direita e, riscando no ar uma ampla cruz, finalizou: — Vá com Deus.



"Jamais use seus dons e conhecimentos para seu próprio benefício, Estrelinha, pois lhe foram concedidos para aliviar os males deste mundo e ajudar os outros, não para proveito pessoal. Deverá realizar suas obras em silêncio, com humildade, prudência, moderação, paciência, compaixão e misericórdia, para que assim outros não a vejam como uma mulher indefesa e sim pela força e o poder que leva dentro de si”

“Tampouco use sua magia para fazer mal a outros. Somos boas, não se esqueça, apesar do que digam as línguas mal-intencionadas. Nossa magia é branca e só serve para fazer o bem; jamais faça uso de seus dons com maus fins, pequena, nem invoque demônios e seres escuros, pois com suas mentiras acabarão se confundindo e se voltarão contra ti."

As palavras de sua avó não saiam de sua cabeça. Recordava perfeitamente a noite em que teve esta conversa. Estrella teria uns quatro ou cinco anos e a anciã se aproximou do cesto de vime onde dormia para lhe dar o beijo de boa noite. Enquanto sussurrava em seu ouvido não deixava de pentear seu cabelo com os dedos e acariciar sua bochecha com ternura. Estrella, em sua inocência infantil,



jamais poderia ter suspeitado que aquela fosse uma espécie de despedida e que seria a última vez que veria sua avó.

Uns dias depois sua mãe a comunicava com voz rouca e olhos vidrados que a anciã havia abandonado o mundo dos vivos para dormir em paz com as almas da família. Nunca lhe devotou maior explicação e sua inocência pueril tampouco necessitou de explicações neste momento. Logo, quando a curiosidade começou a atiçar sua mente e centenas de perguntas perseguiram seu peito foi muito tarde, pois sua mãe faleceria uns poucos anos depois, deixando-a na densa escuridão que suportam o desconhecimento e as dúvidas.

"Quando chegar o momento possuirá determinados dons onde se tornará uma pessoa muito especial: poderá ver e sentir coisas que escapam ao resto dos mortais e as utilizar a favor daqueles a quem peça. Jamais deverá usar suas visões em próprio benefício, minha querida. Não somos como o resto dos mortais, Estrella, e frequentemente é melhor não ver o que nos proporciona. Embora lutemos por sê-lo, jamais seremos como o resto dos caminhantes deste mundo. Somos almas privilegiadas, diferentes, mas jamais esqueça que, diferença, não implica malignidade".

Estrella fechou os olhos e apertou as pálpebras com força, fechando a passagem das lágrimas.

A lua, ainda em sua fase cheia, cavalgava escarranchada sobre um céu de veludo negro salpicado de estrelas. Seus



raios prateados, vívidos e vorazes, escorregavam entre a densa folhagem dos carvalhos para iluminar o claro do bosque. Em algum lugar no mato uns grandes olhos amarelos a vigiavam sob a batida monótona de seu pio noturno.

Erguida diante de um caldeirão e empunhando um largo ramo de nogueira, Estrella riscou ao redor dela um círculo fumegante. Vestia uma capa larga até o quadril e uma saia pelos tornozelos. No chão, a certa distância, permanecia dobrada sua eterna capa negra esperando ser útil.

Sua avó havia dito que nunca deveria utilizar os rituais e a magia para prejudicar a outros ou lhes provocar algum mal; mas nunca mencionou que fosse considerado um mal criar um amparo contra eles e fazer que se afastassem. E estava claro que devia proteger-se, depois do aconteceu no cemitério devia proteger sua vida. Rolando se converteu em incomodo insuportável; e não só era uma preocupação, a não ser alguém perigoso para sua integridade pessoal.

Ajoelhando-se frente ao caldeirão, escreveu o nome do Rolando sobre pergaminho com tinta virgem de cor negra. Com cada letra escrita lhe vinha à mente a macabra lembrança daquela noite fatídica. O cheiro de vinho e tabaco que aquele homem havia derramado sobre sua cara; a luxúria desmedida que brilhava em seus olhos mesclada a partes iguais com a embriaguez; a forma em que se



desabotoou o cinto, suas pernas peludas e aquele horrível mastro que surgia de entre suas pernas hasteado perigosamente para ela. Meneou a cabeça tratando de afastar tais lembranças. Quase ao mesmo tempo as lágrimas apareceram em seus olhos.

Depois de agitar o papel no ar à espera que a tinta secasse, enrolou-o em um prego de ferro e o polvilhou com uma mistura de terra e areia, além da fedorenta cocção de folhas e raízes que extraiu do caldeirão.

A seguir acendeu uma vela vermelha, pegou uma pedra e cravou no chão o papel com o prego até que não ficou à vista mais que a machucada cabeça do mesmo, enquanto pronunciava com voz rouca a seguinte ladainha:

— Rolando, tem que me deixar em paz; que nunca mais te cruze em meu caminho e que meus olhos nunca voltem a ver sua face.

Com a pedra ainda na mão atirou um novo golpe ao prego. As lágrimas começaram a correr por suas bochechas.

— Pelo poder dos elementos, aos que hoje invoco, ordeno-te que apague minha imagem de sua cabeça e que nunca mais volte a se interessar por mim, nem pensar em mim, nem sentir por mim a menor atração. Pelo poder do fogo, a terra, a água e o ar, eu lhe ordeno isso.

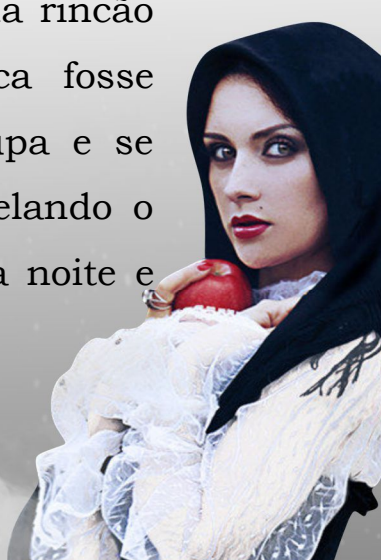


Para terminar, jogou mais terra e areia, uma chaleira da água fervida do caldeirão, uma brasa ardendo e um sopro de folego.

— Seja a vontade da mãe natureza! — Suspirou, levantando do chão. — Tomara que tudo isto seja suficiente para te manter afastado, Rolando, e não me veja na necessidade de soluções mais drásticas.

Diego subiu as lapelas do casaco e exalou profundamente, permitindo que uma densa baforada branca escapasse de seus lábios e se perdesse na noite. Fazia frio naquela Fraga perdida no interior da província!

Certo que se encontrava em uma latitude muito diferente da sua cidade natal e em um clima muito distinto ao clima toledano onde estava habituado; mas jamais esperou que ainda sem finalizar o ano o frio se deixasse sentir com tanta notoriedade por lá. E não se tratava tão só de frio, que na cidade castelhana também era condição "*sine que non*", mas sim da umidade que impregnava cada rincão da velha Galícia fazendo que a sensação térmica fosse horrível. Fazia que transpassasse as capas de roupa e se filtrasse no corpo impregnando até as vísceras e gelando o sangue nas veias. Ali, no meio do bosque, em plena noite e



com a escuridão fechando sobre ele, era fácil sentir aquele frio resistente nos ossos e até na alma.

Estava cavalgando há muitas horas e o sono, a fome, o frio e o cansaço, aparelhados em perfeita harmonia, pareciam ter ganho. Não se permitiu descansar até que entrasse na Galícia por terras de Leão e, apesar de que já não podia mais e parecia que a essa altura não poderia continuar andando, seguia sem haver sinais de Arcádia por nenhuma parte. E agora, a noite se aprofundava e tendo como única iluminação a lua cheia, ficava impossível localizar algum caminho.

Haviam informado que as terras castelhanas, que era seu destino era um lugar remoto perdido na metade do nada, um povoado insignificante onde Judas perdeu as botas. Não era de se estranhar então que em um lugar assim, tão longe de toda civilização e raciocínio, crescesse e fizesse campanha a fraude misturado com a ignorância de seus habitantes.

Suspirou de novo e esporeou a seu cavalo que, tão frustrado ou mais que ele mesmo, rebelou-se à ordem de seu cavaleiro com bruscas sacudidas de cabeça e relinchos, convencido de não dar um só passo mais. De novo fincou o calcanhar nos flancos do animal; e este de novo relinchou, cabeceou e empinou, chutando o ar com suas patas dianteiras fazendo o cavaleiro quase cair de sua sela.

— Vamos, garanto que terá o mesmo aborrecimento que eu de ter que dormir ao relento em uma noite como esta! —



Grunhiu batendo no rígido pescoço do animal. — Esse povoado não pode ficar muito longe, ou do contrário pensarei que nem sequer existe, e que Reverendíssimo Padre pretende nos pregar uma peça! Faz um esforço e segue um pouco mais, vamos.

Em resposta, uma repentina empinada do animal e o cavaleiro deu com seus ossos no chão com um golpe seco.

Diego se levantou como pôde, lamentando da dor que atormentava todos os membros de seu corpo. Tinha tão pouca vontade de estar ali como aquele irado animal.

— Por que fez isso? — Rugiu mal-humorado. — Eu também não gosto de estar perdido no meio do nada! Ou o que pensa? Mas somos servos de sua Eminência e devemos obedecer a suas ordens! — Tratou de morder a língua e controlar o mau humor (e a amarga bílis) que subia por sua garganta — Por mais descabidos e ridículos que nos pareçam.

Com um único e enérgico movimento sacudiu as folhas da roupa e agarrou zangado as rédeas do animal, que se levantou em toda sua envergadura diante dele, dando coices, exagerando os olhos e cheirando o ar com a presença ameaçadora de seus cascos dianteiros.

— Não vê que está assustado? — A voz surgiu de alguma parte entre o negrume. — Não seja burro e deixe de puxar as rédeas ou acabará lhe machucando!



Diego virou e a viu aparecer entre os arbustos. Era uma mulher vestida em uma capa negra. Uma mulher só no bosque na metade da noite. Mas mulher no fim, era uma mulher. Cavalheiresco, tirou o chapéu para inclinar-se diante dela em uma educada reverência. De forma inexplicável a mulher o ignorou completamente, evitou ficar com cara de bobo cruzou na sua frente o ignorando e se aproximou do animal, passou a sussurrar no ouvido e riscar círculos amplos e ascendentes sobre seu pescoço. O cavalo começou a tranquilizar-se de forma paulatina, reduzindo a quantidade de babas que empapavam seu fuço e cabeceando em um intento por retomar sua normalidade.

— Não se deu conta de como o pobrezinho está assustado? — Brigou ela, cravando no desconhecido seus enormes olhos negros. Diego a olhou carrancudo. Era uma mulher muito jovem e miúda, quase uma menina, e, entretanto, ousada. Possuía um rosto formoso e redondo. Seu nariz arrebitado, assim como as severas ruguinhas que apareciam em seu sobrecenho, davam a sua expressão um gracioso ar de altivez e rabugice. Seu cabelo escuro, penteado em uma grosa tranca inclinada, emitia brilhos avermelhados ao reflexo prateado da lua.

— Assustado? Mas acaba de me jogar no chão! — Protestou acariciando o ombro machucado.

Estrella o fulminou com o olhar.



— Porque você estava persistindo em fazê-lo andar pela estrada! Que maneira é essa de tratar um cavalo? Um bruto, senhor! — A jovem se inclinou sobre o animal, já completamente apaziguado, e levantou a mão para apoiá-lo com cuidado sobre seu colo. — Onde se machucou, pequeno?

Diego a observava boquiaberto e sem piscar. Aquela criatura que apareceu do nada no meio da noite, silenciosa e ligeira como uma fada, sussurrava com afeto a seu cavalo e parecia entender-se com o animal muito melhor que ele mesmo. Pôs os braços na cintura e observou a cena com o cenho franzido e o brilho de desconfiança cintilando em suas pupilas. Certo que a cena que acontecia diante seus olhos tinha algo de fantástico, mas... não era certo também que aquela infeliz tenha se atrevido a lhe exortar por mostrar-se severo e pouco paciente com o animal? Com seu animal? O que pensa a insolente criatura? E o que era essa fragrância que chegava ao seu nariz se não rabugice?

Continuou olhando-a em silencio com os dentes apertados. Tão só a curiosa visão das cinco pintas em sua bochecha, estrategicamente dispostos para formar uma estrela de cinco pontas, conseguiu afrouxar durante uns segundos os músculos de sua frente.

— Não se deu conta de que a ferradura o estava machucando? — O olhar da jovem cintilava de indignação.



Diego encolheu os ombros despertando subitamente de sua abstração.

— A ferradura?

— Aqui, na pata! — Exclamou lhe mostrando o pé ferido. Não acostumava perder a paciência tão rápido, mas detestava e condenava com toda sua alma o mau trato animal. E presenciar um abuso em primeira pessoa fazia com que perdesse toda a sua calma. — A ferradura está muito gasta, deveria levá-lo ao ferreiro! — Soprou indignada. — É uma barbaridade obrigar um animal a caminhar com as ferraduras em tão mal estado!

Diego abriu e fechou a boca como um peixe fora d'agua. Era a primeira vez que um homem feito ele ficava sem argumentos frente a uma menina. Mas sem dúvida também era a primeira vez que se encontrava diante de uma criatura tão fascinante, e não só por sua beleza, mas sim pela audácia de seu caráter.

— Recentemente o mandei para o ferreiro — desculpou-se o inquisidor, dobrando-se de forma insignificante para a moça. Meio doido e ferido em seu amor próprio levou uma mão aos cabelos com impaciência.

— Pois precisa novamente! — Rugiu, suspirando. — Do contrário em um par de dias a inflamação lhe impedirá de caminhar! Não percebeu que estava mancando?



— A verdade é que não, estamos viajando há muitas horas e o certo é que...

— Não posso acreditar isso!

Em um segundo ela arrebatou as rédeas do cavaleiro. Diego não teve tempo de reagir.

— O que acredita que está fazendo?

Estrella elevou o queixo para o encarar. Justo nesse instante recebeu uma descarga brutal. E desta vez não se tratava de uma larga fileira de imagens acontecendo em sua cabeça seguindo uma ordem determinada, nem sequer de sombras de visões de algo iminente. Desta vez o coração lhe deu um tombo, saltando e batendo as asas dentro do peito com força e rapidez. Começou a suar sob a capa, os joelhos se chocaram, o ar começou a ficar escasso, e cada uma das terminações nervosas cobrou vida própria.

O que estava acontecendo? Por que aquele desconhecido (ou a proximidade daquele estranho) provocava nela um turbilhão de sensações? O que tinha de especial nele ou no momento?

Impactada como estava, tremendo ligeiramente e com sua pele esticando em todo seu corpo, parou por um segundo para olhar para ele. Tratava-se de um homem não muito alto, de rosto moreno e anguloso, queixo fino e boca pequena, franzida, de lábios carnudos. As bochechas davam a



sensação de que a todo momento estivesse fazendo uma careta. Possuía além disso uma espessa cabeleira escura que à altura da nuca presa como um rabo-de-cavalo.

Estrella engoliu sua saliva e embora a repentina quebra de onda de calor abrasasse ainda suas veias e todas suas terminações, obrigou-se a se recompor e se preparar para a batalha.

— Vou levá-lo para lhe oferecer os cuidados que necessita! — E seu tom não admitia réplica.

— Como diz? — Diego enrijeceu e abriu os braços expondo-se por completo diante dela. Era consciente de que por essas clareiras haviam muitos salteadores que utilizavam mulheres formosas como chamariz. Mas ele não ia se deixar enrolar por um rosto bonito. Além disso estava seguro de que a moça estava sozinha. — irá se atrever a deixar um cavaleiro sem seus arreios? Assim, sem mais?

Estrella não respondeu, mas tampouco afrouxou a pressão com a que segurava a rédea.

— E espera que permita isso? Está louca, moça, se pensa que cederei sem brigar por ele!

— E por um acaso se atreverá a arriscar a vida de seu cavalo negando a assistência que necessita? — Não esperou resposta. Puxou das rédeas de novo e, dando as costas ao



desconhecido que a olhava como um pasmo começou a afastar-se com o cavalo.

— Ouça, mulher! — Exclamou, pondo-se a correr atrás dela. — Não se atreva a me deixar no meio do nada! Ouviu? Nem pense nisso!

Estrella não parou e sim, continuou caminhando ao lado do cavalo com o olhar à frente e os punhos firmemente apertados. Decidiu ignorar a descarga que acabava de sentir. O que aconteceu? Por que recebeu semelhante sacudida se nem sequer se encostaram? Ignorava-o; e tampouco se incomodou em averiguá-lo nesses momentos. Outras emoções preponderavam agora impondo-se a todo o resto: sentia-se tão furiosa como indignada. Estava segura de que se aquele homem estivesse com os pés tão machucados como seu cavalo não conseguiria caminhar carregando outra pessoa nas costas!

— Você não me escutou? — Rugiu o inquisidor ficando na sua frente. — Pensa em me deixar no bosque, no meio da noite, sem meu meio de transporte?

— Este cavalo não pode te transportar...

— E você tampouco pode tirar ele de seu legítimo dono!

Estrella parou de repente, voltando-se para encará-lo. Desta vez, e por medo de receber uma nova descarga, procurou não se concentrar muito em seus olhos.



De um modo similar, o desconhecido corrigiu sua postura e elevou o queixo, preparando-se para uma possível batalha verbal. Mas não houve opção de luta, posto que Estrella falou em um tom mais manso e modesto desta vez.

— Não pretendo tirá-lo de seu dono. Somente o levarei para a minha casa, onde possuo os meios necessários para socorrê-lo, fazer-lhe emplastos no casco até que possa valer-se por si mesmo.

Diego a observou com os olhos entreabertos. Não esperava uma trégua tão rápida depois da bravata com a que a jovem lhe recebeu. Pigarreou confuso.

— Está bem, vamos a sua casa então — concedeu. No final, teria um teto, uma proteção e possivelmente comida quente para essa noite!

Estrella esboçou um sorriso de canto.

— Eu não disse que lhe darei asilo — comentou baixando a vista até os elegantes sapatos com fivela chapeada do desconhecido — Você se encontra perfeitamente capacitado para caminhar.

Diego recebeu a estocada como se a jovem, o cavalo, ou os dois juntos o tivessem coiceado com todas suas forças no estômago.

— Como diz...?



Estrella retomou o caminho fazendo um maior esforço para conter uma gargalhada. Quando a viu se afastar entre as árvores, Diego se deu conta de que a moça falava sério. Levava seu cavalo e o deixou sozinho no meio do bosque.

— Ouça! Ouça, mulher! Necessito...! — Desesperado, elevou a voz ainda mais. — Esperam-me na Arcádia! Como posso chegar lá?

A resposta veio de repente:

— A um quilômetro mais ou menos, monte abaixo. Não se preocupe, não tem erro. A um bom passo, em quinze, vinte minutos estará lá. Quando seu cavalo estiver recuperado poderá vir buscá-lo.

Diego estalou a língua, mulher impertinente!

— E por quem devo ter o gosto de perguntar?

Estrella se fez de surda ao sarcasmo.

— Por Estrella! O povo me conhecem, eles saberão dizer.

"Não é de estranhar, se tem por costume se apropriar do que não é seu com tanta facilidade", pensou. " E ainda por cima fazendo se sentir culpado e bobo por acabar de roubá-lo!"

Já a jovem e o cavalo foram engolidos pelo negrume quando a voz da moça chegou de forma amortecida até seus ouvidos.



— Se virem uma procissão de túnicas brancas vagando entre as árvores com velas acesas, não pense em se aproximar! Corra, é a Santa Companhia!

Diego deu um coice e não pôde evitar olhar assustado ao redor.

— O quê...?

A única resposta que obteve foi uma gargalhada bem distante na escuridão.



Capítulo 6

Dom Evaristo não podia se mostrar mais encantado (nem orgulhoso, nem petulante) estava hospedando em sua casa o procurador do Santo Ofício. Jamais na Arcádia imaginou contar com tão ilustre personagem passeando por suas ruas; é que fazia muitos anos desde a última vez que um forasteiro se deixava ver por tão remotas ruas, salvo algum mascate de passagem algum peregrino que se perdeu da via pecuária que levava a Santiago. Certamente, ninguém à altura da categoria de Diego Valmaseda.

O certo era que quando o bom homem fez soar a campainha da sua casa para anunciar sua presença, Dom Evaristo se sentiu persuadido de lhe ignorar e continuar perfeitamente deitado em sua cama, tampando os ouvidos com o travesseiro se fosse necessário. Por que que tipo de homem incomodaria a um servo de Deus levantando-o de sua cama depois da meia-noite, não sendo um malfeitor ou algum cristão pertinaz que devesse solicitar a extrema-unção para um familiar? E em qualquer um dos dois casos podiam esperar.



Mas, uma vez que o recém-chegado se identificou, pouco faltou para que dom Evaristo o derrubasse diante do deu em sua visita tão ilustre. Um reputado cavalheiro como ele em sua humilde morada, honrando-o com sua presença e com a graça que seu Santo trabalho implicava! Santo Deus dos Céus! Jamais sua insignificante pessoa poderia ter sido presenteada com nada melhor!

— Agradeço muito a amável acolhida que me dispensa, mas devo lhe recordar que minha presença na Arcádia é muito distante de ser uma bênção — comentou o jovem com indolência. E Dom Evaristo não pôde evitar admirar também a frouxidão de sua expressão e a escassa importância que se concedia a si mesmo. Outro em seu lugar (ele em seu lugar) estaria todo o dia e pavoneando-se de sua condição.

Diego Valmaseda tinha fama de ser um homem correto, de caráter insubornável; absolutamente disciplinado e rigoroso em sua profissão. Sem dúvida ninguém melhor que ele seria capaz de colocar a bruxa no caminho; como antigamente outros colocaram também a sua corrompida avó. Este último pensamento o trouxe com um sorriso pérfido iluminando seu rosto.

— Como não me avisou de sua chegada? — Levando-o pelo cotovelo (quase empurrando) para o interior da casa paroquial. — Teríamos organizado uma comitiva de boas-



vindas para lhe oferecer um recebimento digno de vossa senhoria!

— Repito que minha presença neste povoado não é motivo de festejo, senhor.

— Como que não? — Exclamou o padre inflando como um pombo. Afinal se o inquisidor está em Arcádia era somente graças a ele. — Vocês são como um dos Cavaleiros do Apocalipse! Veio fazer justiça em nome de Deus!

— Para avaliar uma acusação emitida pelo homem.

Dom Evaristo não soube o que responder, e para sair ao passo de sua ignorância e de sua falta de eloquência, enfiou o nariz sob a soleira para ver exterior.

— Onde está sua bagagem? E seu cavalo?

A mente de Diego voou então ao bosque, onde uma criatura formosa e inquietante engenhou para lhe arrebatar o cavalo, incluindo as alforjas onde guardava todos seus pertences. Como um homem íntegro como ele pôde se deixar enganar por uma moça? Sentiu vergonha de sua debilidade e decidiu omitir aquele detalhe a Dom Evaristo.

— Logo farei que o tragam para cá — resolveu. E Dom Evaristo pareceu dar-se por satisfeito.

Na manhã seguinte, depois de um ligeiro descanso e do generoso café da manhã que Lourdinha, a criada do



sacerdote, serviu a ambos, Diego decidiu tocar no assunto que o levou as terras galegas. Afinal era para isso estava ali; não para se divertir com a paisagem ou admirar a farta gastronomia galega.

— E bem, onde está o assunto que me trouxe aqui?

— Não aqui, não no povoado. Aqui não admitimos às de sua laia. — Diego arqueou uma sobrancelha. — A bruxa vive na floresta, como deveria ser. Temo que teremos que surpreender a fera em seu covil, pois raramente sai de lá.

— Fera? — Exclamou olhando ao padre de soslaio. — Acreditei que falávamos de uma mulher.

Dom Evaristo pigarreou incômodo.

— Não é uma mulher, a não ser uma serva de Lúcifer. — E dito isso, se benzeu.

Diego ofegou esboçando um sorriso. Mas seria possível! Também o sacerdote sucumbiu às superstições? Em que buraco, toca de ignorantes foi parar?

— Acredito que para julgar isso estou eu aqui.

— Oh, é obvio! É obvio! — Dom Evaristo levantou as mãos, mostrando as Palmas em um gesto conciliador. — Você mesmo poderá comprová-lo assim que a olhe nos olhos! Essa criatura é a viva reencarnação do mal!



— Do que lhe acusa?

O padre piscou com nervosismo.

— De bruxaria, senhor!

Diego suspirou.

— Já fui informado disso, Dom Evaristo. Precisamente por esse mesmo motivo percorri meio país até chegar a este lugar remoto. — Exalou o ar com resignação. — Por que lhe acusa de bruxaria? O que é o que fez para ofender tanto a moral católica?

Dom Evaristo soprou, passando a mão entre o queixo e a papada. Começava a suar sob as camadas de roupa e certamente não esperava ter que se justificar ante o inquisidor. Tinha suposto que só com sua palavra bastaria e que aquele representante do Santo Ofício chegaria a Arcádia e antes de nada encarceraria à bruxa, ele se deixaria convencer com quatro alegações por escrito e finalmente a condenaria com a justiça de Deus. Fácil e rápido assim. Pelo menos com a bruxa velha tudo foi muito menos complicado. Estava claro que os novos tempos e o sangue novo do tribunal já não eram nem a sombra do que foram tempo atrás. Agora se empenhavam em esclarecer tudo, em pensar em tudo.... Maldita ciência e malditos eruditos!

— Vive sozinha no meio do bosque, sem um varão que vele ou responda por ela...



Diego cruzou firmemente os braços sobre o peito e inalou pelo nariz, disposto a escutar as precárias desculpas que aquele sacerdote se dispunha a lhe oferecer para culpar à desventurada. Sempre eram as mesmas ridículas justificações para acusar de bruxaria a uma mulher a que tão só poderia atribuir ser uma ermitã, a que a solidão auto imposta a dotaria de raros e estranhos costumes.

— Somente isso?

E isso bastava. Ele sabia melhor do que ninguém que por denúncias mais absurdas outras mulheres foram acusadas de bruxaria; torturadas, açoitadas, despossuídas de seus bens e expulsas de seu lugar de origem.

Dom Evaristo bufou. Grossas gotas de suor descendiam pelas suas bochechas.

— Cura tanto pessoas quanto animais sem ter sido instruída no ofício da medicina! Ninguém lhe ensinou, em nenhum colégio estudou... de onde tirou, a infeliz, seus conhecimentos para isso?

Diego suspirou.

— Algo mais?

Dom Evaristo cerrou os dentes com tanta força que as bochechas lhe tremeram como gelatina. Uma veia em sua têmpora começou a pulsar de forma perceptível.



— Faz feitiços para encorajar o livre-arbítrio e a fornicação! Junta almas que pouco ou nada têm em comum, alimenta desejos imorais no espírito das moças solteiras...! — O suor que empapava seu rosto casava perfeitamente com o tom encarnado que o fazia parecer um tomate amadurecido a ponto de arrebentar. — Essa mulher é o demônio!

Diego Valmaseda observou a seu interlocutor com o cenho franzido. De verdade aquela criatura era tão imoral como a descrevia ou acaso o ódio ancestral daquele sacerdote obedecia a outras razões desconhecidas? Seja como for era evidente que Dom Evaristo não tinha intenção de deter-se até arrancar da raiz aquela má erva que ameaçava a paz de seu rebanho. Pobre erva, em todo caso!

— Alguma acusação mais da que deva ser informado?

O sacerdote bufou, ao bordo do colapso.

— Eu a vi no cemitério na noite de São Miguel realizando um de seus feitiços!

Diego esboçou um amplo sorriso, relaxando o severo franzido de sua frente.

— Em sua carta explicava que não pôde ver com claridade o que ela fazia no cemitério.

— E o que ia fazer ali se não isso? — Rugiu fora de si. Nesses momentos gotejava como uma vela acesa. — Nada se



perde em terra sagrada! Além disso, vi como arrastava um bode para realizar seu sacrifício ao diabo.

— Um bode ... certo... — Diego acariciou o queixo enquanto olhava ao sacerdote com um brilho de incredulidade e divertimento refletido em suas pupilas.

— Sustentava seu chifre com ambas as mãos e o levava entre as lápides! — O homem elevava e brandia o dedo acusador no ar, como se se tratasse da espada do julgamento final. — Eu mesmo vi com estes dois olhos que a terra há de comer!

— Hum. Um bode... — repetiu.

O inquisidor respirou fundo e passou a mão pelos olhos. Mal amanheceu e já se encontrava cansado e saturado daquele tema. Em toda parte, era a mesma história e em toda parte as bruxas não eram nem a sombra do que as acusavam de ser. De novo era a imaginação inflamada e perigosa de gente que não tinha a suficiente cultura para compreender que a imagem da bruxa era uma invenção, puro engano para assustar aos mais medrosos. O que lhe parecia estranho era que um homem da condição e cultura de um sacerdote desses acreditasse em semelhantes fofocas.

— Está bem, farei uma entrevista com ela.

Dom Evaristo piscou sem entender.



— Uma entrevista? Com a bruxa? — Ofegou. — Que loucura é essa?

Jamais escutou algo assim! Normalmente durante o processo inquisitorial os juízes encarceravam diretamente o acusado sem lhe expor o motivo pelo que qual foi denunciado, desse modo jamais podia ter firmeza do nome do acusador. A partir daí tudo dependia de sua disposição na hora de reconhecer sua culpa. Se confessava logo, poderiam absolve-lo em uns poucos meses com o único castigo de expulsá-lo temporário ou definitivamente de seu lugar de origem. E inventariar e confiscar todos seus bens, embora essa já era condição *sine que non*. Se negava a confessar, o juiz procederia a interrogar testemunhas e o processo poderia alargar-se grandemente. Mas aquele jovem juiz parecia querer fazer ao reverso! Entrevistar a acusada? Jamais viu semelhante tolice!

Diego umedeceu os lábios, olhando a seu interlocutor atentamente.

— E também as testemunhas de suas supostas artimanhas.

O sacerdote balbuciou como um peixe fora da água. Abria e fechava a boca e sua papada tremia com cada careta. Parecia um sapo em plena caçada de moscas para o almoço. Com aquela boca e com semelhantes dramalhões, o banquete prometia ser de revide.



— Quero conhecê-la, saber como vive, entender o que faz e por que o faz...

— A bruxa?

— A acusada! — Corrigiu. — Você iniciou um processo que enfrenta a duas partes, dom Evaristo, e é meu dever conhecer a versão das duas antes de emitir um veredicto justo.

— O veredicto posso dar eu mesmo: essa mulher é uma bruxa!

Desta vez o rosto do Diego se transformou em uma máscara severa e sombria. Começava a perder a paciência, e já ajudou a Galícia a contragosto para tentar resolver um caso que não tinha pé nem cabeça, topar-se agora com a teima daquele sacerdote não era algo que lhe fizesse feliz.

— Pretende impedir meu trabalho, senhor?

Dom Evaristo teve que engolir sua resposta, e a bílis, diante do inquisidor. Embora se tratasse de um homem jovem, sua autoridade resultava indisputável.

— Livre-me Deus de fazer tal coisa!

Ao observar o gesto prudente do sacerdote, ignorando que não se tratava mais que de outra de suas máscaras de hipocrisia, o inquisidor falou com mansidão.



— Tão somente pretendo estabelecer a verdade com imparcialidade, Dom Evaristo. Meu trabalho é ir em busca dessa verdade e fazê-la prevalecer acima de tudo. Não procuro destruir ninguém de forma gratuita.

— Por.... suposto — balbuciou olhando a todas partes. — Só os culpados devem responder por suas faltas.

Diego suspirou de novo. Estava claro que não seria nada fácil conversar com dom Evaristo e argumentar com ele era como chocar de frente contra um muro intransponível. Em resumo: uma enorme perda de tempo.

— Então... não irá encarcerá-la?

Diego o fulminou com o olhar. Ainda seguia insistindo, mais teimoso que uma mula!

— Não, não encarcerarei sem antes reunir provas que me levem a um encarceramento.

— Mas, antigamente...

— Meus antecessores atuavam conforme os seus próprios critérios. Eu atuo conforme os meus, senhor. — Dom Evaristo balbuciou sem chegar a dizer nada. — Qual é o nome da acusada? A quem devo procurar?

O padre engoliu a saliva e notou como o fluido queimava sua garganta. Devia adoçar quanto antes aquela bílis amarga



com um bom gole de vinho doce ou do contrário acabaria sem fala.

— Estrella, Estrella Castanheira.

Estrella permanecia com os cotovelos e os antebraços apoiados sobre a mesa e o queixo descansando em cima deles. Depois de ter lavado e desinfetado a ferida daquele pobre cavalo, de ter tirado a ferradura velha que tanto dano o infringia e de o haver provido de água, feno e capim, tirou dele as alforjas e as levou consigo ao interior da cabana.

E ali estavam agora, em cima da mesa, enquanto ela as observava com intriga e desconfiança, sem piscar, como se em lugar de um objeto inanimado de couro se tratasse da mesma reencarnação do mal.

Não pretendeu bisbilhotar, por sua vida que não! Mas ao tirar as alforjas da garupa do animal uma delas se abriu e parte do conteúdo foi parar no chão. Foi assim que os segredos daquele viajante desconhecido lhe foram revelados. Uma Santa Bíblia muito gasta por causa do uso e vários pares de livros, certamente tão grossos como antigos, com encadernação de couro e folhas de fio de ouro. Também pôde distinguir pergaminhos de tabelionato entre tudo aquilo e



folhas amareladas e estragadas. Um intenso e acre aroma de antiguidade, perfeita combinação de papel, tinta, couro e um ligeiro matiz, invadiu a casa. Estrella fechou os olhos e se deixou embriagar pelo aroma. Assim era como sempre imaginou que devia cheirar as grandes bibliotecas da capital que sua avó mencionou algumas vezes. Encantavam-lhe os livros velhos; de fato tinha alguns muito antigos entre seus pertences, todos herdados de seus ancestrais. A maioria tratava sobre magia natural, magia branca apoiada no uso das folhas, as flores, a água, o ar, a terra e o fogo, os pássaros e os animais.

Não pôde evitar tomar entre suas mãos o mais grosso dos livros, por dimensões era o mais atraente. Pesava muito, quase tanto como o próprio Micifuz, e ao abri-lo um intenso aroma de mofo esbofeteou seu rosto. Umedecendo o dedo indicador passou as folhas muito rápidas, uma atrás de outra, deleitando-se com o fraco rangido do papel ao ser virado. O interior se encontrava quase ilegível; era óbvio que aquele volume, por alguma razão, teria sido muito usado. Virou cuidadosamente, permitindo que um dedo agisse como marcador de páginas, e leu as letras na capa. Estavam escritas em latim. Sorriu; não era nenhum impedimento: sua avó a ensinou a decifrar aquele idioma antigo. *"Malleus Maleficarum"*[1]. O coração se retorceu em seu peito em uma



[1] Curiosidade: O MARTELO DAS FEITICEIRAS OU MALLEUS MALEFICARUM era o manual operacional da Inquisição, durante todo o período de funcionamento do Tribunal do Santo Ofício, os processos de bruxaria tiveram como documento norteador o Malleus Maleficarum (O Martelo das Feiticeiras), escrito em 1486 pelos frades dominicanos James

dolorosa contração que a obrigou a aspirar uma grande baforada de ar. *"Martelo das Bruxas",* traduziu em sua cabeça. Franzindo a testa, engoliu seco; seu peito subia e descia em agitado vaivém.

Passou o dedo pela capa acariciando aquelas letras escuras perfuradas no couro. *"Maleficas et earum heresim*". "*Bruxas e suas heresias..."* O coração palpitava cada vez mais forte tornando suas pulsações realmente dolorosas. Faltava ar. Parecia que todo o ar da sala havia desaparecido. Que diabos estava acontecendo?

Fechou o livro com um movimento seco e uma nuvem de pó surgiu entre suas folhas. Por que aquele desconhecido levaria consigo um livro semelhante? Por que desejaria estar informado sobre bruxaria e seus tratados? Que necessidade poderia ter alguém de...?

De repente uma faísca de intuição cruzou por sua mente e muitas coisas começaram a fazer sentido. A premonição de suas cartas, um forasteiro na noite, aquele livro, a descarga emocional que recebeu ao chocar de frente com a escuridão de seus olhos...

No meio do silêncio sepulcral, das sombras da cabana, com o eco ensurdecedor do coração zumbindo em seu peito, certos detalhes se encaixaram e pôde ver tudo nitidamente.

Sprenger e Heinrich Kramer, a partir do Manual dos Inquisidores elaborado cem anos antes por Nicolás Eymirick. O Martelo das Feiticeiras—Malleus Maleficarum é uma das páginas mais terríveis do cristianismo.



Apressou em devolver o livro a seu lugar de origem junto com o resto dos documentos. Nem sequer sentiu desejos de lê-lo e procurar respostas em seu interior, pois algo lhe dizia que o que havia ali escrito era terrível e podia lhe afetar profundamente. Justo no momento de apertar a correia da alforja descobriu um emblema na lapela que havia passado despercebido. Era um escudo gravado no couro, com um relevo e uma definição impecáveis. Como não viu antes? Passou os dedos pela lapela, alimentando o dito de que todos os galegos são capazes de ver melhor através de suas mãos ao invés de seus olhos.

Uma cruz enorme; a sua mão direita um ramo de oliva, a sua esquerda uma espada. E emoldurando-o tudo, uma frase em latim: *"EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM."* Tragou saliva. "*Eleve-te, Oh Deus, a defender sua causa".* Um breve tamborilo na porta a sobressaltou de repente. Levantou-se como um gato e ocultou as alforjas no armário, cobrindo-as com uma palha de chapéu. Quando abriu a porta não esperava nem por um encontrar-se cara a cara com aquele formoso rosto moreno da noite anterior, e muito menos com seus olhos, por isso não pôde evitar dar um pulo.

Tampouco ele, e era óbvio, preparou-se mentalmente para enfrentar-se a aqueles enormes olhos negros que o olhavam com uma fixação estranha. Assim que aqueles eram os olhos que lhe provariam ao inquisidor, nada mais contemplá-los, que sua proprietária era uma bruxa pérfida?



Diego esboçou um sorriso torto. Que bobo era dom Evaristo! A única coisa que aqueles olhos refletiam era uma beleza vivaz e espontânea capaz de afligir a qualquer mortal com sangue nas veias. E nem rastro do pequeno sapo sobre a parte branca do olho ou sobre a pupila, evidência indesculpável para desmascarar a uma bruxa; tão só uma íris enorme cor de ébano mais brilhante que Diego jamais vira!

— Não irá me convidar para entrar, Estrella?

Ela ruborizou até a raiz de seus escuros cabelos, e semelhante debilidade frente a aquele desconhecido a fez se sentir furiosa consigo mesma. Sobretudo depois do que acabava de descobrir.

— Recorda meu nome...

Diego sorriu.

— Tinha razão, o povo te conhece bem.

E como! Nesta mesma manhã Dom Evaristo soltou um amplo e detalhado relatório sobre as aventuras da moça! E não poupou elogios.

Diego inclinou ligeiramente a cabeça para observá-la de uma nova perspectiva. Negava-se a acreditar que aquela moça miúda, baixa e de agradáveis feições fosse a bruxa maléfica que o padre assegurava que era. Inalou pelo nariz. Suas arredondadas maçãs do rosto, seu nariz arrebitado,



seus enormes olhos... e esses graciosos sinais da bochecha formavam um conjunto harmonioso. Muito precioso para pertencer a uma serva do mal.

— Não me convidará para entrar? — Repetiu.

A jovem se mexeu incômoda e mudou o peso de um pé a outro, mas não se separou do vão da porta.

— Estou sozinha, senhor, vivo sozinha; não posso lhe deixar entrar em minha casa ou do contrário as más línguas me esfolarão viva.

" Ainda mais?", pensou divertido. E por um momento sentiu saudade da mansidão da moça. Na noite anterior por pouco o comeu vivo, e nesta mesma manhã se expressava com uma inesperada docilidade, inclusive com uma sutil tristeza em seu tom e em seu olhar. Seu cenho, não obstante, continuava igualmente enrugado.

— Parece-me justo — concedeu, cruzando os braços sobre o peito. — Como está meu cavalo?

— Está muito melhor. Consegui desinfetar a ferida e tirei a ferradura que o machucava. Quando começar a apoiar o pé, deverá levá-lo para que o ferrem novamente.

— Você desinfetou a ferida? Possuem remédios para fazê-lo? — Perguntou arqueando uma sobrancelha.



Estrella esboçou um sorriso tímido. Seus dedos se mexiam nervosos por trás da saia.

— Não, não senhor. Coloquei-lhe um cataplasma de folhas de malmequer. Vão muito bem nestes casos — Aspirou uma grande baforada de ar, sentindo-se afogar. Ele a olhou com determinação durante um segundo e Estrella se viu na necessidade de desviar o olhar ante o olhar fixo daqueles olhos escuros que pareciam querer transpassá-la.

— Onde aprendeu isso?

Estrella puxou outra baforada de ar (santo Deus, aonde foi parar o oxigênio neste dia?) E tratou de dar pouca importância ao assunto. Entretanto as palavras saíram muito atropeladas de seus lábios.

— No povoado, ante a falta de outros meios, acostumamos a utilizar de conhecimentos ancestrais — sem saber por que começou a gesticular muito com as mãos e a olhar em todas partes; às paredes, ao chão, à fivela chapeada dos sapatos do desconhecido — Coisas que fomos aprendendo de nossos antepassados.

— Certo — murmurou acariciando o queixo, sem deixar de observá-la fixamente. Ela inclinou a cabeça, consciente do peso que semelhante observação carregava sobre seus ombros. — E todas as mulheres do lugar possuem ditos conhecimentos?



Ainda olhando ao chão, balbuciou:

— Todas não.

"Imaginava".

Da sua posição na soleira da porta, Diego deu uma olhada no interior da cabana. O chão era de terra batida e as paredes de grossas tabuas sem lixar, como toda a estrutura exterior. Só contava com a precária iluminação que proporcionava duas janelinhas cobertas com tosco tecido de juta, por isso o interior permanecia numa penumbra e cheio de sombras. Contudo, pôde distinguir de um lado, um enorme armário de cristal repleto de potes, caixas de madeira e saquinhos de feltro. Do outro, e sobre uma pequena mesa de pedra, descobriu morteiros e punhos de morteiro, incensários, castiçais de vidro para queimar cera líquida e dezenas de cabos de vela dispostos a serem fundidos. No centro da cabana uma mesa robusta de carvalho permanecia escoltada por um par de cadeiras do mesmo material. Ao fundo, pendurada de parede a parede, um grosso tecido que certamente exerceria como painel divisório e depois da qual era de supor que se encontrassem os aposentos da moça.

Dezenas de ramos de flores secas estavam penduradas nas vigas do teto, aproveitando a penumbra para uma perfeita secagem.



— Eu gostaria de te esclarecer algo. — A jovem elevou o queixo para observá-lo com curiosidade. — Quero que saiba que não sou nenhum abusador, jamais machuquei a nenhum animal, e muito menos a esse cavalo. Está comigo há muito tempo e de algum modo faz muito que somos companheiros de viagem. Tenho-lhe um grande afeto.

Estrella piscou com nervosismo. Sentia-se distraída, como perdida em um mundo à parte. Certamente a visão daquele livro e a rapidez com a que mexeu com seus pensamentos a deixou extremamente perturbada.

— Oh, já sei!

Diego Valmaseda a olhou contrariado.

— Sabe?

— Sim, do contrário o teria recebido com uma vassoura na mão. — Esboçou um sorriso tremente e Diego ficou preso em suas covinhas que apareceram em suas bochechas.

— E posso perguntar como é que sabe?

— Seu cavalo me contou — disse como se tal coisa fosse normal. Através do simples contato com sua pele, pôde observar como o cavaleiro cuidou sempre com afeto de seus arreios. Viu como se ocupava de asseá-lo e de lhe proporcionar comida e água em abundância, e como lhe



acariciava o focinho e lhe sussurrava ao ouvido nas largas jornadas de viagem.

Diego respondeu a semelhante elucidação com um amplo sorriso. Estava claro que brincava. Aquela jovenzinha estava zombando dele e não tinha a menor dúvida. Ou se tratava disso ou estava completamente louca.

— Claro, claro, como não me ocorreu! Têm feito bons amigos! — Continuou com a graça. — Espero que o animal fale bem de mim e consiga melhorar a pobre impressão que possuí de minha pessoa. — Fechou os olhos fingindo repreendê-la. — A noite passada se mostrou bastante desagradável.

Estrella inclinou a cabeça, envergonhada. Era certo. A situação em que se encontrou com o cavalheiro não foi certamente a mais favorável para nenhum dos dois. Acabava de voltar de realizar um feitiço protetor contra Rolando e se encontrou com a imagem de um homem mostrando-se agressivo com seu cavalo. Ou ao menos foi o que pareceu à primeira vista. Estava claro que julgou mal a impaciência do cavaleiro confundindo-a com agressividade. Sem dúvida se precipitou em julgá-lo.

— E muito pouco caridosa com um cristão desamparado. Acredito recordar que me deixou sozinho no meio do bosque a mercê de... como se chamava? — Diego tamborilou com o



dedo indicador no queixo acentuando seu gesto de concentração. — Ah, sim, a Santa Companha!

Estrella dissimulou um sorriso.

— Peço desculpas — disse com sinceridade. — Era muito tarde, estava cansada e confundi o que vi. Acreditei golpeava o animal e.... perdi a razão. Sinto muito, tirei conclusões precipitadas.

“Era muito tarde, sim, pergunto-me o que poderia fazer uma mulher só a essas horas no meio do bosque. Bruxaria, ou simplesmente reunir-se com algum amante?"

— Desculpas aceitas. — Diego esboçou um amplo sorriso e seus olhos se iluminaram. — Trégua então? — Perguntou lhe estendendo sua mão.

Estrella olhou fixamente para a mão durante um momento. Não levava luvas e tendo em conta a presença daquele livro que parecia pulsar dentro da alforja, não sabia se estava preparada para receber uma descarga de imagens. Já não basta a ameaça de uma síncope da outra noite! Mas lhe tocar era distinto. Tinha medo do que poderia chegar a ver. Do que aquele desconhecido podia chegar a ocultar.

— Trégua. — E suas mãos revoaram de novo detrás das saias. Aquele gesto esquivo confundiu Diego, que depois de um segundo de vacilação retirou a sua mão, sem saber bem o que fazer com ela. Que moça estranha!



Quando voltou a falar, sua voz soou confusa e entrecortada.

— Emmm... importaria de me entregar meus pertences? Há certas coisas que necessito sem falta.

Estrella engoliu a saliva e deu com os ombros.

— Claro, esse livro! Esse sinistro manual sobre bruxas e suas heresias.

— É obvio.

E entrou na cabana com evidente precipitação para retornar ato seguido com as alforjas. Diego percebeu uma áurea de tristeza que acreditou distinguir nas pupilas da jovem quando lhe entregou suas coisas.

— Pesam muito — comentou ela tentando quebrar o gelo.

Ele as pegou e colocou no ombro.

— Claro, contêm o peso da justiça — sorriu.

Estrella devolveu um sorriso trêmulo. Suas pupilas vibravam de ansiedade seu olhar parou nos olhos do cavalheiro. Desta vez não se importou em receber uma descarga deste forasteiro e se conduzir a quase um colapso. Mas nada disso aconteceu. Tampouco fez falta. Durante uns segundos seus olhares permaneceram enlaçados e Estrella desejou que ao menos uma vez suas cartas se equivocassem.



— Ah! É.... juiz?

Diego respirou fundo e forçou um sorriso. Uma onda de inquietação subiu desde suas vísceras o fazendo se sentir incômodo. Tinha a sensação de estar jogando gato e rato com aquela criatura indefesa; e estava claro que jogava com vantagem, pois ele sabia perfeitamente quem era ela enquanto que a jovem não devia suspeitar nem remotamente quem era aquele desconhecido que permanecia de pé em sua porta. Do contrário o temeria como temia os outros. As diretrizes da Inquisição levavam tantos séculos e executando com tal diligência que a Santa Cruz se converteu em símbolo do medo e seus coroinhas em verdadeiros anjos da morte. E por sua vida que ele jamais desejou representar a nenhum anjo da morte!

— Pode se dizer que sim. — E sua voz soou, sem pretende-lo, muito sombria.

Estrella não quis perguntar mais. Nesse momento sentiu um aperto tão forte no peito que por um momento temeu ser incapaz de respirar. O desconhecido não pôde perceber, mas seus joelhos se chocaram e seu medo começava a dominá-la. Com dissimulação se apoiou no beiral da porta.

— Em um dia ou dois pode vir buscar seu cavalo, senhor...



— Diego, Diego Valmaseda! A seu serviço. — E se inclinou em uma reverência. Ela inclinou lentamente a cabeça para devolver a cortesia. Muito lentamente, posto que se encontrava tão enjoada que ainda demorou uns segundos para poder se erguer até sua posição inicial.

— Estaremos esperando, senhor Valmaseda — disse, tratando de fechar a porta para pôr fim aquela conversa. Mas Diego interpôs um pé entre a porta e o batente, insistindo em demorar um pouco mais na visita.

— Tome... — Procurou nos bolsos de seu casaco e lhe entregou algumas moedas de prata — Para cobrir os gastos que meu cavalo está ocasionando.

Estrella viu aquelas moedas reluzir na palma do cavalheiro. Uma mão bonita, sem calos nem feridas próprias de um homem de campo. As mãos de um homem da lei. Possivelmente as de um carrasco. Puxou os lábios ao interior da boca e inalou em profundidade.

— Não é necessário, faço com muito prazer — recusou, empurrando de novo a porta.

— Insisto.

— Eu também. — Os olhos da jovem, imóveis e brilhantes, manifestavam que não admitiria réplica.



Diego devolveu as moedas ao bolso e a olhou contrariado. O que acontecia com aquela mulher? Por que se mostrava tão áspera e distante?

— Está bem, acertaremos as contas quando vier a buscá-lo, está bem? Ela assentiu em silêncio. O cavalheiro inclinou a cabeça, despedindo-se. Durante um bom momento depois de que a jovem fechou e deslocou ruidosamente o ferrolho permaneceu no beiral, olhando a porta espantado.

Uma vez a salvo no interior da cabana, Estrella apoiou as costas contra a porta e deixou que seu corpo escorregasse pela madeira até acabar sentada no chão. Abraçou os joelhos com ansiedade e apoiou nelas o queixo. Seus olhos se velaram com um pranto inesperado, silencioso.

Micifuz, antissocial e desconfiado ante os desconhecidos, abandonou seu esconderijo depois da cortina e foi disposto a consolar sua dona, enrolando com afeto seu corpo nos tornozelos da jovem. Seus insistentes roces e suas cabeçadas mimosas não ajudaram muito.

— Acertaremos as contas, senhor Valmaseda, é obvio que sim... — sussurrou com o olhar preso em algum invisível átomo flutuante.



Capítulo 7

Dom Arturo se sentia furioso. Não podia acreditar que aquele velho padre preconceituoso se atreveu a atuar pelas suas costas fazendo vir um membro do Tribunal do Santo Ofício por um assunto que não tinha pés nem cabeça. O que pretendia que encontrasse o inquisidor em um lugar como Arcádia? Que prova de bruxaria ou heresia pretendia que encontrasse na pessoa de Estrella Castanheira? Pelo amor de Deus, se aquela infeliz não era mais que uma pobre diaba que vivia mal, trabalhando de curadora, boticária, parteira, ortopedista e herborista! O que outro delito capital poderia atribuir a ela além de conhecer as quatro folhas dos arredores e os remédios que se podiam levar a cabo com elas? Como antes fizeram sua mãe, sua avó, e a avó desta... e assim sucessivamente até chegar às raízes das mulheres Castanheira! E o que tinha de mau nisso? Acaso com seus conhecimentos não havia devolvido a saúde a bom número de doentes de Arcádia? Acaso usava sua sabedoria para benefício próprio? Não, jamais o fez! Sua mãe a ensinou bem.

Mas o maldoso dom Evaristo, de que a moça se despreocupava de sua salvação e de que suas práticas faziam cambalear a fé católica, fazia que manifestasse para ela um



ódio acirrado e antinatural. Certamente muito pouco compassivo para provir de um bom cristão, um servo de Deus. Para ele não era mais que uma inimizade, algo que ameaçava a régia linha de flutuação de sua nave cristã e que, portanto, teria que extirpar. Como se extirpa um grão purulento. Levava tanto tempo alimentando tal ódio aberrante para as Castanheira, que era mais que provável que a essa altura tivesse o absoluto convencimento de que Estrella era uma bruxa malvada das que desfrutam conspirando com o demônio para torturar os cristãos piedosos e devorar meninos recém-nascidos. Possivelmente até acabasse acreditando de verdade semelhantes idiotices.

Aquela mesma manhã, o déspota passeou com o inquisidor por todo o povo, exibindo-o de casa em casa como quem exibe um troféu; apresentando-o como o açoite do maligno e a salvação daquelas almas verdadeiramente merecedoras de salvação.

— Este servo de Deus veio liberar nosso povo da presença do maligno! Sua experiência e sua fé irrepreensível conseguirão que o demônio que paira sobre nossas cabeças pereça de uma vez! Esmagará sua cabeça sob o peso da palavra de Deus do mesmo modo que o arcanjo São Miguel esmagou a cabeça do dragão! — havia dito o muito presunçoso.



Nenhum dos vizinhos foi sequer capaz de levantar o olhar em presença do inquisidor. Existiam muitas lendas negras em torno dos integrantes do Santo Ofício onde inspirava nas almas humildes o medo.

E sim, toda Arcádia sabia que Estrella era uma bruxa. Mas até o momento assumiram que se tratava de uma bruxa boa disposta a pôr seus conhecimentos a serviço do povo. Certo que procuravam não se relacionar com ela além do estritamente necessário (quer dizer, além de sua própria conveniência e necessidade), todos sabiam que era uma criatura estranha, sombria e taciturna, e que muitos falavam que tinha entendimentos com o diabo e demais espíritos do submundo. Mas enquanto esses entendimentos resultassem favoráveis para todos, não havia por quê julgá-los. Mas agora era diferente. A presença na Arcádia daquele juiz devia pôr em dúvida a benignidade de Estrella. E se era certo que ter à bruxa da Fraga rondando pelos arredores iriam supor uma sentença segura em lugar de uma bênção?

Aquela mesma noite, na intimidade de seu escritório e com a correntinha de prata alemã acariciando seus lábios, Arturo não era capaz de apaziguar seu espírito. Via sombras por toda parte, e não precisamente originadas pelo balanço trêmulo do castiçal. Acontecia sempre que acariciava aquela delicada corrente. A imagem de Caridade Castanheira emergia de entre as sombras para apropriar-se de seu pensamento e já não havia forma humana de escapar dela.



Via com nitidez, (como se de novo estivesse ante seus olhos), seu rosto redondo de olhar escuro e escuros cachos, e esse sorriso que continuamente desenhava duas covinhas em suas bochechas. Ele havia se encantado com seu sorriso; mas o que mais gostava era de acariciar suas bochechas quando aquelas duas covinhas se formavam nelas. E sua filha herdou as mesmas covinhas.

— Sua filha se colocou em uma boa confusão — murmurou às sombras. — Temo que terá que se esforçar muito desta vez se não quiser vê-la na forca. Ou pior ainda. — Do outro lado da janela, o repentino uivo do vento lhe fez dar um pulo. — Não foi minha culpa! — Continuou com seu desvairado monólogo. — Sabe que tentei fazer vista grossa a seus assuntos. E tenha em conta que fiz muitas vezes! Mas dom Evaristo — meneou a cabeça — Está teimando. Parece um touro perseguindo um lenço vermelho. Temo que não parará até que apague a sua filha da face da terra.

Um resplendor vivo e ramificado rasgou a escuridão da noite, precedido segundos depois pelo estrondo rouco de um trovão. Arturo olhou a corrente com assombro.

— Já está de novo pretendendo me assustar? — Brigou à escuridão. — Possivelmente deveria guardar suas forças para ajudar a infeliz da Estrella, que boa falta lhe faz, em lugar de tratar de me assustar a mim!



E com a mão tremente, amedrontado ainda pelos estranhos fenômenos que se desatavam cada vez que abria aquela joia, devolveu a corrente a sua bolsa para ocultá-la no esconderijo que há doze anos repousava.

Adela bebeu de um só gole o copo de água que Estrella lhe oferecia. Estava exausta, aflita; o fôlego entrecortado, os olhos brilhantes por causa do recente exercício. Andou quilômetros de distância que separava o povo da cabana a passos rápidos e não se deteve mais que duas ou três vezes para tomar ar e acariciar os doloridos tornozelos machucados, devido ao atrito contínuo que lhe produziam as raízes na sola do pé.

Só ao chegar à cabana de Estrella que se permitiu respirar. Apoiada com uma mão no tronco de uma árvore, a outra no estômago e dobrada sobre si mesma, aspirou várias baforadas de ar que a obrigaram a exalar e ofegar como um peixe fora de seu charco. A cabeça zumbia, o peito doía; mas não importava. O assunto que a levou até ali merecia uma síncope.

— Deve partir o quanto antes, Estrella — ofegou a moça, deixando o copo vazio sobre a mesa. — Embora seja temporário, mas quanto antes melhor.



Estrella olhou a sua amiga.

— Por que? — Suas mãos coçaram seu pescoço, inquietas. Intuía o porquê, mas queria se fazer de desentendida e atuar como se não tivesse a menor ideia do que atormentava à moça. Embora por dentro estivesse morrendo de medo.

— Dom Evaristo fez vir a um juiz de Toledo; um membro do tribunal da Inquisição!

O coração de Estrella, depois de uma última e desatinada batida, deteve-se de repente.

— Ah! — A única coisa que disse para não se sentir muito hipócrita.

Adela se exasperou ante a fingida calma da bruxa.

— Não te dá conta, Estrella? — Exclamou fora de si. — Veio por você! A única coisa que o trouxe para a Arcádia é você!

— E dom Evaristo...

Adela soprou, golpeando a mesa com ambas as mãos.

— Parece que ignora o que acontece! Sabe o que faz essa gente, verdade? — Passou o dorso da mão ao nariz e reprimiu um soluço. — Ouvi autênticas barbaridades, Estrella. Submetem os acusados a torturas desumanas para obrigá-



los a atestar o que eles querem ouvir. — Uma corrente de lágrimas dançou nas vibrantes pupilas da jovem. — Tem que ir, Estrella, ou a acusarão de bruxaria e irão te torturar grosseiramente! — Seu tom escureceu. — Para depois te matar. Enforcarão você ou lhe queimarão na fogueira. Meu Deus, não quero nem pensar!

Estrella estremeceu. Um medo atroz percorreu sua coluna vertebral de cima a baixo, sacudindo todo seu ser. Sentia-se enjoada, seus joelhos começaram a tremer e, pela primeira vez desde que Adela entrou na cabana, temeu cair de um momento a outro. Mas, contudo, tentou não se mostrar fraca ante uma das poucas pessoas que sentia verdadeira afeição por ela.

— Não me acontecerá nada, Adela — murmurou sem acreditar nas próprias palavras. — Estou convencida de que dom Evaristo se sentirá bastante satisfeito depois de ter alvoroçado um pouco. Chamar a atenção de um inquisidor supostamente traz lucro para ele.

— Crê que esse homem veio de tão longe para partir com as mãos vazias? Não, nem em sonho! — Adela limpou o pranto com ambas as mãos, mas as lágrimas não deixavam de correr. — Dom Evaristo anunciou que o juiz tem intenção de interrogar a tantas testemunhas Como lhe é possível e que não se deterá até que expulse o demônio que ameaça Arcádia.



"Interrogar a testemunhas?". Estrella foi consciente do nó em seu estômago e da imensa vontade de vomitar que sentiu. *" Expulsar ao demônio da Arcádia?"*

— Pois então deveria começar por abandonar ele mesmo o povo! Não há maior lacraia na Arcádia que esse padre maldoso! É a pele de Barrabás, maldito lobo camuflado sob a pele de um cordeiro!

Adela inalou profundamente pelo nariz, sem afastar o olhar de sua peculiar amiga. Seus olhos permaneciam empanados pelo pranto, seu queixo tremia ante a dificultosa contenção desse pranto.

— Não acredito que demore muito em vir até aqui, Estrella — anunciou secamente. — Irá querer falar contigo, interroga-la. E não quero nem pensar no que possa passar quando isso acontecer!

Estrella torceu os lábios em uma careta de fingida indiferença.

— Em realidade já esteve aqui.

— Já esteve? — Adela levou a mão ao peito e simulou uma vertigem. O sorriso que Estrella esboçou a seguir não teve desperdício.

— Tenho seu cavalo.



— O que tem, o quê? Oh, acredito que não quero saber porque tem você seu cavalo!

— É uma longa história. Eu descia pelo bosque uma noite...

Adela levou as mãos à cabeça, escandalizada.

— Não deveria andar sozinha pelo bosque em plena noite! E menos em presença de um inquisidor! — Disse alvoroçada. — Deus, perdeu por completo a razão? Você mesma, com seu comportamento imprudente, acabará te condenando sozinha!

Estrella a ignorou e continuou falando.

— Descia pelo bosque uma noite, e vi um cavaleiro em dificuldades com seu cavalo. — Decidiu omitir seu equívoco e que não respeitou o cavalheiro ou do contrário Adela poderia ter uma síncope. — O animal estava ferido e o homem não tinha nem ideia do que fazer com ele — dando de ombros — Assim fui até ele.

Adela ofegou.

— Levou embora o cavalo de um inquisidor do Santo Ofício? Oh meu Deus, Estrella, não pensa?

— Não tinha ideia de quem ele era — justificou-se. — Embora temo que mesmo que soubesse teria levado embora o



cavalo. Esse animal não podia seguir caminhando no estado que estava.

Adela a olhou estranhando suas palavras.

— E o tem aí atrás?

— Sim, atrás do abrigo. Suponho que logo virá buscá-lo visto que já se restabeleceu quase por completo.

— Oh, Meu Deus! Assim esteve aqui! Tem seu cavalo! — Parecia que a jovem precisasse dizer em voz alta para entender seus pensamentos. — E o que te pareceu? Porque você revista tem um sexto sentido para as pessoas; pode ver além de sua aparência verdade? Pode ver sua aura, saber a simples vista se a pessoa é boa ou má.

E assim era. Não precisava tocá-los ou manter uma conversa com eles para saber se suas almas eram puras ou estavam corrompidas por sentimentos maliciosos. Mas não se tratava de nenhum dom sobrenatural, mas sim de simples intuição.

"*Que é terrivelmente bom para se tratar de um carrasco cruel e desumano. E que nada ao olhá-lo nos olhos pela primeira vez, por pouco teve uma síncope*".

— Que impressão te passou? — Insistiu Adela.



Estrella piscou despertando de seus próprios pensamentos e não pôde evitar ruborizar ante a intimidade dos seus pensamentos.

— Pois embora soe estranho, não percebi maldade nele — admitiu. — Eu diria, que mais se parece com um homem torturado.

— Certamente seja assim, Estrella: torturado pelas almas daqueles que condenou.

Estrella meneou a cabeça. Não se tratava somente disso. Ela pôde ver muito mais nas profundidades insondáveis daqueles olhos escuros. Uma estranha inquietação, uma dolorosa melancolia, uma poderosa tristeza. Tudo isso evitando a chispada de sensações que descarregou sobre ela.

— Seus olhos não refletem o brilho arrogante e déspota que deveriam mostrar os olhos de um cavalheiro de sua posição; um cavalheiro com um poder em suas mãos.

— Deu tempo para você fixar em seus olhos, Estrella Castanheira? — Adela esboçou um sorriso de canto.

As bochechas de Estrella ficaram vermelhas; e ser consciente de semelhante sufoco em seu rosto conseguiu incomodá-la por completo.

— Só me fixei na enorme tristeza que demonstram! — Zangada, deu meia volta e fingiu se ocupar ordenando por



ordem alfabética os frascos de cores do armário. Mas o tremor de seus dedos fazia tilintar constantemente o vidro e a obrigou a desistir de seu propósito e se concentrar em acariciar o lombo do aborrecido Micifuz, que presenciava a conversa sobre a mesa.

— Se você o diz... — suspirou a outra, levantando de seu assento com resignação. — É uma criatura peculiar, Estrelinha; em lugar de estar tremendo de medo ao sentir a presença tão próxima do inimigo... você se compadece dele! E não somente se compadece e sim, cura seu cavalo e tem piedade da tristeza que derramam seus olhos! — Meneou a cabeça com ceticismo. — Não posso acreditar nisso. Só você seria capaz de fazer algo assim.

Estrella observou em silêncio como sua amiga se aproximava da porta.

— Eu te adverti — rematou Adela, abrindo o pesado ferrolho e deixando que a brilhante luz da manhã caísse de forma oblíqua sobre o chão de terra batida. — Agora é com você me escutar ou não. Dizem que o que por gosto morre, até a morte lhe tem sabor de Glória. — Meneou a cabeça. — Definitivamente está louca, Estrelinha.



Diego percorreu o último trecho do caminho aumentando o passo. Aquele era o lance mais trabalhoso devido ao cansaço de já ter andado durante vinte minutos; também o mais íngreme, mas a iminência da chegada depois de todo o percurso resultava um poderoso estímulo.

Quando ao final da costa parou para tomar ar a viu sair da cabana tranquilamente com um machado enorme nas mãos. Dirigia-se ao abrigo da parte de trás e caminhava com os ombros cansados e andar lento, sujeitando o machado pelo bordo da manga enquanto que a pesada cabeça de ferro arrastava pelo chão.

Uma vez mais, ao vê-la, não foi capaz de pensar nela como uma bruxa pérfida confabulada com o demônio. Ali, ante seus olhos, tão somente era capaz de ver uma menina de caráter firme e espírito tenaz que tratava de manter-se com vida ainda nas condições mais adversas. Uma moça que apesar de estar sozinha e desamparada arrumava para sair adiante e sobreviver em um mundo desumano e completamente hostil a ela. E não podia entender que mal existia nisso ou como uma criatura assim podia despertar tanta aversão em um servo do Senhor como dom Evaristo!

Em mais uns passos a alcançou. Estrella não pôde evitar sobressaltar-se ao vê-lo. E que seu coração, secretamente, sobressaltasse-se ainda mais.



— Estrella — saudou inclinando-se ante a jovem em reverencia.

A moça observou a contorção com um brilho inesperado em suas pupilas e um coração traidor saltando em seu peito. Diego Valmaseda não só era arrumado, muito arrumado em comparação com qualquer dos varões da Arcádia, mas sim, além disso, se vestia como um príncipe. Sua capa de seda azul escura, que era curta e permanecia aberta, deixava entrever uma bonita casaca brocada cor avelã com abotoadura de madrepérola. As calças eram justas e iam até à altura dos joelhos; as panturrilhas luziam elegantemente vestidas com meias de seda.

— Senhor Valmaseda. — Embora um pouco tarde devido a sua momentânea abstração, Estrella devolveu a cortesia sem jeito. Já que não estava acostumada a acatar semelhante protocolo com a gente do povoado, embora é obvio conhecia as regras da boa educação.

Envergonhada ante seu tosco aspecto e ante o áspero acessório que sustentava em uma mão, apressou-se em esconder o enorme machado atrás das saias.

Diego esboçou um sorriso ante o envergonhado gesto da jovem e se permitiu um segundo para deleitar-se em sua contemplação. Como sempre, Estrella estava muito bonita. Ainda embelezada com o objeto mais simples, Estrella chamava a atenção de qualquer homem com sangue nas



veias em quilômetros de distância. Não precisava de adornos rebuscados e ostentosos que as damas das capitais, de cabeças pequenas e cachos apertados, luziam nos salões de sociedade. Nem tampouco esses ornamentais vestidos de uso rococó que dissimulavam de forma atroz a silhueta feminina cobrindo com voltas de tecido por toda parte. Ela, com sua camisa de linho branca simples, um corpete roxo apertado e uma saia listrada, apareceu diante de seus olhos como a mais bela entre as belas.

— Suponho que você veio procurar seu cavalo.

— Oh, sim — ele gaguejou. Eu acho que é hora dele retornar ao seu legítimo proprietário, se a sua cuidadora achar apropriado.

Estrella assentiu.

— Está muito melhor, mas não se esqueça de ferrá-lo. E tenha paciência no caminho para o povoado, seu pé se encontra agora mais sensível que nunca.

Diego ficou olhando um segundo. Não queria que aquela conversação terminasse jamais; não queria deixar de olhar aqueles enormes e brilhantes olhos negros, não queria ter que despedir-se e retornar para a casa paroquial para se deixar envenenar pelas palavras de dom Evaristo. E mais, gostaria de dispor de qualquer desculpa factível para continuar visitando-a cada dia, olhá-la nos olhos, perder-se



nas constelações de seus sinais e conversar com ela, embora fosse a respeito de trivialidades e embora ela continuasse se mostrando extremamente esquiva com ele.

"Estúpido! Quer maior desculpa? Neste momento é o único homem da Terra que dispõe de total liberdade para permanecer preso a sua sombra vinte e quatro horas do dia! Porque você é o juiz inquisidor que veio a julgá-la e decretar ante os olhos de Deus é ou não inocente!"

Não, essa não era a desculpa que ele desejaria.

— Terei paciência, prometo isso. Além disso, desta vez conto com o estímulo de ter te visto levando uma arma perigosa. — Com um gesto de cabeça assinalou o machado. — Não me ocorreria me pôr a prova.

Estrella não pôde evitar sorrir e ruborizar-se até a raiz de seus escuros cabelos.

— Oh! Não se preocupe; como vê, pesa tanto que mal posso levantá-lo — admitiu. — Está perfeitamente a salvo nesse aspecto.

"E em qualquer outro, muito me temo que embora quisesse não seria capaz de lhes fazer nenhum mal. Embora você tenha vindo me fazer isso ".

— Bom saber. — Diego suspirou e começou a balançar sobre seus pés parecendo desconfortável; estava claro que



não sabia o que dizer e por sua vida que desejava dizer algo para não ter que despedir-se! A oportunidade se apresentou quase imediatamente. — Ah, antes que me esqueça! — Levou a mão às profundidades do bolso de sua capa e tirou dele várias moedas de prata. — Quero lhe entregar estas moedas como pagamento pelos cuidados que oferecestes a meu cavalo.

Estrella levantou uma mão, para recusar a oferenda.

— Decidimos que acertaríamos as contas quando viesse busca-lo, recorda?

— Não aceitarei nenhuma só moeda por um serviço que ofereci de graça, assim não insista — disse muito séria. — Além disso, você não solicitou nenhum desses serviços, mas sim fui eu a que, de certo modo, raptou seu cavalo.

— Isso é verdade — admitiu Diego, cruzando os braços sobre o peito e olhando-a fixamente. Seus lábios permaneciam curvados em um sorriso. — Entretanto insisto em fazer algo por você. Não esqueça que meu cavalo e eu mesmo estamos em dívida com você.

— Não existe dívida alguma, senhor Valmaseda, tudo está bem.

"Ou também poderia ir de Arcádia e me liberar do martelo maligno (o ditoso martelo de bruxas!) Que oscila sobre minha cabeça".



Seus pensamentos se silenciaram de repente. Irá embora de Arcádia? Para sempre? E não voltará a vê-lo jamais? Engoliu a saliva. Realmente era isso o que queria? Uma ruguinha apareceu em seu rosto. Não, por sua vida que não. Mas acaso seria tão parva para pôr em risco sua própria vida com o único fim de cumprir os caprichos de seu coração? Ah, seu estúpido coração! Que criatura sob as estrelas seria tão idiota e inconsciente para fazer algo assim? Inclinou a cabeça para deleitar-se olhando aquele rosto moreno de grandes olhos escuros, queixo afiado e boca pequena

— Insisto, Estrella. — Seu tom não admitia réplica. — Se empenhar em não aceitar meu dinheiro, ao menos me permitam te ajudar com algo. — Inclinou-se sobre ela, aproximando-se perigosamente. Estrella conteve o fôlego ao perceber a proximidade de seu corpo e de seu formoso rosto a uma curta distância do dele; um agradável aroma mescla de sabão e talco fez despertar todos os seus sentidos. Durou só um segundo, mas durante esse tempo deixou de respirar e até seu coração se esqueceu de pulsar. Uma dolorosa punhalada atravessou esse mesmo coração quando se deu conta de que Diego Valmaseda simplesmente pretendia lhe arrebatar o machado que escondia detrás de suas costas.

— O que... o que pretende fazer com isso?

— Acredito que é óbvio — disse, medindo o peso do machado com ambas as mãos.



— Não, não posso permitir...

— Você mesma disse que pesava muito — cortou. — Onde está a lenha? Estrella sorriu, aceitando resignada, e o acompanhou à parte de traz da cabana onde uma pilha enorme de troncos esperava para alimentar a chaminé da moça nesse mesmo inverno.

Deixou-o ali, enquanto retornava à cabana com o pretexto de continuar com os afazeres do dia. Não pôde, entretanto, reprimir, e em uns poucos minutos já estava próxima à janela para bisbilhotar.

Ele retirou sua capa e casaca e ficou somente de camisa, enquanto descarregava golpes contra as lenhas que colocava de pé sobre uma armadilha. Estava suando; seu cabelo, abundante e completamente empapado, pegava-se a seu rosto gotejando por sua cara e por seu pescoço. O fino tecido da camisa umedeceu e se aderia a suas costas e a seus ombros definindo de forma sensual cada músculo. Em semelhante postura, as calças marcavam suas atléticas coxas com absoluto desrespeito.

Estrella não conseguia parar de olhar. É verdade que os movimentos do homem eram desajeitados e imprecisos, provavelmente, porque ele não teria muitas vezes visto a necessidade de realizar um trabalho tão rudimentar; mas também podia perceber nele, na força com que largava o machado ou no prazer que parecia acolher o esforço, um



estranho alívio. Era como se ele precisasse descarregar suas emoções e, de alguma forma, através do esforço físico, ele alcançasse algum tipo de libertação.

Começou a garoar. O homem cravou o machado no tronco que usava como base e utilizou uma mão como uma viseira para olhar ao céu. Seu peito subia e descia em um agitado vaivém, sua barriga plana e sua cintura estreita permaneciam perfeitamente à vista nessa posição. E o coração de Estrella, em camaradagem com seu estômago apertado, estava bem ciente disso. A chuva aumentou e logo passou de um ligeiro chuvisco a uma chuva torrencial. Diego fez uma cara de chateado, porém, continuou descarregando machadadas sobre os troncos com a mesma vontade e entusiasmo do início.

Um inesperado sentimento floresceu no peito de Estrella, crescendo em poucos segundos de tal forma que chegou a ocupar parte do espaço destinado ao coração e aos pulmões; e, em seguida, oprimiu-a dificultando sua respiração. Uma lágrima solitária apareceu em seus olhos e desceu em queda livre pelo seu rosto. E ficou consciente do preciso momento em que sua alma se rompeu.

Ver Diego Valmaseda ali fora lutando contra si mesmo e contra seus próprios demônios com a desculpa de picar um pouco de lenha, era mais do que podia suportar. Não se tratava somente da beleza que continuamente lhe envolvia,



nem de seu formoso rosto avermelhado por causa do esforço; ou de seu corpo, que a fina camisa insinuava através de um véu molhado, mas sim da infinita ternura que lhe inspirava vê-lo ali, em seu terreno, oferecendo-lhe sua ajuda e esforçando-se para agradá-la. E tinha que reconhecer que gostava do que via. Era agradável sentir a presença de um homem naquele lugar. Jamais houve um homem na cabana das Castanheira e semelhante novidade resultava melhor do que imaginara. Começou a divagar sobre quão prazeroso resultaria sentir-se acompanhada durante todo o dia, ter com quem conversar, com quem debater; também com quem rir. E sobre tudo pensou em quão maravilhoso seria não ter medo e poder se sentir segura sob a asa protetora de um homem como aquele.

Meneou a cabeça. Aquilo não tinha sentido. Diego Valmaseda era um carrasco, um homem cruel e desumano, e juiz de bruxas e hereges, um inimigo declarado... e, entretanto, ali fora, de camisa, sob a chuva, não era mais que um homem como outro qualquer. Esboçou um sorriso enfermo. A quem pretendia enganar? Diego Valmaseda nunca poderia ser um homem como outro qualquer, mas sim era o homem mais arrumado e atraente que viu. Possivelmente muito belo e perfeito para ser real. Nenhum outro homem até o momento foi capaz de sacudi-la de cima a baixo sem necessidade de tocá-la previamente.



Aquela mesma noite, Diego se sentou na beirada da cama com as pernas separadas e os cotovelos apoiados nas coxas. Elevou o olhar para o enorme crucifixo que presidia seu quarto e suspirou, compondo um gesto contrito. A chama oscilante sobre a mesa de noite enchia o quarto de sombras e formas sinistras, iluminando o Santo Cristo e conferindo-o um aspecto tão imponente como lúgubre.

A essa hora e naquele modesto quarto da casa paroquial se sentia completamente perdido, sentia-se à beira de um precipício. Como o próprio Jesus quando foi tentado pelo demônio. Em seu caso a tentação era outra e vivia no meio da Fraga.

Levou as mãos aos cabelos e os mexeu com impaciência, quase com desespero, agarrando-se a seu largo rabo-de-cavalo como um náufrago se agarraria a uma boia flutuante. Seus olhos brilhavam ante a acumulação de lágrimas não derramadas. Seu era o rosto de um homem torturado pelo dever e por seus princípios. Estava claro que não existia meio termo e que qualquer dos dois seria incompatível com o outro.

Pela primeira vez em toda uma década estava firmemente convencido de não desejar ocupar o posto que



ocupava. Jamais esteve de acordo com ele, mas nesses momentos se sentia envergonhado de ser um representante do Santo Instituto. Por que diabos o destino o levou a aquele lugar remoto da Galícia e pôs Estrella Castanheira em seu caminho se não lhe oferecia a possibilidade de ser um homem livre para cortejá-la? Que tipo de brincadeira ou nova tortura era aquela que se somava de forma tão lamentável às torturas que levavam já dez anos perseguindo-o?

Apaixonou-se pela acusada a que foi julgar. Aquela não era uma brincadeira de mal gosto do destino? Parecia ou não estar zombando dele?

— Meu senhor — suplicou, olhando aos olhos ao rei dos judeus — Sempre lhe amei e respeitei, sempre te levei como uma estrela sobre meu coração; meu Senhor, sou seu servo mais leal e devoto e luto por fazer prevalecer sua palavra e seu testamento sobre todas as coisas. — Com decisão arrancou de um puxão a corrente de ouro que levava a pescoço e da qual pendurava a terrível cruz verde, escoltada a um lado por uma espada e ao outro pela flor de oliva. — Não a palavra dos homens. Não a palavra desses guerreiros implacáveis e ímpios que desejam equiparar-se em poder e glória com você, Altíssimo. Estou cansado de servir a homens que precisam limpar as faltas dos acusados com sangue, quando a seus olhos tão somente umas poucas lágrimas bastariam.



Sustentou o terrível brasão ante seus olhos, brilhantes de dor e tortura.

— Reverendo Pai, vos rogo que me desculpe por não saber ser um digno representante de sua palavra e dos princípios do Conselho — Ele suspirou lentamente, sentindo o peito se esvaziar com o oxigênio e a tristeza. — Nunca desejei formar parte do Santo Ofício e por minha vida que jamais puderam ter recrutado um integrante tão incapaz para sua causa. Espero de coração que não se sinta muito traído ante meu gesto de renúncia, mas se for assim, deve saber que prefiro trair mil vezes todo o Tribunal antes que a Jesus Cristo Nosso Senhor, a quem sempre serei fiel. — Deixou a caderneta sobre a mesinha de cabeceira e começou a desabotoar a camisa muito devagar, sem afastar o olhar do filho de Deus crucificado.

— Não penso me mostrar cruel e implacável com uma moça cuja inocência considero mais que provada. Do que a acusarei? De curar cavalos com infecções no casco ou de empregar conhecimentos ancestrais para fazer infusões e cataplasmas? Tudo isto é tão ridículo! Senhor, você tampouco permitiu semelhante injustiça com a Maria Madalena e se arriscou a defendê-la quando todos outros a acusavam. — Exalou muito devagar, esvaziando os pulmões e até a alma. — Desconheço que estranhas ofensas se trazem entre mãos neste povo, nem por que o sacerdote parece detestar tanto a uma ovelha de seu rebanho; mas não penso permitir que a



carne dessa pobre menina se carbonize sob o falso fogo da justiça. E não só porque a considero inocente dos crimes que a acusam, mas sim porque além disso... —— liberou-se da camisa e a dobrou com cuidado sobre a cama. — Além disso, sinto-me perdido e irremediavelmente preso por ela e por seus olhos. E nesses momentos não encontro a vontade de me livrar desse jugo que é meu consolo.

Fechou os seus e encheu de novo os pulmões com um enorme sopro. Estrella não só era linda; além de todo o mistério que a rodeava (e que também suportava seu próprio encanto) possuía uma beleza fresca e vivaz muito diferente à beleza artificial e pretenciosa das damas da cidade. Seu caráter incomum e livre, independente e impetuoso, convertiam-na também em uma criatura singular e fácil de admirar. Decididamente não havia escapatória! Foi enfeitiçado sob a força de seus olhos negros e suas cinco pintas.

De uma gaveta da mesa, ele extraiu um chicote de sete cordas adornado em suas extremidades com sete pequenas bolas pretas. O único jeito possível para aliviar uma alma torturada por culpa e remorso. Com um movimento rápido e preciso, ele chicoteou as costas. A onda de dor que se abateu forçou-o a cerrar os dentes e fechar os olhos. A pele ficou vermelha e brilhante sob a feroz carícia do couro.



— Terminarei com este processo quanto antes; ditarei sentença e escreverei ao Muito reverendo Pai para lhe apresentar minha demissão. Não há necessidade de prolongar esta farsa nem um dia a mais que o necessário. Chegou o momento de me desligar de uma organização apoiada na submissão e do terror.

Um novo golpe caiu sobre as costas, e desta vez a pele se rasgou deixando escorrer seu sangue.



Capítulo 8

Estrella, de joelhos, depositou dois ramos de verbena sobre as tumbas de sua mãe e de sua avó. Aquela humilde folha, consideradas mágicas pelos antigos celtas, foram as favoritas das duas mulheres, como agora era dela.

Dom Evaristo, ao considerá-las bruxas, não permitia que lhes dessem sepultura em terreno sagrado e, portanto, não puderam levar consigo nenhuma mísera bênção para o caminho ao céu e foram enterradas no meio de Fraga, como animais, perto da cabana em que viveram durante toda sua vida. Como nunca tiveram dinheiro, suas tumbas eram somente dois montes de terra rodeados com pedras sobre os quais a própria Estrella colocou duas cruzes criadas a partir de dois ramos entrelaçados. Estrella não assistiu o enterro de sua avó. De fato, sua mãe lhe comunicou o falecimento da anciã dias depois do acontecido. Sim, assistiu o de sua mãe. Ela mesma presenciou durante dias sua dolorosa agonia sem ser capaz de fazer nada por aliviá-la. Logo que era uma menina e ainda não era consciente de seu poder. E embora sua mãe conhecesse os remédios e não duvidou em aplicar-lhe, a tuberculose acabou por consumi-la de um modo fulminante. Ela era tão pequena que mal se recordava do



acontecido naqueles dias. Tão somente flutuava em sua memória a vaga lembrança de um homem que foi à cabana para visitar sua mãe um dia antes dela morrer. A mulher, ao vê-lo subir pelo caminho, apressou em mandar a sua filha se esconder no quarto depois da cortina e ordenou muito séria que não saísse dali sob nenhum pretexto, por isso não foi capaz de distinguir a silhueta escura e esfumada do desconhecido. Contudo, ao lado da cama, Estrella pôde escutar pedaços da conversa, ao menos durante os escassos segundos que sua mãe deixava de tossir sangue. Por azar, sua mente infantil e sua escassa capacidade de concentração naqueles dias terríveis lhe impediram de compreender o que diziam. Só tinha consciência de que sua mãe chorava e que o homem lhe suplicava algo entre sussurros. Agora já não adiantava pensar nisso. Eram somente lembranças que vagavam por sua mente e flutuavam em seus pensamentos de vez em quando, aparecendo na superfície como matagais de algas flutuantes arrancadas do leito marinho por causa da forte correnteza. De nada serviria tratar de evocá-los e lhes dar forma tantos anos depois.

Passou vários minutos arrancando algumas ervas daninhas que cresciam ao redor das cruzes e no final vestiu a capa com esforço. Já passava da metade da tarde, mas logo começaria a escurecer. Nesta época do ano e tendo em conta a nebulosidade do dia, você não poderia contar com muitas horas de luz. Uma brisa gelada, antes do crepúsculo, assobiou pela encosta para se enredar na pequena



protuberância escura que fazia Estrella se prostrar de joelhos. Seus dentes batiam e seu rosto ficou mais pálido do que o habitual, em contraste com a vermelhidão da ponta do nariz.

— Mãe, sinto-me tão confusa que não sei o que fazer — sussurrou acariciando o amaciado tapete de erva do montículo. — Jamais me vi em uma situação parecida nem jamais até agora experimentei em meu interior um turbilhão de emoções tão diferentes. — Levantou o olhar procurando respostas nas altas copas que pareciam arranhar o céu, mas só o rumoroso canto do vento entre a folhagem foi devolvido. — Não posso evitar sentir esta perigosa atração por um homem que sei que não é bom para mim; sei que sabem do que lhes falo, pois, o mesmo aconteceu com meu pai. Afinal lhe deixou sozinha, deixou-nos sozinhas — suspirou. — Você também sucumbiu ante um homem errado.

O vento girou entre as árvores provocando um barulho diferente entre as folhas.

— Sei que estou dando lugar a sentimentos perigosos, mas, acaso não diz a Bíblia que o lobo e o cordeiro têm que pastar juntos? Jamais me disse que esse cordeiro estivesse preparado por aceitar pastar ao lado do lobo, verdade? — Passou a mão sobre o tapete de erva da tumba ao lado e desta vez se dirigiu a ela. — Avó, não pude encontrar maldade em seu coração, e, entretanto, sua só presença representa



uma ameaça para mim. Sei que deveria fugir, que deveria correr em sentido oposto ao que ele caminha, que sua escuridão representa uma advertência terrível para mim..., mas não sou capaz de me afastar. Sinto-me atraída como uma mariposa pela luz.

Descansou a cabeça em uma mão, despejou todo o peso de seus pensamentos, e suspirou profundamente tentando aliviar o pesado fardo que a torturava.

— Nunca me disseram que algo assim poderia acontecer, mas cada vez que o olho nos olhos todo meu corpo estremece, o sangue dança em minhas veias, o coração pulsa rapidamente em meu peito. E sem necessidade de lhe tocar! Nunca imaginei que alguém pudesse me fazer vibrar desta forma.

As folhas das árvores batiam balançadas pelo vento, criando uma sedutora sinfonia de sussurros e nuances.

— Tenho medo... — admitiu, — Mas não dele. Por alguma razão sinto que ele não seria capaz de me fazer mal, por mais que represente a um anjo justiceiro e leve o emblema da inclemência. Tenho medo do que estou sentindo, pelo que ele me faz sentir; medo do que tudo isto representa para mim. Também tenho medo das sombras que me rodeiam, das sombras que envolvem a ele e se voltam para mim em silenciosa ameaça. Queria tanto saber o que fazer, queria saber o que é correto.



Nesse instante o vento virou com violência arrancando uma das flores de verbena da tumba da avó. Elevou-a no ar e a fez girar em repetidas cambalhotas diante dos olhos de Estrella antes de deixá-la cair sobre sua capa, à altura do coração. Estrella a apanhou, apertando-a contra seu peito antes que pudesse fugir, e esboçou um amplo sorriso.

— Isso é o que quer avó? Está certa? — Levou a flor aos lábios e a beijou.

Era tarde. Diego sabia que era um equívoco abandonar o vilarejo para entrar na floresta a essas horas, sobretudo tendo em conta que aquele foi um dia escuro e, portanto, anoiteceria antes. Mas não podia evitar. Todo o santo dia esteve pensando em Estrella. Nela e em seus olhos negros, em Estrella e em suas pintinhas, em Estrella e em sua trança de ouro negro...

Suspirou. Preferia torturar-se com tais pensamentos antes de continuar escutando as barbaridades de dom Evaristo. Embora fosse muito consciente de que qualquer pensamento dele não iria ter nada positivo. Afinal ele era um juiz inquisidor e ela uma acusada por bruxaria. Seu dever era tratar de julgar de forma objetiva e retornar à Toledo com o relatório pertinente. Jamais deveria envolver-se com ela.



Jamais deveria pensar nela nem sequer um minuto além do motivado por sua investigação.

Esboçou um sorriso irônico. Isso era um impossível. Não pôde afastar de sua cabeça nem um segundo somente a mulher que arrebatou seu cavalo no meio da floresta. Desde aquele dia ficou enfeitiçado sob a influência de seus olhos brilhantes e vivos, sob a altivez de seu nariz arrebitado e a bravata de suas explosões. Enfeitiçado! Que oportuna e perigosa palavra para definir o que sentia por ela!

Deteve-se no meio do bosque sob o ronrono cadencioso das copas das árvores. Fechou os olhos e inalou a fresca brisa da tarde deixando-se embriagar por ela. Como era fácil se sentir livre no meio do nada! Que singelo sentir-se somente um homem, como outro qualquer, liberado das amarras de suas obrigações! Abriu os braços, expondo-se por completo, e inclinou a cabeça para trás. A fresca brisa crepuscular lhe esbofeteou, arrancando um sorriso. Livre, sentia-se livre no meio da natureza, livre e por Deus de todos os cristãos!

Quem dera pudesse fazer voltar o tempo e ter de volta sua juventude em Valência, quando simplesmente era um estudante de leis que desejava exercer de juiz de paz em seu povo. Quem dera seu pai jamais tivesse carregado sobre os ombros um jugo tão pesado como indesejado. Levava mais de uma década repartindo justiça em nome de Deus. Outro sorriso irônico. Aquilo não tinha nada a ver com Deus. Aquilo



dependia única e exclusivamente dos homens. Dos homens e de sua desmedida ambição. Dos homens e de seu temor de serem desbancados do pedestal ao que eles mesmos se colocaram.

Jamais foi teólogo, a não ser jurista. As leis e a ciência eram o que corria realmente por suas veias. A razão, a imparcialidade, a equidade... seus princípios não casavam absolutamente com os princípios dos integrantes negro, vermelho e púrpura da instituição. Por isso lhe exigiam cada vez mais, por isso lhe obrigavam a atuar contra sua natureza executando sentenças com as que não estava de acordo. Pôde salvar a muitos inocentes da fogueira, mas também se viu obrigado a condenar a muitos outros manipulado pela mão inclemente que atirava de seus próprios fios. Os fios de uma estúpida marionete. Quanto tempo mais poderia continuar assim antes de perder por completo a razão? Ignorava-o; possivelmente até que o copo transbordasse (e acabaria transbordando em algum momento) ou possivelmente até que terminasse por perdê-la de verdade e deixasse de ser útil a seus superiores.

Havia muitos homens desejando ocupar seu posto. Homens instruídos, caçadores implacáveis de almas que acatariam sem preâmbulos nem escrúpulos os desejos de seus superiores. Homens muito mais diligentes que ele e completamente de acordo aos desejos do Tribunal: homens servis e entregues, sem vida própria além da Igreja.



Cavalheiros justiceiros por completo carentes de remorsos. Remorsos? O que era isso? Jamais teve! O único que se perguntava era por que o Inquisidor Geral não se revelou ainda de seu posto. Internamente suspeitava a suspeita de que sua Eminência desfruta sabendo e o tortura em seu cargo. O caso era torturar a alguém. E por que não a aquele bobo que adoecia de sentimentalismo cada vez que via um condenado retorcer-se na armadilha? Sua Eminência devia encontrar um prazer maldoso em semelhante tortura, pois apesar do próprio Diego se encarregar de mostrar seu desagrado e sua repulsa ante determinadas sentenças, ao final nunca lhe servia de nada.

Um rangido de folhas secas a suas costas o devolveu à realidade. Por instinto se escondeu entre os arbustos, embora se fosse algum animal selvagem não teria a mínima oportunidade de defender-se. Com o que, com a fivela de seus sapatos? E então a viu.

Caminhava devagar, enrolada sob sua capa como uma larva; arrastando os pés com o capuz ocultando por completo seu bonito rosto. Endireitou-se imediatamente. Seguia seu caminho sozinha. E ele não queria que ela se fosse. Depois de toda uma noite e um dia inteiro pensando nela, não podia permitir que desaparecesse agora. Não de sua vida, não de seus sonhos.



— Estrella! — Ela parou assustada e virou levemente o rosto em sua direção. O tremente esboço de um sorriso apareceu em seus lábios; e foi suficiente para ele respirar e saltar em um par de pernadas a distância que os separava. — Que casualidade te encontrar aqui!

"Mentiroso! A que outro lugar conhece neste bosque além de sua cabana?"

— Está muito longe de Arcádia — murmurou, olhando-o fixamente nos olhos. Um tremor apenas perceptível a sacudiu inteira.

Diego se mexeu incomodado.

— Na verdade vim ver você.

Estrella voltou o rosto tentando ocultar suas emoções. E o rubor que manchava suas bochechas escondendo por completo seus sinais.

— A mim? Por que? — Não pôde disfarçar o tremor de sua voz.

— Não sabe, Estrella?

Desta vez, Estrella se virou, devolvendo-a completamente. Seu olhar, carrancudo e perturbado, estava perdido no meio do mato.



— Eu sabia, claro que sabia! — Mas em seu coração sonhara que o dia das revelações nunca chegaria. —Eu só sei quem você é ...

Diego engoliu em seco, prendendo a respiração.

— E quem sou eu?

Ela inalou pelo nariz tratando de levar oxigênio a seus pulmões. Seu coração zumbia descontroladamente em seu peito. Sentia-se à beira de desmaiar e, por sua vida, acabaria caindo tanto quanto se essa situação demorasse muito mais.

—Um juiz da Santa Inquisição. — E quando disse isso, todo o seu corpo estava coberto de arrepios.

Diego suspirou. Ficou claro que, mais cedo ou mais tarde, ela acabaria descobrindo. Certamente alguém da vila teria subido até lá para avisá-la. Afinal de contas, Don Evaristo não poupara exagero e publicidade para anunciar de um extremo ao outro como o flagelo das bruxas e dos hereges. E agora ela sabia quem ele era. Agora tudo chegaria ao fim. Não haveria possibilidade de voltar para ela de maneira amigável.

— Têm medo de mim? — Sabia a resposta. Não só teria medo dele, mas sim a essa altura o odiaria com todas suas forças. Afinal estava ali para julgá-la. Era o inimigo.



— Não — disse de forma surpreendente, fugindo ainda de seu olhar. — Não tenho medo. Sei que deveria ter, que o mais lógico é que tivesse..., mas algo me diz que posso confiar em você.

Diego esboçou um sorriso trêmulo. Seria possível? Ou sua inflamada imaginação estava pregando peça, oferecendo-lhe uma esperança para depois arrebatar-lhe de repente?

— Não quero te fazer mal, Estrella! — Inclinou-se para ela, procurando com desespero seus olhos para encontrar neles os seus. — Não sei o que pensa de mim, mas não vim te caçar. Não estou aqui para te julgar e te condenar, a não ser para demonstrar sua inocência. E quero demonstrar sua inocência! Permita que eu faça?

Estrella ergueu o queixo e se deixou envolver pela quietude que derramava o olhar daquele homem. Não, definitivamente não guardava maldade em seu coração. Os olhos nunca mentiam. Hipnotizada, assentiu uma só vez.

— Preciso estar a seu lado e ver o que faz para poder redigir meu relatório! — Continuou ele. — Entende? Tenho que demonstrar a meus superiores que não existe ameaça alguma em você, que é inocente dos crimes que lhe acusam!

— Dom Evaristo não permitirá isso.

— Dom Evaristo não poderá rebater minha sentença! Minha palavra está muito acima da sua.



Estrella olhou com o cenho franzido e o coração aos pulos.

— Por que me ajudar? Por que se preocupa comigo? Ainda se sente em dívida pelo do cavalo?

— Quero fazê-lo! Devo fazê-lo! — Sorriu divertido. — E não, não tem nada com o cavalo. — Procurou sua mão entre as dobras da capa e a apanhou com docilidade entre as suas, acariciando com o polegar a superfície suave da lã. — Não tenha medo, confie em mim, não permitirei que ninguém lhe faça mal. Prometo-lhe isso.

— Sei.

Estrella sorriu enquanto desviava o olhar até sua pequena mão apanhada na dele. Um montão de formigas aproveitou o instante para brincar de correr por seu estômago, acima e abaixo, fazendo-lhe cócegas e evidenciando que a proximidade daquele homem as punha em revolução. Quase ao mesmo tempo uma imensa onda de ternura se abateu sobre ela e foi como quando sua mãe ou sua avó lhe diziam que não se preocupasse, que tudo estaria bem porque, onde quer que estivessem, sempre cuidariam dela. Diego segurou a mão da jovem ainda por um bom tempo entre as suas e foi nesse preciso instante que se deu conta de que se sentia completamente ligado a ela. Possivelmente muito, possivelmente mais do que resultava prudente dada a



situação. Mas sua necessidade de protegê-la e de não soltar jamais essa mão estava além de todo sentido comum.

Entretanto, a prudência e o medo de intimidá-la, obrigaram-lhe a permitir que aquela mão passasse por entre seus dedos para refugiar-se de novo entre as dobras de roupa.

— Logo ficará de noite, Estrella, irei te acompanhar até sua casa. — Ela assentiu e começou a andar com ele caminhando ao seu lado, em silêncio, como um anjo da guarda. Seu anjo da guarda. — Não deveria passear pelo bosque em horas tão tardias, não é sensato em sua situação — brigou. — Deste modo dá motivos a falatórios.

Estrella o olhou carrancuda.

— Nunca me importou os falatórios.

— Mas se quiser que a ajude deve atuar com prudência! — Deteve-se de repente para segurá-la com firmeza pelos ombros, obrigando-a a encará-lo. — Não sou o inimigo, Estrella; mas poderia ser, não se esqueça.

Um calafrio sacudiu Estrella de cima abaixo. Não era o inimigo, e isso sabia bem. Não era necessário mais que um olhar para ter absoluta certeza disso. Não era o inimigo.

— Está bem, serei mais prudente — concedeu a contragosto.



Ele pareceu dar-se por satisfeito e continuaram caminhando em silêncio. Entretanto uma dúvida rondava por sua cabeça e devia falar ou do contrário acabaria por deixá-lo louco.

— Posso lhe perguntar de onde vinha? — Embora procurou soar indiferente, não pôde evitar que seu tom refletisse um registro baixo e sombrio.

Estrella encolheu os ombros. Desta vez não tinha nada que esconder.

— Fui visitar minha mãe e a minha avó.

— Vivem aqui perto?

— Estão enterradas no alto de Fraga, sob uma nogueira.

Diego franziu o cenho e parou de repente. Esqueceu as condolências que imediatamente foram ultrapassadas pela indignação.

— No bosque? — Elevou a cabeça em direção à cúpula. — Por que não receberam sepultura no cemitério, junto ao resto dos paroquianos?

— Dom Evaristo não permitiu. — Diego arqueou uma sobrancelha. — Eu era uma menina, mas lembro que não consentiu que as enterrassem no cemitério. Vieram dois homens, cavaram dois buracos e as enterraram ali acima, sem mais. — Ao finalizar a explicação encolheu os ombros.



— Não posso acreditar! — Uma quebra de onda de indignação subiu por seu pescoço, fazendo que suasse sob as capas de roupa. — Enterradas fora de terra sagrada? Por que? Acaso não eram cristãs?

— Sim, senhor, eram! Como também eu o sou. Jamais reneguei o poder de Cristo, por muito que despreze isso...!

Diego impediu que terminasse a frase, silenciando-a com um olhar de censura. Ela não tinha culpa, simplesmente se expressava com naturalidade, protestando ante uma injustiça que nenhum cristão com metade de um cérebro poderia suportar. Olhou-a com uma ternura infinita. Pobre criatura, quanto deve ter sofrido por culpa de mentes preconceituosas e ignorantes!

Inalou profundamente, disposto a encarar todo o trabalho que tinha adiante. Ia ser, e não lhe cabia a menor dúvida disso, uma batalha feroz.

— Não se preocupe e deixe em minha mão. Sou juiz e meu superior é o Reverendíssimo Padre, Cardeal do Toledo e inquisidor geral do Reino. Conseguirei que tanto sua mãe como sua avó repousem em terreno sagrado, como deve ser.

Ao término daquela mesma semana, sem maior demora, aproveitaria a carta com o relatório semanal do caso dirigido a Sua Eminência e assim iniciar os trâmites pertinentes para a exumação dos corpos.



Pouco faltou para que dom Evaristo colocasse para fora o presunto de seu jantar.

Diego Valmaseda, de pé ao lado da mesa, levava um bom momento repreendendo-o com muita pouca cortesia. No começo pensou que o inquisidor estava incomodado por não o ter esperado para jantar, (certamente se o moço não respeitava a hora sagrada das comidas era assunto dele; qualquer homem que ignorasse as gloriosas necessidades de seu estômago não era mais que um tolo) mas depois observou seu rosto acalorado, seus olhos brilhantes de ira e o barro em seus sapatos e intuiu que não foram por aí os tiros.

— Como é que estão enterradas no monte, como os animais, em lugar de em um cemitério?

O sacerdote ruminou com calma o conteúdo gomoso de sua boca e, quando se dispôs a falar, grossos pedaços escaparam de entre seus lábios para impactar em todas partes.

— Porque eram bruxas, senhor Valmaseda! As bruxas não podem pisar em terra sagrada!



Diego cruzou os braços em cima do peito derramando um olhar olímpico sobre aquele padre, servil pajem do vício desordenado da gula.

— Quem decretou que fossem bruxas? — Rugiu fazendo chiar os dentes. — Quem?

Dom Evaristo o olhava atônito sem deixar de gotejar como uma vela acesa. Apesar de prestar atenção às palavras do juiz não perdia de vista seu prato, que olhava de soslaio a cada segundo e de que ia roubando pequenas porções. Diego experimentou uma tremenda repulsão pelo padre; nesses momentos parecia mais que nunca um porco vestido com a batina. E um porco muito mal-intencionado e pernicioso, por certo.

— Que eu recorde — continuou — Nenhum de meus antecessores esteve aqui para julgar um caso anterior de bruxaria.

Dom Evaristo suspendeu o árduo exercício da mastigação para olhar ao jovem com a boca aberta, por isso toda a catástrofe mastigatória ficou à vista no interior daquele tambor grande de mesclas.

— É certo — balbuciou — Nenhum membro do Tribunal esteve na Arcádia jamais. Você é o primeiro.

— Então, quem e com que autoridade se atreveu a julgar e condenar a essas pobres mulheres?



Dom Evaristo se mexeu desconfortável em seu assento. Se aquele presunçoso soubesse! Mas não, por sorte não existia forma humana que soubesse nada. Seu comparsa levava muitos anos clandestinamente e ninguém mais em todo Arcádia estava a par de seus atos.

— Mas eram! — Insistiu. — Seus próprios atos e seu modo de vida as delataram, como agora delatam também a sua herdeira! — Sua voz adquiriu um tom ofendido. — Essa pequena víbora a que terei que esmagar a cabeça — ergueu uma mão para amassar no interior do punho uma cabeça invisível. — Como São Miguel esmagou em seu dia aquele maldito dragão!

— Não irei permitir...! — Diego levantou uma mão em gesto de empregá-la contra aquele energúmeno; mas a razão se impôs a seus sentimentos e terminou por controlar-se e deixá-la cair, completamente inofensiva. Tratando de manter a calma, puxou as mangas e dos extremos de sua casaca antes de continuar. — Não volte a falar nesses términos da acusada, senhor, ou do contrário terei que tomar severas medidas contra você!

— Contra mim? — O padre se encrespou, erguendo com brutalidade de seu assento. Ao fazê-lo e ante a veemência de seu movimento, a proeminente papada e as bochechas sobrecarregadas tremeram como gelatinas. — Com essa bruxa



acampando a solta por Fraga? Jamais escutei disparate parecido!

Separou-se da mesa e, com seu andar de ganso, encurtou a distância que o separava do jovem inquisidor para encará-lo.

— Não o enfeitiçou com suas artes malignas, certo? — Perguntou estreitando seus olhos de verme.

Diego enrijeceu. Enfim seu cargo ia ser lhe útil depois de tudo. De algo tinha que servir mais de uma década de sacrifício e entrega a uma causa que não lhe era absolutamente querida.

— Sou um juiz do Tribunal da Santa Inquisição, meu senhor, as artes do maligno não têm capacidade entre nós!

O padre inalou tão forte que o ar provocou um sonoro assobio ao entrar em suas fossas nasais. É obvio que era um juiz da Santa Inquisição, do contrário...!

— Não deveria passar tanto tempo em sua companhia ou acabará lhes comendo o crânio — comentou com fingida calma. Uma calma sinistra que normalmente é a sala de espera da tempestade. — Essas odaliscas do demônio têm um dom especial para manipular os homens e obrigá-los a agradar todos seus desejos. Sabe lá que se faz.

Diego sentia ferver o sangue em suas veias.



— Diz com conhecimento de causa?

Dom Evaristo chutou o chão. Sua ira parecia tão grande como sua indignação e ficava perfeitamente claro através da mancha vermelha em que se converteu seu rosto.

— Todo mundo sabe! — Rugiu, e a proeminente papada sacudiu como o forte fluxo de um mar enfurecido. — Se eu fosse você, deixaria de perder meu tempo com essa criatura malévola e a levaria a julgamento agora mesmo! O que diabos está esperando? — Diego cerrou os dentes tão forte que temeu quebrar um. Aquele estúpido pretendia agora lhe ensinar a fazer seu trabalho? — Só cumpro com meu dever, dom Evaristo, minha obrigação é estudar a fundo o que ambas as partes tenham que alegar e não me centrar somente na acusação! Devo tomar declarações, interrogar às testemunhas e ao acusado e finalmente emitir meu veredicto!

— Sem contar com seus superiores?

Mas seria mesmo possível?

— Possuo suficiente autoridade e estou suficientemente capacitado para ditar sentença, meu senhor! Por desgraça, não é a primeira vez que faço isto.

— Essa bruxa acabará o corrompendo a seu desejo! — Bramou o sacerdote. E elevou as mãos, enchendo o ar de dramalhões. — Sois tão...!



A prudência lhe obrigou a silenciar-se. Não obstante, permitiu-se terminar a frase em sua cabeça.

" ... brando, sentimental e benévolo que me repugna! Um homem como você não deveria ostentar o cargo que ostenta! Um juiz do Santo Ofício deve ser implacável, duro, disciplinado e contrário por completo a práticas anticristãs!"

— Tão o quê? — Instigou o juiz. — Termine o que começastes, senhor, exijo-lhe isso!

Dom Evaristo, queixo em alto e com fossas nasais dilatadas, tratou com atenção o juiz com um olhar desdenhoso através de suas pálpebras entreabertas.

— Muito piedoso, sua mercê, muito piedoso. — E cerrou os dentes para reter a bílis que já subia por sua garganta.

Diego esboçou um sorriso torto. Era óbvio que o padre suavizou notavelmente o que em realidade pretendia cuspir segundos antes. Do contrário seu veneno lhe teria encharcado por completo.

— Um inquisidor tão só procura estabelecer a verdade com imparcialidade e não carregar contra o acusado. Pelo menos assim é como atuo.

O sacerdote enrugou os lábios em uma careta depreciativa.



" Estúpido, têm tanto que aprender dos Inquisidores da velha escola! Os verdadeiros homens de Fé, diria eu! Homens retos e implacáveis como o Cardeal Cisneros ou Tiram da Torquemada, não um mequetrefe como você!"

Fazendo uso de uma contenção elogiável, dom Evaristo inclinou a cabeça em reverência antes de abandonar a sala. Não obstante, antes de atravessar a soleira dirigiu um olhar lastimoso ao banquete inacabado que permanecia sobre a mesa. Uma pontada de raiva picou seu peito. Aquele tolo acabou com seu jantar; teria que ordenar a Lourditas que subisse para o quarto todo o restante para poder terminá-lo tranquilo! Por sua vida que aquele imbecil não ia provar nenhuma só das delícias cujo prazer se atreveu a roubar! Que fosse a comer com a bruxa, se tanta simpatia despertava nele!



Capítulo 9

O sol cavalgava sobre as nuvens de um céu profusamente nublado, enfeitado com a polpuda grandiosidade de castelos ambulantes de nuvens brancas e violáceas. Ali, sob as árvores, sob a luz tênue e misteriosa da hora pensativa do entardecer, tudo parecia diferente. Era como deixar para trás o mundo conhecido para entrar em outro mundo completamente diferente. Um mundo mágico, fascinante, desses dos que tão somente temos conhecimento se procurarmos em nossos sonhos mais profundos.

O chão naquele lugar era macio e rumoroso, como se fosse um tapete. E em realidade Diego estava certo de que não existia sob as estrelas tapete mais bonito que o tecido com erva e folhagem, salpicada de castanheiras centenárias de grosso tronco retorcido e esplêndidas ramificações. Caminhar sobre aquele tapete era como caminhar sobre um céu pisado anteriormente só por anjos e duendes do bosque. Elevar a vista para aqueles majestosos seres vivos que pareciam querer arranhar o céu com seus dedos de madeira significavam ser consciente da insignificância da gente mesmo em comparação com a grandiosidade da mãe natureza.



— Senhor Valmaseda, está me seguindo? — A voz zombadora de Estrella, a poucos passos dele, despertou de um sonho para mandá-lo a outro.

Foi visitá-la e coincidiu que justo nesse instante a moça estava saindo em busca de folhas e raízes para seus... tratamentos? Não pôde dissimular a curiosidade que despertava nele conhecer o modo de trabalho da moça; somente estando presente e sendo testemunha de suas práticas seria capaz de julgar com imparcialidade o que existia de maligno e anticristão em tudo isso. Além disso, qualquer ocasião era bem recebida para gastar o tempo em sua companhia. Por isso não duvidou um só instante quando a jovem lhe estendeu decidida a cesta de vime e o convidou a ser seu portador.

— Dizia-lhes que isto é um dente-de-leão, vê? — Entregou uma planta de caule comprido e flores amarelas que Diego, depois de lhe dar um par de voltas entre os dedos, acrescentou à cesta. — Considera-se um potente afrodisíaco, por isso durante muito tempo se proibiu seu cultivo nos monastérios.

Não pôde evitar rir ante a cara de assombro que fez o homem.

— E para que você usa?



— Não para o que você pensa certamente! — Exclamou sem deixar de rir. — Vai muito bem para a rouquidão e como expectorante para as afonias e a perda de voz.

Diego assentiu em silêncio, espantado diante dos conhecimentos daquela moça. Como podia saber tanto e sobre tantas coisas se era uma menina?

— E esta. — disse inclinando-se e cortando pela base uma planta de bonitas e diminutas flores brancas. — É a aquileia. É um bom cicatrizante e também muito útil para aliviar as dores femininas. — Não pôde evitar ruboriza-—se e Diego ficou fascinado. — Se aplicar sobre uma ferida aberta recente, detém a hemorragia e ativa a cicatrização.

— Fascinante! — Murmurou deixando com cuidado a planta no interior da cesta.

— É. O mundo das ervas é maravilhoso. — Ao falar seus olhos se iluminaram. Diego compreendeu então que Estrella amava realmente tudo o que fazia. Amava a Natureza, amava conviver em paz com ela e amava ajudar aos outros. — De tudo o que nos rodeia podemos obter benefício, tão somente é questão de conhecer os remédios adequados para cada doença e ver mais à frente — suspirou. — Em realidade estou mentindo — Diego enrijeceu. — Não é somente questão de olhar, mas sim de ver. A maioria olha, mas não é capaz de ver nada de nada. Só ervas e arbustos. É uma pena, a natureza é



um poço sem fundo de conhecimentos completamente esbanjado.

— Então é uma sorte que existam pessoas como você para que esses conhecimentos não desapareçam.

Estrella se tornou séria.

— E de que serve, se nos apontam de bruxas por lhes dar uso? — E de novo se concentrou em seu trabalho. Diego se avivou para segui-la de perto. Adorava olhá-la sem ser visto; ver como se inclinava carrancuda sobre uma planta determinada, olhava-a e logo, apoiando-se em secretos ensinos, rechaçava-a ou a selecionava para sua cesta. Aparecia realmente formosa caminhando sob a floresta. Como uma fada entre as flores, que caminha sem tocar o chão. Sua grossa trança escura, que dançava por suas costas até mais abaixo da cintura, reluzia à luz da tarde como uma corda de ouro negro. Seu nariz, empinado e elegante, conferia-lhe o aspecto de uma ninfa arrogante e impertinente

— Sr. Valmaseda? — Surpreendeu-o novamente distraído. — Estou te chamando faz tempo!

— Desculpe... — Não tinha desculpa. Estar a sós com ela em um cenário tão propício aos sonhos supunha uma inevitável distração. Só faltava começar a babar em sua presença para delatar-se por completo.



— Aproxime-se — chamou. E para o Diego foi como um canto de sereia. Obediente, aproximou-se dela até que seus ombros e seus braços se roçaram. Pôde perceber sua doce fragrância floral e essa circunstância quase lhe fez enlouquecer. — Beladona — explicou em um sussurro, assinalando um pequeno arbusto que crescia justo diante deles. — É um poderoso sedativo e vai muito bem contra a asma e os resfriados. Também para baixar a febre, para as cólicas, os enjoos e a dor nas articulações.

Tão perto de seu rosto, Diego quase se sentiu na necessidade de conter a respiração. Se continuava inalando a doce essência daquela moça acabaria dobrado diante dela como um boneco de pano. Na verdade, não faltava mais que estalasse os dedos para cair rendido a seus pés como um bendito.

— Uma planta muito completa... — Foi a única coisa que conseguiu dizer...

Estrella sorriu condescendente.

— Mas muito venenosa se não usar corretamente. Houve um tempo em que algumas mulheres utilizavam seu suco para aumentar as pupilas e parecer mais formosas — ofegou divertida; — A maioria acabou estregando a vida por causa de sua vaidade.



Diego a olhou fixamente. Tão perto como estava dela, era terrivelmente fácil perder-se na profundidade de seus olhos ou na maravilhosa constelação formada por suas pintinhas

.

— Você não precisaria.

— Como diz?

Maldita seja! Outra distração? Que diabos estava acontecendo hoje com ele?

— Digo que têm uns olhos preciosos, não necessitam de nenhum artifício para ressaltá-los.

Estrella baixou os olhos, ruborizando-se até a raiz de seus cabelos.

— É muito generoso.

"Não, não o sou. Tão somente um bobo que morreria por você".

Diego levantou uma mão e a aproximou de seu rosto, tratando de recolocar detrás de sua orelha uma mecha que se soltou da trança. Mas Estrella, arredia como o vento, endireitou-se imediatamente, evitando o contato e recuperando a compostura, interpondo uma leve distância entre os dois. Embora parecesse tão perturbada ou mais que seu acompanhante (as manchas escuras de suas bochechas e



o tímido esboço de um sorriso assim o evidenciavam) notava-se que tratava de esforçar-se por parecer indiferente.

Não passou despercebido que nova rejeição antes de uma ameaça de aproximação. Não foi a primeira vez que Estrella se recusou a tocá-lo ou se deixou tocar. Na verdade, a primeira vez que ele a visitou na cabana e ofereceu-lhe uma mão amiga, ela a rejeitou sem qualquer dissimulação. Por quê?

— E o que me dizem daquelas dali? — Comentou confuso e perturbado, ansiando romper o gelo de alguma forma e não queimasse os miolos. Quão bem que estava indo a tarde!

Estrella olhou na direção que seguiam seus olhos e descobriu a planta espingarda de pequenas florezinhas rosadas que crescia em uma ribeira. Seu sorriso se alargou e em seus olhos apareceu um brilho renovado.

— É verbena. A planta favorita das mulheres de minha família; e também a minha.

Diego a deixou para trás para aproximar-se da planta e observar de perto.

— E o que tem de especial? Parece bastante modesta.

— E o é. De fato, cresce nos caminhos e nas ravinas — comentou aproximando-se dela e acariciando a espiga de flores com seus dedos enluvados. — Mas acontece às vezes,



senhor Valmaseda, que as coisas singelas são as que acabam nos deleitando muito mais que as artificiais.

" Diz-me isso, criatura insolente? A mim, que vim a esta Fraga perdida no mais remoto da Galícia para lhes entregar minha alma e meu coração? Nesse aspecto não sabem a quem está dando lições, crédula!"

— É bonita, e cheira bem.

— E além disso era uma planta venerada pelos antigos celtas. Dizia-se que se esfregavam flores de verbena entre as mãos e logo acariciavam com elas o rosto da pessoa amada, esta ficaria pensando muito em você durante todo o dia.

Diego a olhou de ponta a ponta. Seu coração começou a zumbir em seu peito como um cavalo desgovernado. Era uma possibilidade, mas se apresentava tão tentadora!

— E isso é verdade?

Estrella deu de ombros.

— Nunca testei.

Seus olhares permaneceram fixos um no outro durante uns segundos; até que Diego rompeu o feitiço ao inclinar-se sobre a planta e esfregar entre suas mãos uma das espigas floridas. Enquanto o fazia, não afastava o olhar dos olhos de Estrella, que permaneceu a seu lado observando-o muito séria, quase poderia dizer que com um brilho de



desassossego refletido em suas pupilas. Diego não podia saber que sob o tecido de sua camisa o coraçãozinho da jovem trotava também a ponto de explodir; que em seu ventre brincava de correr um exército de formigas e que seus joelhos não deixavam de chocar-se. Ele mesmo se sentia igual a um menino jogando a um jogo desconhecido.

Uma vez terminado, aproximou as mãos carregadas de fragrância ao rosto de Estrella. Ela, em um primeiro impulso, se afastou, retirando a cabeça para evitar o contato.

— Por que foge? — Sussurrou ele, olhando-a fixamente sob seu cenho franzido. — Por que não me deixa te tocar? Pensava que era tão tolo que não me dei conta?

Estrella mordeu os lábios, olhando-o fixamente. Diego pôde perceber a presença das lágrimas em seus olhos e seu próprio coração deu um tombo.

— Não tenha medo, pedi que confiasse em mim, jamais lhe farei mal. — E de novo alargou uma mão para o rosto da jovem, pretendendo embalar mansamente a ardorosa bochecha sob sua palma.

— Não entende — gemeu ela, rechaçando de novo o contato.

Uma nova pontada de frustração cutucou seu peito.

— Não, maldita seja, se não me explicar isso!



O que iria explicar? Que se ele a tocasse seria capaz de ver através de seus olhos todos os horrores que o inquisidor viu? Ou talvez que não estava preparada para enfrentar tais horrores e lhe dar forma em sua cabeça? Suspirou profundamente, elevando o peito e estrangulando seu próprio coração.

— Não posso explicar isso — As lágrimas acudiram dispostas a seus olhos, descendo livremente por suas bochechas. Virou o rosto para tentar ocultar o turbilhão de emoções que afloraram de forma repentina. — Não estou preparada!

Com o rosto completamente velado pelo pranto recolheu as saias e a capa, deu a volta e pôs-se a correr, fugindo dele. Era uma necessidade; não podia permanecer a seu lado nesse estado, não podia deixar que aquele desejo atroz e a impotência por não ser capaz acabassem por consumi-la. Mas Diego parecia não estar trabalhando.

" Ah não, não irá escapar outra vez! Não agora!"

Lançou a cesta com violência e pôs-se a correr atrás dela, suas grandes passadas atingindo a distância que a jovem deixou para trás. Por sua vida que não iria resultar tão fácil escapar dele! Por sua vida não estava disposto a deixá-la partir! Alcançá-la foi fácil; e não porque estivesse precisamente acostumado a mover-se em um cenário tão agreste como aquele, mas sim porque o medo a perder



somado à intensa atração que sentia por ela parecia dar asas a seus pés. Segurou-a por um braço, obrigando-a a parar e voltar-se para ele em um giro brusco. Esta vez o contato não trouxe nenhum transe para a jovem, pois o contato foi efetuado por cima da roupa.

Diego agarrou-a pelos antebraços e segurou-a com firmeza, cara a cara, impedindo-a de escapar novamente ou recusando o olhar.

— O que está acontecendo, Estrella? Por que meu contato parece ser tão desagradável? — Engasgou tentando ajustar sua respiração. — Irá me dizer de uma vez ou prefere que tire minhas próprias conclusões? E advirto: posso ser muito criativo tirando minhas próprias conclusões.

Estrella não conseguiu se acalmar. Lágrimas escorriam pelo seu rosto com pressa; o choro, profuso e abundante, provocou soluços descontrolados e ofegantes. Seus ombros, apertados sob o aperto firme das mãos de Diego, tremeram convulsivamente.

—O que você quer que eu te diga? — Soluçou.

— A verdade, maldita seja, a verdade! — Rugiu ele, procurando seus olhos. — Por que foge de meu contato? Têm medo? Não pretendo te benzer com água benta, pelo amor de Deus! — Ofegou, sarcástico e mal-humorado. — Acreditei que se tratava só de um velho mito. Ou acaso irá confessar que



tampouco pode entrar no templo de Jesus Cristo sem lhes converter em cinzas?

Estrella o fulminou com o olhar. Diego Valmaseda, pela primeira vez, estava sendo muito desagradável. E irritante.

— Por acaso não está me tocando? — Rugiu, cravando os olhos na direção de seus braços.

— Não assim, não assim! Não desejo te obrigar! — Soltou-a com tal impetuosidade que Estrella por pouco não perdeu o equilíbrio. Diego deu meia volta e levou as mãos às têmporas, capturando o cabelo por mechas e lhe dando por completo as costas. Parecia muito zangado e Estrella sentiu como se um buraco tivesse aberto em seu peito de forma inesperada fechando por completo o coração e os pulmões. E sem coração ou pulmões nenhum ser vivo é capaz de seguir vivendo.

Muito devagar se aproximou dele e passou uma mão com acanhamento sobre seu ombro. Diego deu um salto ante um contato tão doce como inesperado e se virou lentamente, olhando-a com o cenho franzido e uns olhos injetados em sangue.

— Não desejo te obrigar a me aceitar, não desejo...

— Permita que conte isso — interrompeu ela, enlaçando suas pupilas obsidiana nas dele. Diego assentiu. Sem deixar de olhá-lo fixamente, Estrella colocou a mão por seu braço



para abandoná-la com suavidade sobre o antebraço. — Não faz muito tempo foi me concedido um dom; minha avó e minha mãe também o possuíam.

— Que classe de dom?

— O dom da clarividência — Diego negou com a cabeça. — Posso ver coisas através das cartas do tarô. Elas me mostram o destino das pessoas.

— Isso não está certo, Estrella. São truques, práticas pouco piedosas.

Estrella o ignorou e continuou falando.

— Também posso ver muitas coisas e com maior nitidez se toco outras pessoas. Sua pele me revela coisas, imagens, sentimentos; é como se seu corpo fosse para mim um livro aberto sendo muito fácil ler...

Diego enrijeceu.

— Está falando sério?

Estrella assentiu e Diego pôde vislumbrar uma profunda tristeza em seu olhar. Falava sério.

— Por isso não quer que te toque?

Ela o olhou com um olhar choroso.

— Por isso evito tocar às pessoas sempre que posso.



— Têm medo do que possa ver através de mim! — Exclamou, entendendo tudo de repente.

— Há almas que não gostam de aparecer.

— O que é que acostuma ver se tocar alguém?

Ela encolheu de ombros.

— As últimas coisas que a pessoa viu; os sentimentos que mais profundamente prevalecem em seu interior, suas inquietações mais intensas, a origem de suas insônias...

Diego esboçou um amplo sorriso. Seu coração ficou louco de repente em seu peito.

— Toque-me — sussurrou.

Estrella o olhou contrariada.

— Toque-me, por favor!

Indecisa, tirou uma das luvas, deixando descoberto uma pequena mão branca. Tremendo e pálida como um morto aproximou a mão à bochecha de Diego Valmaseda, que esperava o contato como um leproso esperaria o padre a todos seus maus. Quando apenas lhe faltava um centímetro para poder tocá-lo, deteve sua mão no ar para olhá-lo através de uns olhos carregados de angústia.

— Não sei se poderei suportar.



— Estrella, pelo amor de Deus; se confia em mim, toque, suplico-lhe isso! — Continuando, disse em um sussurro: — Minha alma está desejando aparecer.

Não fez falta mais estímulo que aqueles olhos escuros olhando-a suplicantes. Deixou cair com ternura a mão sobre sua bochecha cuja barba incipiente fazia cócegas em sua mão. Fechou os olhos e a descarga de imagens começou imediatamente.

Viu a si mesma, carrancuda tirando o cavalo de um homem desconhecido que a olhava perplexo. Uma pontada de divertimento cutucou seu peito obrigando-a a esboçar um sorriso. Não tinha nem ideia de que seu aspecto resultasse tão arrogante como engraçado nesses momentos. Em seguida se viu saindo da cabana carregada com uma tocha enorme. Uma nova pontada, mas desta vez de ternura e compaixão, abateu-se sobre ela. Uma lágrima solitária apareceu na extremidade do seu olho, dançando feliz sobre o arco das sobrancelhas. Sentiu uma necessidade imensa de abraçar e ser abraçada, de cobrir e ser coberta. Então outra nova visão a sacudiu inteira. Viu a si mesma caminhando sobre o tapete de folhagem. Realmente não tinha nem ideia de que, envolta em sua capa negra e com tal expressão de concentração no rosto, semelhasse uma fada dos bosques. Dessas fadas com poderes mágicos das que sempre lhe falava sua avó. Abriu os olhos e olhou Diego, que a observava com um amplo sorriso adornando seu moreno e formoso rosto.



— Sempre apareço eu...

Ele assentiu.

— Em todas as visões estou eu! — Repetiu fascinada.

— Não é capaz de imaginar por que?

Estrella não respondeu. Continuava apanhada em uma áurea de fantasia de que não desejava sair. Jamais esperava tirar o chapéu a si mesma na alma daquele homem, mas as visões não mentiam e estava claro que, por alguma razão, ela ocupava todo seu mundo e seu pensamento.

Diego, sentindo ainda a candura da mão de Estrella sobre sua bochecha, aproximou-se lentamente dela. Não queria assustá-la e muito menos fazer que se sentisse confusa depois do que acabou de ver. Somente precisava senti-la; e era uma sensação tão imperiosa e imediata que não a sentir neste momento poderia lhe causar a morte.

Sempre aparecia ela. É obvio! Ele não deixou de pensar nela a todas as horas desde sua chegada a Arcádia!

— Estrella...

Ele envolveu sua cintura ao redor dela, ajustando sua mão na cintura fina da garota, e puxou-a para ele, ainda olhando para ela com volúpia. Sentindo-a tão perto, presa ao quadril dele, pressionada contra o peito dele, ele estremeceu. Estrella deixou-se ficar presa como um pássaro e, de fato,



entre os braços fortes daquele homem, sentiu-se como um. No entanto, não estava com medo. Ao lado dele, sob seu abrigo, ela se sentia segura.

Diego colocou a mão nas costas da jovem realizando suaves movimentos. Não queria deixar nem um só centímetro livre entre os dois, queria que formasse parte de seu corpo, senti-la sua, encaixá-la a ele. E por sua vida que seus corpos encaixavam à perfeição!

— Jamais imaginei encontrar tanta sorte além das estrelas... — murmurou, perfilando com os dedos a linha imaginária que formava a Estrella de cinco pontas de sua bochecha. — Eu me perderia para sempre nelas.

Pôde perceber a agitada respiração da moça. Sem dúvida se encontrava tão alterada como ele mesmo. E seu coração? Também se encontraria a bordo da mesma euforia?

Passou o polegar pelos generosos lábios de Estrella, obrigando-a a separá-los. Estrella fechou os olhos e se deixou envolver por aquele desconhecido turbilhão de emoções e sentimentos que a faziam estremecer. Inclinou a cabeça para trás e se deixou levar.

Diego se inclinou para ela procurando seu rosto com os lábios separados. Seus narizes se roçaram e nenhum dos dois pôde evitar sorrir ante aquele jogo recém descoberto; seus olhos se encararam compartilhando o mesmo brilho, um



único desejo. Finalmente seus lábios entre abertos se encontraram; mordiscaram-se ansiosos, aspiraram a baforadas um mesmo hálito, acariciaram-se e acabaram por se encaixar desesperados como peças de um mesmo quebra-cabeças, ansiando devorar-se e saciar a fome que consumia a ambos.

E foi como se todas suas vidas tivessem estado predestinadas a encontrar-se. Tão fácil, tão doce, tão quente e sensual.



Capítulo 10

— Maria Del Pedro e Gradaílle — Diego falava com tom rouco e solene, e sua voz ressonou nas elevadas arcadas da sacristia. A seu lado, detrás daquele montão de santinhos rabiscados e livros antigos, com a Santa Bíblia a sua mão direita como estandarte indesculpável, dom Evaristo observava Maria sob a severidade de seu cenho franzido.

— Anunciação... — murmurou a mulher com voz trêmula, sem atrever-se sequer a levantar o olhar para nenhum dos dois homens.

Diego arqueou uma sobrancelha. Dom Evaristo soprou.

— Como diz?

— Maria Anunciação Del Pedro Gradaílle, senhor. Esse é meu nome.

O inquisidor suspirou, esgotado. Aquela era a décima vizinha a que interrogaram durante a manhã e, embora era certo que nenhuma das testemunhas foi capaz de contribuir nenhuma prova vinculatória contra os métodos de Estrella, tinha que reconhecer que tampouco lhe resultava agradável expô-la tão cruelmente ante seus próprios vizinhos. Mas era



isso ou acusa-la direta e injustamente de algo que a moça era inocente.

Todos haviam mencionado os modos da jovem no momento da cura usando plantas, quase qualquer planta! Ou a sua especialidade em ensinar certos exercícios posturais para que as articulações não os incomodem muito depois de um dia de trabalho duro. Ninguém fora capaz de aludir às relações com o maligno, invocações sobrenaturais ou comportamento suspeito. E talvez seja por isso que Don Evaristo parecia prestes a explodir.

— Bem, Maria Anunciação, veio se apresentar ante o juiz inquisidor do Santo Ofício por própria vontade, com o único propósito de esclarecer a verdade?

— Assim é, sua mercê.

— Recordem que a Santa Bíblia e o Senhor serão testemunhas de suas palavras e que qualquer engano ao Tribunal será severamente castigado.

Maria tremeu de cima abaixo e se segurou com força seu chapéu de palha, encolhendo sobre si mesma até formar uma curiosa massa de roupa, ossos e pele.

— Reconhece ter visitado em alguma ocasião a Estrella Castanheira para solicitar seus serviços?



A mulher elevou um olhar tímido para o sacerdote e o brilho de censura que encontrou em seus olhos a obrigou a baixar os seus imediatamente.

— Sim, sua mercê, em várias ocasiões.

— Para que recorrera a ela?

— A primeira vez foi quando meu filho maior teve uma forte hemorragia pelo nariz. Não havia pano que parasse em casa. Estrella lhe deu arruda e a hemorragia cessou quase imediatamente.

— Como sabia de seus conhecimentos?

— Todo mundo sabe, sua mercê. Também sua avó e sua mãe, que em paz descansem, sabiam dessas coisas. Sua mãe me auxiliou já em várias ocasiões e Estrella ajudou a vir ao mundo a todos meus filhos. — O sacerdote meneou a cabeça, aborrecido, enquanto Diego não deixava de escrever. — A segunda vez foi quando minhas galinhas começaram a brigar e a matar-se entre si. Aquilo era uma devastação! Estrella lhes cortou a ponta do bico! Acabou-se o problema. A última...

Maria se silenciou, envergonhada. Diego levantou o olhar do papel para centrar na mulher.

— A última?

Quando falou, sua voz soou apenas perceptível.



— Pedi-lhe um feitiço.

Dom Evaristo, visivelmente satisfeito, ajeitou-se em seu assento fazendo ganir a cadeira enquanto inalava ruidosamente pelo nariz. Diego fez caso omisso do gesto triunfal do sacerdote, dirigindo à testemunha um olhar carrancudo.

— Um feitiço? Que classe de feitiço?

— Um para que Leandro voltasse — sussurrou envergonhada.

— Vê? — Exclamou o padre. — Bruxaria! Que mais necessita para culpá-la? — Diego se revolveu em sua cadeira. Ninguém poderia saber, mas suas costas permaneciam completamente empapada pelo suor. De todo o modo não podia transparecer seu desassossego, tinha que mostrar-se impassível e continuar em pé até terminar com os interrogatórios. Aquela era a última testemunha e não estava disposto a estragar tudo no último minuto.

— A senhora a viu invocar a algum espírito ou a algum ser do submundo?

Maria negou com a cabeça. Seu lábio inferior tremia.

— Não, sua mercê...

— Valmaseda, pelo amor de Deus! — Rugiu dom Evaristo.



— Viu-a memorar ao diabo em alguma ocasião?

Maria, cujos dentes já tocavam castanholas, não sabia aonde olhar. O olhar colérico de dom Evaristo a aterrorizava, mas a ansiedade que vislumbrava no juiz, que apoiava ambas as mãos sobre o tabuleiro e parecia a ponto de saltar por cima dele, tampouco resultava tranquilizadora.

— Não, sua mercê, por minha vida que não!

— Isto é ridículo, Valmaseda!

— Dançou em sua presença diante de uma fogueira?

Maria olhava em todas direções com olhos espantados. Seu adquiriu um tom horrivelmente pálido.

— Viu cozer em um caldeirão sapos ou qualquer outro animal? Viram-na ler ou escrever em algum livro proibido?

— N...Não, não senhor! — Estalou. — Jamais a vi fazer nada que atente contra a moral católica! — O juiz exalou triunfante. — Embora seja certo que existem falatórios sobre sua pessoa...

Diego arranhou o papel com sua pluma, escrevendo um veemente ponto final a aquele testemunho.

— Um Inquisidor jamais faz caso de falatórios.



Dom Evaristo golpeou a mesa com o punho e se levantou completamente indignado de seu assento, abandonando a sacristia sem deixar de resmungar. Diego elevou para a mulher um olhar carregado de comiseração enquanto esboçava um prazenteiro sorriso.

— Bem, Maria Anunciação, pode se retirar. Vá em paz, pois seu testemunho foi que grande ajuda para este nosso Sagrado Tribunal.

A mulher se levantou pesarosa, abandonando a sacristia sem ser capaz de endireitar-se completamente.

Dom Evaristo irrompeu no escritório de Arturo Figueroa como um vendaval. Nem sequer esperou ser anunciado; nem sequer se incomodou em bater na porta para anunciar sua presença. Assim, às bravas, como um touro descontrolado. E que fosse o que Deus quisesse.

Dom Arturo, detrás de sua mesa, recebeu-lhe com o cenho franzido.

— Arturo, temos que fazer algo! — Resfolegou, apoiando-se com ambas as mãos no respaldo de uma cadeira para tomar fôlego, e deixando cair a seguir a pesada carga de suas



nádegas sobre o assento estofado. — Temo que essa maldita bruxa do demônio sairá absolvida de todos as acusações!

Arturo Figueroa cruzou com severidade os braços sobre o peito e se ajeitou para olhar a seu interlocutor com maior amplitude. O padre não poderia imaginar-se que aquela era a melhor notícia que o prefeito recebeu em todo o dia.

— Agora vem a mim? — Reprovou. — Permita-me que lhe recorde que não o auxiliei e que atuou pelas minhas costas fazendo vir um inquisidor de Toledo.

Dom Evaristo cabeceou, fingindo-se arrependido.

— Como pude fazer algo assim? No que estava pensando? Pôr o bom nome da Arcádia em boca de todos, jamais vi semelhante tolice! — Resmungou.

— Sei, sei! — Admitiu, passando um lenço na testa. As espaçadas mechas grisalhas se pegavam a sua pele e as grosas gotas de suor descendiam sem mesura por sua umedecida face. — Fartei-me de que não movessem nem um dedo a respeito! Parecia fazer vista grossa a todas as maldades dessa bruxa... e me neguei a concordar!

— É obvio! E decidiu atuar por sua conta, evitando a presença do prefeito, máxima autoridade do povo!

Agora dom Evaristo paralisou seu trabalho secante para o olhar cima abaixo.



— A máxima autoridade civil, Arturo, não esqueça. — Seu tom soou muito ameaçador para alguém que devia suplicar ajuda. — Eu sou um ministro do Senhor, as almas de todos estes infelizes correm de minha conta.

Dom Arturo desceu os braços e se dispôs a continuar assinando atas; já que a conversa com o sacerdote não ia contribuir nada novo e tampouco parecia possível que aquele teimoso voltasse a razão. Seu ministério e o represamento das almas desencaminhadas de seu rebanho eram para ele imperativos e estavam muito por cima de qualquer raciocínio.

— Enfim, ao menos agora lhes terão desenganado vendo que não existe nenhum perigo real em Estrella Castanheira.

Dom Evaristo se enrijeceu e todas suas carnes à vista se sacudiram com ele.

— Ao contrário, por isso estou aqui! Muito temo que o procurador fiscal é um inepto, um brando que de algum modo parece haver-se compadecido dessa bruxa — Arturo levou dois dedos à ponte do nariz e apertou com força, fechando os olhos. Sentia-se tão esgotado. — Temos que fazer algo, Arturo, ou do contrário ficará livre de todos os castigos e o juiz partirá de Arcádia sem ditar uma sentença favorável.

Arturo suspirou.

— Favorável para quem?



— Para o bom nome da moral católica, é obvio!

— É obvio — exalou esgotado. — Não podemos fazer nada, dom Evaristo; se o juiz decidir que Estrella é inocente de sua acusação de bruxaria...

— Sim podemos! — Cortou, esgotando os olhos e rememorando uma conversação muito parecida que teve lugar naquele mesmo despacho vinte anos antes. — Ambos representamos a máxima autoridade da Arcádia, temos poder suficiente para fazer prevalecer a justiça e julgar aos culpados.

Dom Arturo se revolveu incômodo em seu assento. O que pretendia insinuar aquele homem? Fazer prevalecer a justiça? Julgar aos culpados? Quem se acreditava que era, o arcanjo são Gabriel?

Sem podê-lo evitar passou um olhar fugaz para a gaveta escondida de sua mesa, onde uma correntinha de prata alemã parecia lhe chamar entre sussurros, advertindo-lhe do perigo.

— Veio para quê exatamente, dom Evaristo?

Os olhos de ferinos do padre brilharam quando este se inclinou para diante em seu assento. Arturo se fixou então em suas bochechas flácidas, encarnadas e suarentas e no tom violáceo de seus lábios, acentuado ao franzir-se em um perverso sorriso. Um calafrio percorreu suas costas. Aquele



homem não era bom, jamais foi, mas sua perversidade podia chegar a adquirir dimensões abomináveis se lhe oferecia a mínima possibilidade de reluzir.

Dom Evaristo, a sua vez, olhou-lhe de forma avessa. Convencer a aquele cretino não ia ser fácil. Ele não era como seu pai. O defunto Figueroa era um homem de princípios, temeroso de Deus e muito fácil de corromper. Arturo Figueroa não era mais que um covarde e um tímido. Devia arriscar-se a lhe propor o mesmo que lhe propusera a seu pai vinte anos antes? Receberia do filho a mesma resposta que recebeu do pai? Ou possivelmente fora um engano misturar a aquele assustadiço em seus planos? Não podia fazê-lo sozinho, no entanto. Ele já não era um homem jovem; a velhice fazia morada em seu corpo tornando-o lento e desajeitado. E aquela criatura era como uma cabra desgovernada; estava convencido de que espernearia e lutaria por sua vida. Definitivamente não podia fazê-lo sozinho. Necessitava da ajuda de um homem mais jovem e ágil. Um homem sem remorsos nem escrúpulos. Para que serviam depois de tudo?

Olhou ao prefeito de soslaio tratando de avaliar as possibilidades. Não perdia nada por medir o terreno.

— Não acredito que Diego Valmaseda demore muito sua partida. Já interrogou a quase todo o povo, entrevistou a acusada e conta além com minha versão. Suponho que logo ditará sentença e se irá por onde veio.



"Confio em que assim seja", pensou Arturo, olhando de soslaio a gaveta onde sua apreciada correntinha continuava lhe sussurrando.

— Então será quando nós poderemos agir. — O brilho sinistro que percebeu nas pupilas do sacerdote lhe sacudiu de acima a abaixo. — Nenhum infeliz mortal poderá nos julgar, posto que estaremos atuando em nome do Muito alto, da Fé católica e de sua Santa Igreja. Nossos atos estarão perfeitamente a salvo defendidos detrás de nossa fé. — Sorriu com amplitude e seu interlocutor se estremeceu. Aquele homem perdera a razão? Certamente, sorria e falava como um demente. — Somos os guardiães da fé e a ortodoxia, Arturo, custódios da lealdade e a pureza destas pobres almas ao limiar do desencaminhamento. Não podemos consentir que uma herege descompusesse o que durante tanto tempo nos levou construir. Nossa comunidade merece seguir vivendo em paz.

Dom Arturo se enrijeceu. Santo Cristo, aquele homem perdera completamente a razão! Estava claro que seu zelo pela fé o levou a converter-se em um fanático e, como acontece com todos os fanáticos, sua obsessão havia lhe tornado perigoso.

— Ninguém poderá nos julgar... por fazer o quê?

O sacerdote lhe olhou de soslaio. Definitivamente aquele tolo não era como seu pai.



— Linchar a essa mulher por suas bruxarias.

Dom Arturo se levantou de forma precipitada, negando repetidamente com a cabeça. Por alguma razão começava a suar sob as capas de roupa e a sentir-se incômodo em presença daquele homem. Em que momento deixou de ser um modesto servo de Deus para converter-se em um justiceiro? Acaso se considerava um dos sete cavaleiros do Apocalipse?

— Ah não, não penso rebater a sentença emitida por um juiz da Santa Inquisição! Não, dom Evaristo! E você tampouco se atreva a fazer algo assim!

Tinha que tentar. Intuía que Arturo Figueroa não tinha vísceras, mas tentaria de todos os modos. No fim ele era a máxima autoridade civil do povo, ninguém melhor que ele para exercer de cúmplice perfeito em um linchamento. Seria fácil fazer o que ele quer! Fácil como foi com seu pai!

— Vejo que perco tempo com você. — Levantou com pasmosa calma de seu assento. Muito pasmosa, tendo em conta o que acabava de propor. — Só espero que o dia do Julgamento Final tenha a consciência tranquila por ter obstaculizado o trabalho anti-herético de um fiel ao serviço de Deus Nosso Senhor.



E abandonou a estadia com seu andar de ganso, arrastando detrás de si a sombra sinistra de sua perversidade.

— Que lugar sinistro! — Comentou Diego, olhando com inquietação a todas as partes. Não servia de muito; olhasse onde olhasse o que preponderava era uma enorme quantidade de tons verdes e marrons por toda parte. E sarças crescendo e derramando de forma sinistra.

— É somente uma antiga encruzilhada! — murmurou Estrella, tornando a rir ante os tolos temores de seu acompanhante. — Conta a lenda que as encruzilhadas são lugares de abertura tanto para o mundo dos vivos como para o dos mortos. Nunca se sabe quem ou o que pode aparecer pelo outro caminho; se um vizinho do povoado, uma alma, uma aparição ou o próprio Diabo em pessoa...

Em seguida se inclinou e, pegando uma pedra do chão, riscou um círculo amplo em redor. Diego a observava perplexo.

— O que está fazendo?



— Estamos em uma encruzilhada, senhor Valmaseda, assim risco um círculo protetor, no caso de... — comentou como se não fosse nada demais. Quando terminou, limpou as mãos na saia.

— Um círculo protetor? E contra o que deveríamos nos proteger?

Estrella abandonou o círculo e, com um amplo sorriso desenhado nos lábios, pegou Diego pelo braço e o puxou para obrigá-lo a entrar no interior do traçado.

— Contra a Santa Companhia[2], por exemplo.

Diego ofegou cético.

— Outra vez a Santa Companha! E o que se supõe que é isso? Deveria me preocupar?

— Deveria! — Agarrando-se com força a seu braço. — Mas não tenha medo, senhor Valmaseda, eu cuidarei de você.

Diego acariciou enternecido a mão de Estrella, agora já solta, e a olhou com gesto condescendente.

[2] A Santa Companha é uma das lendas da mitologias populares galega e portuguesa. Também se registra uma lenda similar em Astúrias, chamada de Güestia (Hoste) e no Brasil. Tradicionalmente é descrita como uma procissão de mortos ou almas penadas que à noite percorre os caminhos de uma paróquia portando círios, sendo o cheiro de velas o principal sinal de que a Santa Companha anda perto. Sua missão é visitar todas aquelas casas nas quais logo haverá morte. Fonte: Wikipédia



— Fico muito mais tranquilo. — Inclinou o rosto para procurar seus olhos. — E bem? Acredito que me deve informação.

Estrella elevou o queixo e olhou ao redor. Sentia-se imensamente feliz no meio do bosque, em seu território, sem nenhuma alma escura que se intrometesse entre os dois; feliz com ele a seu lado.

— A Santa Companha é uma procissão de almas em pena que percorre os bosques pelas noites iluminando o caminho com ossos de defuntos, que fazem arder como se fossem. Visitam as casas dos vivos chamando a suas portas para lhes anunciar sua morte. Dizem que aquele que visitam falecerá no prazo de um ano.

Diego estalou a língua.

— Uma procissão de almas, Estrella? Por Deus, são mentiras!

Estrella lhe deu um forte puxão no braço.

— Não diga isso, senhor Valmaseda! Galícia é terra mágica; nossa cultura está cheia de lendas e antigos mitos. Nossos bosques estão infestados de histórias, sob nossas estrelas preponderam as superstições e as antigas lendas sobre duendes, elfos e seres fantásticos. Reverenciamos tudo o que concerne à morte e às almas dos mortos. Todos nós, senhor cético, respeitamos muito o que nos contavam nossos



ancestrais. E nós não gostamos que os forasteiros zombem de nossas crenças.

— Está bem, prometo não zombar — disse elevando as mãos em modo de trégua. — Vocês viram essa estranha procissão alguma vez?

Estrella assentiu.

— Um par de vezes — Diego arqueou uma sobrancelha. *"É obvio, não podia ser de outra forma!"*. — Não todos os mortais possuem a faculdade de poder vê-la; são só certos escolhidos com dotes para a clarividência ou aqueles cristãos aos que o sacerdote, por engano, ungiu durante o batismo com o óleo dos defuntos.

— Está bem, então terei que permanecer ao seu lado para que me alerte de sua presença. — E, tirando proveito da situação, agarrou Estrella pela roupa e a girou para se perder na profundidade de seus olhos negros. — Com você estou a salvo.

— Sim. De todas formas não saem em procissão até a noite, assim ainda dispõe de certa margem para fugir.

— Não fugirei para nenhuma parte enquanto permanecer ao meu lado. — Inclinou-se para apanhar sua boca sob a voracidade de seus lábios. Estrella se deixou envolver. Nesses momentos havia duas coisas das quais estava completamente segura: uma, que não lhe importaria que a Santa Companha



ou inclusive o fogo do inferno viesse buscá-la, enquanto Diego continuasse olhando-a do modo em que a olhava agora. Morreria por ele uma e mil vezes.

— Você me contará mais coisas sobre suas lendas? — Sussurrou contra sua boca, acariciando com seus lábios os lábios de Estrella, seu queixo e até a fina pele de seu pescoço.

— Todas as que queira — murmurou ainda em transe.

— O que me diz disso? — Estrella, lentamente, olhou na direção que assinalava a cabeça de Diego. Camuflado entre as plantas, perto de onde estavam, agasalhava o caminho uma cruz de pedra.

— Não conhece esse símbolo? — Zombou novamente. — A Santa Cruz, Jesus Cristo crucificado? Santo Deus, senhor, é um apóstata!

— Não zombe de um inquisidor, moça, mostre mais respeito! — Sua voz soou muito grave e seu fingido gesto carrancudo muito realista, por isso logo esboçou um sorriso.

— Também dispomos de lendas para eles, se for isso o que quer saber. Diz-se que sua presença benze os caminhos e impede que o Diabo transite por eles. — Diego arqueou uma sobrancelha, santo Deus, o Diabo parecia estar sempre presente na imaginação daquela gente. — Ao tratar-se de um elemento sagrado dotado de uma energia especial, o lugar no que se encontra também se considera sagrado. Portanto,



senhor Valmaseda, neste momento nos encontramos duplamente protegidos, tanto por meu círculo como por essa cruz de pedra.

— Então nada mau pode nos acontecer aqui, não é certo?

— Sim, é!

Sorrindo, ele pegou o rosto da menina novamente em suas mãos. Ela encostou a dela contra seu peito e ficou na ponta dos pés. Diego abraçou-a com força e a beijou até ficar sem fôlego. Ele não queria deixa-la ir, ele não podia deixá-la ir. Sem ter tentado, sem sequer considerar a possibilidade, ele foi completamente enfeitiçado pela bruxa da fraga. Sua bela bruxa com olhos negros e uma estrela de cinco pontas impressa em sua bochecha.

Quando as silhuetas do casal se perderam no bosque e seus passos se apagaram sob as árvores, um vulto, rasteiro e malicioso se arrastou entre os arbustos como um animal, olhando ao longe para poder observar o casal com absoluta liberdade.

Seus olhos se esgotaram em uma piscada pérfida e no mais profundo de suas vísceras cavalgaram sentimentos tão venenosos como sua própria alma. A decepção, a raiva, o despeito e uma enorme frustração acampavam a partes



iguais em seu interior, manchando seu ânimo com a negra sombra da maldade.

— É assim maldita bruxa do demônio! — Vaiou entre a espessura. — Agora te dedica a brincar com esse cavalheiro da cidade? E que achava que era uma puritana, uma virgem que nunca tinha provado um homem! É uma rameira como qualquer outra, Estrelinha, uma bruxa que merece que a forniquem sem piedade até fazer que grite de dor! — Seus lábios se curvaram em um sorriso sombrio, deixando à vista uns dentes enormes, sujos e cheios de cárie. — Certamente que já fornicaste com ele nessa pocilga em que vive, maldita! Aposto que te tem aberto as pernas à primeira oportunidade e sem resistir nem o mais mínimo esta vez! Imagino que te terá deixado envolver por seus trajes caros e seu andar de estúpido. — Apertou os punhos com tanta força que os nódulos não demoraram para voltar-se lívidos. — Jurei que seria minha antes que de qualquer outro, bruxa! Jurei que seria o primeiro em te desvirginar e provar o doce leite de entre suas pernas! — Ante tais pensamentos não demorou para despontar um luxurioso vulto em suas pernas. — Pode que esse arrogante me tenha tomado a dianteira, mas por minha vida que não passará muito tempo até que te pegue e tire de ti o que quero; e esta vez não te liberará de mim. Não haverá santo que te ajude.

Não pôde evitar recordar o último encontro com a bruxa, no que um chute em suas partes nobres por pouco o deixa



eunuco. Ante tais lembranças levou a mão ao volumoso membro e o acariciou como se de sua mais querida posse se tratasse. Pode ser que assim fosse. Também recordou, frustrado e furioso consigo mesmo, como seus planos de aproveitar-se dela durante a noite do festival de São Miguel se frustraram por culpa de uma terrível bebedeira. Bebeu, e seus companheiros de farra assim o corroboraram, pois, ao despertar à alvorada no cemitério com as calças abaixadas e ensopado de urina, deu-se conta de que não foi capaz de cumprir seus propósitos. Desperdiçou uma preciosa oportunidade para desvirginar à bruxa e isso o fazia sentir-se terrivelmente mal! E agora esse almofadinha da capital lhe tomou a vez! Por sua vida que quando pudesse saciar-se com ela não ficaria Estrella Castanheira para ninguém mais! Teria que andar durante uma semana inteira em uma maca. Isso se resistia o embate.

Esboçou um sorriso luxurioso.

— Será minha, bruxa, juro que será minha antes de são Silvestre.

E retornou ao esconderijo, às sombras, ao lugar que correspondia a um ser mesquinho como ele.



Capítulo 11

Diego observou em silêncio e com o ânimo oprimido (como acontecia sempre que se encontrava em meio daquela natureza agreste, ao meio engolir por ela) o lúgubre e silencioso curso do rio.

Acompanhou Estrella ao povoado para visitar uma paciente afligida de fortes dores de cabeça. Estrella, com sua roupa habitual, desdobrou seu estojo de primeiros socorros sobre a mesa deixando à vista mil potes de cristal, sacos de feltro, ramos secos e demais utensílios de nome e uso desconhecidos. Diego pôde presenciar como esfregou as têmporas a jovem com folhas frescas de hortelã e como a dor foi aliviando-se gradativamente. Com as folhas secas lhe recomendou elaborar uma infusão que lhe viria muito bem para restituir a energia. Diego estava perplexo. Aquela criatura era um poço sem fundo de conhecimentos.

Não pôde, entretanto, evitar menear a cabeça com reprovação quando a mesma jovem se lamentou de ter perdido uma peça de joalheria muito valiosa; imediatamente, Estrella lhe disse que pusesse de cabeça para baixo a imagem do santo pelo que sentisse mais devoção e que, pronunciando



seu nome, ameaçasse-o deixando nessa posição até que aparecesse o objeto desejado. De novo, mitos e lendas; mas no fundo que mal fazia com isso? Acaso estava lhe faltando a seu Deus?

Inalou em profundidade deixando-se embriagar pela frescura que normalmente acompanha os cursos de água corrente. O rio serpenteava buliçoso por sua direita e à esquerda, a escassos metros de sua alma matriz, discorria aquela via de fornecimento de água para o povo da Arcádia. Seus habitantes faziam uso dele para irrigar, para os tanques públicos, para matar a sede do gado e para consumo pessoal.

Seu leito não tinha nada que ver com a superfície desordeira do rio, onde a água se via clara e em contínuo e pressuroso movimento. Inclusive Estrella lhe havia dito que nos dias ensolarados seus recursos pareciam dourados e que as pedras sedentes em seu leito lhe deixavam nas mãos partículas douradas, certamente como se de ouro se tratasse.

Em troca, naquele estreito canal de profundidade insondável a água se escorregava em silenciosa ameaça, inclusive com malicioso sigilo, atravessando a densa vegetação arbustiva como se de uma capitalista e sinistra língua negra se tratasse. Uma língua capaz de abrangê-lo tudo e devorá-lo tudo sob sua ambiciosa voracidade. E na verdade suas águas eram completamente negras. Tão negras



que resultava impossível ver mais à frente do espelho de ônix de sua superfície.

Arranhando essa superfície apareciam arbustos que se deixavam pentear suas murchas jubas ao som da lânguida carícia da água. E samambaias imensas de um verdor espetacular que pretendiam abranger o leito de beirada a beirada. Dezenas de extensas pernas de aves caminhavam em cima da água fazendo malabarismos sobre as pequenas ventosas de seus pés. Libélulas azuis, negras e acobreadas enchiam o ar de espirais multicoloridos.

A ambos os lados do canal uma vegetação indomável e espessa pretendia fechar por completo aquele bucólico cenário, como se de algum modo e por alguma estranha razão tentasse mantê-lo oculto do resto do mundo.

— Podemos ir já? — Perguntou Estrella de repente, amassando com veemência sob sua capa. — Por favor...

Diego a olhou um instante. Sua formosa silhueta se recortava sobre aquele maravilhoso cenário verde, como a silhueta de uma fada dos bosques. Mas seu cenho permanecia franzido e seu rosto lívido como o de um morto. Olhava nervosa a todas partes; às árvores, às samambaias, aos despenteados arbustos que cresciam em redor, e parecia não encontrar um lugar de paz em nenhum deles. De fato, seu desgosto ficava mais que evidente ante a impetuosidade com a que fechava a capa sobre o peito.



— Você não gosta deste lugar? — Diego se aproximou dela e puxou sua mão. Uma mão extraordinariamente fria e tremente. Puxou dela levando sua mão aos lábios e beijou os dedos um a um e inclusive o suave interior do pulso.

— Não, o certo é que não. Produz-me calafrios. — E para corroborar suas palavras um estremecimento a sacudiu de acima a abaixo.

Diego passou o braço pela cintura dela, puxando-a para o quadril em um abraço íntimo e protetor. Uma vez em seus braços, ele apertou com força, abrigando-a como se fosse um pássaro indefeso. E realmente, como tal, não parou de tremer.

— Não tenha medo, apesar do aspecto claustrofóbico e sombrio deste lugar, a paisagem não carece de certa beleza; disse que me ensinaria os lugares mais emblemáticos da Fraga e este é do mais peculiares que vi até o momento. Note que bucólica imagem oferecem as samambaias dormidas sobre a água. — Tratou de aproximar da beirada para ajudá-la a apreciar a beleza que ele memorava.

Estrella se revolveu, recusando avançar sequer uns poucos passos.

—Não, rogo-lhe isso, não desejo me aproximar mais! — Elevou para ele uns olhos que lhe pareceram mais negros inclusive que as águas do canal. — Podemos ir de uma vez?



— Não tenha medo, não lhe deixarei cair...

— Eu disse que não! — Protestou em um tom muito brusco, liberando-se de seu agarre. Diego a olhou sem compreender o desmedido de sua reação. Em poucos segundos Estrella suspirou, arrependendo-se no ato da agressividade com a que respondeu. — Sinto muito, sinto muito... — gemeu, ocultando o rosto detrás das mãos.

— O que lhe acontece? — De novo a sujeitou, puxando-a para seu quadril. Pôde perceber como seu corpo se esticava sob suas mãos. — Preferiria que me esfolassem vivo antes de te deixar cair à água!

Ela estremeceu.

— Já sei, é que... — Meneou a cabeça. — Nunca gostei do canal. Desde menina procurei evitar sempre este lugar. — Olhou ao redor com receio. — Inclusive às vezes cheguei a dar grandes rodeios para não ter que passar por aqui.

Diego percebeu o nervosismo que acompanhava cada palavra.

— Mas é o melhor atalho para chegar ao povoado, não é? Uns bons dez minutos.

— Sei, mas me dá medo, produz-me calafrios, como se suas águas contivessem algum tipo de ameaça ou algum mau pressentimento.



— Mas lhe aconteceu algo quando era criança? Algo que tenha que ver com o rio ou com o canal?

Estrella negou com a cabeça.

— Não deve ter medo — insistiu conciliador, acompanhando-a até a beirada sem soltar sua cintura. — Vê? Não acontece nada, é somente água e samambaias.

Hesitante, esticou o pescoço para obrigar-se a olhar. Foi então quando um suave sussurro chegou até seus ouvidos, algo tênue, delicado, como a suave carícia do vento. E nesse sussurro reconheceu a voz de sua avó. Uma lágrima grossa e solitária se aventurou por sua bochecha. No ato, a garganta lhe secou. Como era possível? Inclinou o rosto tentando apreciar as palavras sussurradas que pululavam no ar e transpassavam sua cabeça, mas foi incapaz de perceber nada com nitidez. Tão só vaias, tão só leves murmúrios entre a folhagem. Nem sequer pôde perceber se existia medo ou precaução ou alegria no tom de sua querida avó. Só sabia que estava ali, em alguma parte, dirigindo-se a ela. Desejando comunicar-se com ela. As lágrimas acudiram dispostas a seus olhos ante a impotência de saber que era incapaz de entendê-la. Como diabos podia estar acontecendo algo assim? Como o destino podia ser tão injusto e cruel? Depois de todos aqueles anos a anciã passou a fronteira que separava ambos os mundos para lhe dizer algo e ela não era capaz de entender nenhuma palavra!



Desesperada, voltou a olhar o escuro leito do canal. E desta vez as águas adquiriram certa transparência para lhe mostrar o rosto de sua avó flutuando entre águas. Pôde ver através do túnel no que se converteu sua visão a expressão de horror daquele rosto querido afastando-se dela para afundar-se de novo nas profundidades. As águas negras a engoliram, fechando-se sobre sua face como um magma inquebrável. Com um último esforço alargou a mão para tentar retê-la. Escutou um grito desesperado. Emocionada, reconheceu-o como próprio. Então a escuridão chegou de repente e se deixou ir.

Quando abriu os olhos a escuridão se foi; embora não de tudo, naquela cabana resultava impossível dispor de uma claridade completa.

Estava deitada em sua cama; em sua cama dura e desnivelada, e em alguma parte sob as mantas pôde perceber o ronrono agradado do Micifuz.

Inclinou levemente a cabeça e se encontrou com o rosto sereno e sorridente do Diego, que esperava sentado em uma banqueta, um pouco inclinado para diante, à altura do travesseiro. Despertar e encontrar-se com seu rosto delicioso, sua formosa cabeleira escura e seu fascinante sorriso no



interior da cabana (em seus próprios aposentos!) Provocou-lhe um formigamento no estômago. E já nada importava, porque ele estava ali, com ela, olhando a dessa forma em que sempre a olhava.

— O que aconteceu?

— Desmaiou.

Recordou o rosto de sua avó flutuando entre águas. A urgência com a que essas águas a engoliram para arrastá-la ao fundo, a urgência com a que alargou uma mão para tratar de retê-la... e logo nada mais. Escuridão e silêncio.

— Por que?

Diego encolheu os ombros.

— Esperava que você me pudesse explicar.

Estrella sentou-se ligeiramente, apoiando-se sobre os cotovelos.

— Não sei, não me lembro de nada... — mentiu.

— Chamava a sua avó justo antes de cair em meus braços.

Recordava ter gritado. Recordava ter pretendido esticar os dedos até o infinito com tal de retê-la a seu lado. E recordava que de tudo isso, nada serviu.



— Você sabia que eu não gostava do canal — murmurou, puxando o cobertor até a altura do queixo. — Ele me dá uma sensação ruim e arrepios.

E não poderia ser de outra forma. De fato, se sua intuição estivesse errada, sua avó não teria se incomodado em se deixar ver e jogar seus sussurros ao vento. Se a velha cruzasse o limiar dos mortos, diria alguma coisa; evitá-la contra algo ou alertá-la para algo. E deve ser algo realmente importante, a julgar pelo impacto que sua visão causou nela.

— Não se preocupe, não têm nada que temer do rio nem de suas águas. Eu cuidarei de você. — E se inclinou sobre ela, beijando com ternura sua testa e até suas pálpebras fechadas.

Uma punhalada atravessou seu coração. Acaso teria entendido mal o sinal daquela tarde junto ao seu tumulo? Pretenderia adverti-la sua avó de que Diego não era bom para ela?

Ela olhou para ele e um arrepio a sacudiu de cima a baixo, dando vida ao seu apaziguado coração e acordando as formigas dormindo de seu estômago. Não, não poderia ser isso. Diego era um bom homem. Uma alma pura, nobre e gentil. E ela estava completamente e loucamente apaixonada por ele. Na verdade, tinha certeza de que não poderia viver sem ele; Estrella morreria sem ele, toda a sua vida não teria sentido se Diego Valmaseda decidisse não fazer parte disso.



Antes de conhecê-lo, achava que estava feliz, achava que tinha tudo de que precisava para ser feliz; mas agora que ele entrou em sua vida, depois de encontrá-lo e o destino colocá-lo em seu caminho, (ainda e a princípio no papel de carrasco), sabia que não seria capaz de continuar sem ele. Preferia mil vezes arrancar um braço ou uma perna antes de imaginar uma vida em que ele não existisse mais.

— Jamais permitiria que te acontecesse algo — disse ele.

— Eu sei.

Uma pequena protuberância se mexeu sob a coberta. Diego sorriu.

— E tampouco esse gato negro que vive com você. Aposto que enfrentaria a qualquer um para manter-lhe a salvo.

Estrella se deixou cair com mansidão sobre o colchão e olhou ao teto. Apesar da sorte que experimentava tendo Diego a seu lado, era incapaz de evitar o desgosto que agitava seu interior lhe impedindo de desfrutar de uma felicidade completa.

— De fato acredito que agora mesmo está escondido em seu leito para garantir seu território; temo que esteja com ciúmes de mim. Tenho certeza que se pudesse me expulsaria daqui a patadas.



Estrella despertou de sua abstração para lhe dar de presente um sorriso condescendente.

— Pois muito temo que terá que acostumar — sussurrou, olhando-o fixamente aos olhos — Porque meu coração já não saberia viver sem você.

— Um coração muito sábio. — Desenhou com um dedo a Estrella invisível de sua bochecha que tanto lhe fascinava. — E agora deve dormir. Foi um dia muito comprido e complicado e deve estar esgotada.

Estrella lhe olhou com espanto.

— Como? Você vai?

— Já é muito tarde. Faz tempo que a lua coroa o céu. — Sorriu com ternura, acariciando-lhe o cabelo como se de uma menina pequena se tratasse. — Dormiu por muito tempo, minha bela adormecida.

Estrella lhe agarrou por um braço.

— Não vá, eu te peço!

Diego a olhou carrancudo e assombrado de uma vez. O que lhe estava pedindo a estrela de sua vida?

— Dom Evaristo estará me esperando. — Duvidava-o, depois do último interrogatório o certo era que nem sequer lhe viu o cabelo. Suspeitava que o padre se esforçava por



evita-lo; e o estava fazendo bastante bem. A essas alturas estaria desejando que agarrasse seus alforjes e partisse ao Toledo com vento fresco.

— Por favor... — suplicou ela. E seus enormes olhos negros brilharam como duas safiras engastadas em arminho. Diego sentiu uma punhalada em seu coração. A prudência e os sentimentos lutavam em partes iguais por encontrar seu espaço e vencer ao outro em semelhante luta.

— Não posso ficar, Estrella, ou lhes acusarão de concubina.

— Não tem como saberem. — A ansiedade cobrou vida em sua voz. — Raramente as pessoas de Arcádia abandonam o povoado para passear por aqui. Já começou a fazer frio, anoitece antes... se não possuir uma razão de peso ninguém perde seu tempo passeando pela Fraga. — Elevou as sobrancelhas compondo uma expressão suplicante. — Por favor, senhor Valmaseda, só por esta noite! Não esqueça que faz tão somente umas horas sofri um desmaio injustificável, você me abandonará a minha própria sorte?

Diego suspirou. *"Sedutora..."*

— Se eu ficar hoje, não pode me negar amanhã.

— Você não tem que negar a si mesmo.



Diego descansou a cabeça cheia de pensamentos em uma mão e soluçou.

— Eu não posso nem devo te comprometer, Estrella, minha estrela ...

A jovem acariciou com a mão branca a face macia de Diego, e uma paz infinita foi derramada na alma triste do inquisidor. Olhando em seus olhos, ela estava ciente de sua realidade. E essa realidade era que ele estava completamente e irremediavelmente preso na doce teia que a bruxa tecera ao seu redor.

— Eu não posso te deixar ... — ele gemeu. — Não posso...

Estrella sorriu e inclinou a cabeça na testa de Diego.

— Você não precisa fazer isso. Fique comigo para sempre ... — sussurrou contra o rosto dele.

Sua resistência acabava de esgotar-se e ela sabia. Deixando-se levar pelas ordens de seu próprio coração e desprezando todos os sentidos com um chute, ele abraçou-a e a beijou com ardor, como se aquela silhueta miúda que se cobria sob os cobertores corresse o risco de esvair-se entre seus dedos de um momento a outro. E por sua vida que não ia permitir!

— Vai matar me, Estrella, minha formosa e brilhante Estrella... — gemeu, prestes a chorar, devorando-a com beijos



ferozes e possessivos. — Mas se estar com você supõe minha morte, com gosto aceito a condenação.

Afastou os cobertores com um único movimento para deitar-se junto a aquela moça que lhe fez perder a razão. E a cabeça, e o espírito e até o sentido da moral. Pairando sobre ela a cobriu com um milhão de beijos aos que a jovem respondeu com idêntica intensidade.

Ainda não tinha amanhecido de tudo quando despertou. As lânguidas luzes da alvorada chegavam de forma amortecida até ao quarto, incapazes de transpassar a grossa cortina divisória que proporcionava intimidade à cabana.

Esfregou os olhos e se esticou como um gato, estirando e encolhendo os dedos dos pés e jogando as cobertas. Como um gato! Recordou então a urgência com que Micifuz fugiu indignado da cama no mesmo instante que alguém mais entrou nela. Um sorriso envergonhado apareceu em seu rosto e não pôde evitar ocultá-lo sob as mantas ante a vergonha que lhe sobreveio. Diego Valmaseda... junto a ela, em sua cama! Não era estranho que o pobre Micifuz se sentisse como um príncipe destronado.



Escorregou a mão pelo colchão para encontrar a seu lado com cama deserta, já completamente fria. Uma ruga profunda apareceu em seu sobrecenho. Diego não estava. Foi-se. E pelo que parecia, fazia já bastante tempo disso.

Levantou meio corpo apoiando-se sobre os cotovelos. Ao mover-se, uma pontada de dor a sacudiu de cima abaixo se acentuando na parte interna das coxas e na zona lombar. Gemeu. Estava cheia de hematomas por toda parte. Uma nova quebra de onda de rubores foi a seu rosto. Sabia perfeitamente qual era a causa daquelas moléstias musculares e da dor aguda que brocava suas partes íntimas.

Mordendo o lábio inferior sorriu maliciosamente enquanto olhava fascinada a todas partes. Deixou-se levar por um impulso, por um desenfreado desejo... ou possivelmente e muito provavelmente por ambas as coisas de uma vez. Mas não se arrependia. Amava-lhe. Estava segura disso. Amava-lhe com toda a alma; e agora também aprendeu a lhe amar com todo seu corpo. E certamente, o que aconteceu naquela cama não se semelhou em nada ao que aconteceu no monte entre a Isabel Figueroa e seu traseiro movediço.

Elevou os joelhos formando um montículo sob as mantas, rodeou-as com ambos os braços e apoiou o queixo nelas. Mas Diego se foi. Teria se arrependido? Acaso a prudência lhe sobreveio no último instante lhe mostrando o



desatinado de sua escolha? Acaso renegava ela como todos outros? Sentiria vergonha? Podia ser que a essas alturas e depois dessa noite se deu conta do pouco que era ela para ele. Do insignificante que resultava a seu lado. E de quão vulgar foi insinuando-se desse modo; inclusive suplicando como uma perdida. Santo Deus, o que pensaria dela!

O buraco no interior de seu peito, que por fortuna levava já um tempo dormido, começou a pulsar e a fazer-se maior. Esperava que não. Confiava em que não. Céu Santo, que não fosse isso!

Então descobriu algo que certamente esteve ali durante todo esse tempo e que ela não viu até esse preciso instante. Sobre o travesseiro, no oco deformado que deixou a cabeça do Diego, repousava um pequeno ramalhete de verbena. Estrella sorriu e compreendeu no ato que Diego tampouco se arrependeu.

Estrella tratou de entreter-se durante toda a manhã ordenando os frascos do armário por ordem alfabética; e como lhe pareceu que tinha terminado muito rápido, decidiu colocá-los primeiro em pequenos grupos da três, logo depois de cinco em cinco; mais tarde seguindo a coloração de suas etiquetas e logo apoiando-se na quantidade de líquido que continham para ao final, e depois de analisar o resultado durante uns segundos, e cabeça inclinada, optar por formar com eles uma fila larga de dez frasquinhos, dispostos sem



seguir nenhuma ordem, coloração ou peso específico. Também teve tempo (Santo Deus, tempo era o que lhe sobrava aquela manhã!) De reduzir a pó as folhas de absinto que levavam semanas penduradas a secar e guardar a substância resultante em pequenos saquinhos de feltro. Misturado com água fervendo aquele polvilho oferecia uma cura sem precedente contra os parasitas intestinais.

Em muitas ocasiões apareceu à janela esperando distinguir a elegante silhueta de Diego subindo pela ladeira. Mas ali fora a única coisa que podia ser vista era a neblina que descia do topo da montanha e a paisagem verde e úmida da floresta. Nem rastro de Diego, nem de seus cabelos escuros, nem de seus olhos profundos, nem de sua boca pequena e carnuda.

Micifuz também tratou de distrai-la a seu modo, subindo a seu colo e reclamando atenção mediante grandes miados; mas o animal se aborreceu de não ser tido em consideração e foi deitar sobre a cama. Estrella suspirou e se obrigou a voltar para seus deveres. Por sorte ainda tinha muitas folhas mais à espera de ser reduzidas a pó.

"Deve estar muito ocupado", pensou, *"afinal lutar com dom Evaristo não deve ser nada fácil. Não coloque caraminholas na cabeça, não está te evitando*". "*Ou ao menos isso espero".*



Fazia um bom tempo que por fim o meridiano do dia ficou para trás quando alguém chamou com insistência à porta da cabana. Estrella levantou o olhar e imediatamente deixou tudo o que estava fazendo. O coração se sobressaltou ao escutar os golpes, saltando de contente como um autêntico bobo; sem pensar-lhe duas vezes correu para a porta. Mas uma vez abriu o ferrolho e identificou a silhueta que permanecia sob a soleira, esse mesmo coração se retorceu em uma sístole mortal lamentando-se de ser tão ingênuo. O sorriso que iluminava seu rosto se transformou de repente em um estranho.

— Isabel... — murmurou

— Necessito que me ajude. — E não era uma petição, a não ser uma ordem. Isabel transbordou a Estrella e entrou na cabana, não sem antes observar com desconfiança os arredores e assegurar-se que ninguém a seguiu.

Estrella suspirou e fechou detrás de si. Isabel era impetuosa como um vendaval e assim o evidenciava ao irromper em sua casa sem esperar convite. Sempre foi uma menina mimada e caprichosa acostumada a ter tudo o que queria e fazer e desfazer a seu desejo. Por que era a filha do prefeito e por que era a única jovem da Arcádia em sair do povo e estudar com as monjas. E ela sabia. Era muito consciente de seus privilégios e acostumava a presumir deles constantemente, jogando-lhe na cara sua falta de categoria



intelectual e monetária para estar a sua altura. O que ignorava Isabel era que todas suas honras e privilégios perdiam valor cada vez que abria de pernas no monte.

— No que posso te ajudar?

A moça permanecia de pé ao lado da mesa, considerando seriamente se devia sentar-se ou não. Ao cabo de uns segundos escorregou um dedo sobre o tabuleiro e o observou com uma careta de desagrado deformando seus lábios. Optou por ficar em pé.

— Faz dias que não me encontro bem do estômago — começou a dizer, falando com estudada indiferença. — Algo deve ter me caído mau, porque me repugna o aroma de certas comidas. Além disso, vomito um par de vezes ao dia e sinto um rebuliço no estomago que é muito ruim.

Estrella, que inconscientemente cruzou os braços para observá-la com um meio sorriso, respondeu-lhe deste modo.

— Faz quanto que não te vem o período?

Isabel se endireitou, quadrando os ombros.

— O que tem isso que ver com minha dor de estômago? — Respondeu, lhe fugindo o olhar.

— Muito, Isabel, tem muito. — Ao final aquele traseiro parecia ter deixado seu rastro em Isabel Figueroa. Embora não da forma em que ela queria.



— Não sei o que têm que ver meus assuntos femininos com este mal-estar de estômago que padeço! — Isabel se mostrou incômoda. — Certamente se trata de uma indigestão. —Seus olhos se iluminaram com absurda esperança. — Sim, isso deve ser. Meu pai recebeu de presente recentemente uma caixa de rabanadas da Astorga e é possível que comesse alguma demais.

Estrella suspirou.

— Faz quanto tempo que está grávida, Isabel?

A jovem se revolveu como uma hidra. Estrella não soube dizer o que lhe deu mais medo então: se seus olhos exagerados e injetados em sangue, se seu rosto desencaixado e a cor do seu rosto, ou se talvez seu nariz, dilatando-se e contraindo-se desmedido de sua respiração.

— Eu não estou grávida! — Exclamo fora de si. E por um momento Estrella temeu que se equilibrasse sobre ela com as garras em alto. — Como te atreve a insinuar sequer algo assim?

— Então, o que acontece?

— Não sei! — Chutou o chão com sua bota. — Você é a bruxa assim me diga isso você!

Estrella a fulminou com o olhar. Certamente aquela moça cada dia era mais insuportável. E arrogante, e vaidosa e



mal-educada. Deu-lhe as costas e se aproximou da prateleira do armário destinado aos remédios para os males digestivos. Não se demorou muito. Pegou um e o estendeu a Isabel sem nenhuma diplomacia. A jovem apanhou o saquinho de feltro com avidez, dando-lhe voltas entre os dedos e levando-lhe ao nariz para tratar de adivinhar seu conteúdo.

— Não te aflija, dentro de nove meses passará.

Isabel ignorou o comentário.

— O que me dá?

— Ficará bem.

— Mas o que é?

Estrella suspirou. *" Cicuta, devesse te dar!"*

— Flores secas de camomila.

Isabel a olhou com o cenho franzido e uma máscara de indignação escurecendo seu rosto. Sem mediar palavra lhe atirou o saquinho no rosto, que não se moveu nem meio milímetro para esquivá-lo e recebeu o impacto com toda a dignidade que foi possível.

— Crê que sou tola? — Chiou a outra. — Flores secas de camomila? Para isso crê que vim até aqui? — Ofegou cética. — Está louca!



— É o único que te darei, Isabel Figueroa — repôs com calma. — Sou parteira, ajudo aos meninos a vir a este mundo, não a abandoná-lo antes inclusive de ter nascido. Eles não têm por que pagar as faltas de seus insensatos engendradores.

Isabel cerrou os dentes até que a pele tersa de suas bochechas palpitou. Estava vermelha como um tomate amadurecido.

— Como te atreve a me falar assim, maldita bruxa? Quem crê que é para me falar assim?

— E você como te atreve a jogar com a vida que cresce dentro de ti? Acaso crê que é Deus, Nosso Senhor, para fazer e desfazer a seu desejo?

Em um acesso de raiva Isabel varreu com seu braço todo o conteúdo da mesa acompanhando sua bravata de um grunhido animal. Frascos de cristal, caixas de madeira, flores secas e úteis de trabalho ficaram pulverizados pelo chão e em alguns casos feitos pedacinhos. O estrondo que se formou foi formidável.

— Não tem nem ideia, não tem de ideia! — Uivou, e sua voz tremeu de forma perceptível. — Logo que tenho dezesseis anos, não posso arruinar minha vida por algo assim! — E se deixou cair contra a parede, carregando todo o peso de seu



corpo sobre um ombro. De forma inesperada, as lágrimas começaram a descer por suas bochechas.

— Isso deveria ter pensado antes, Isabelinha. Possivelmente e se não for capaz de controlar seus instintos, em vez de tantas rendas e veludo deveriam te mandar confeccionar um cinturão de castidade.

Isabel nem sequer respondeu à provocação de Estrella. Permanecia muito quieta, soluçando em silêncio e consentindo que as lágrimas brotassem de seus olhos como de um fornecedor.

— Tem que me ajudar! — Suplicou. — Tem que me dar algo, algo...! — Seus olhos adquiriram de repente um brilho perverso. — Posso te pagar bem, disponho de algumas economias... posso te dar muito dinheiro! — Aproximou-se dela, arrastando-se como uma cobra, para segurá-la por um braço e puxar sua manga. — Poderá comprar muitas coisas bonitas, contas de cores, cintas... o que queira!

— Não necessito nenhuma dessas frivolidades.

Isabel a olhou furiosa. Os olhos estavam a ponto de sair-se o das órbitas.

— Tem que fazê-lo! — E a suplica passou a ordem. — Tem que me ajudar, bruxa, ou do contrário...!



— Não penso fazer nada de nada, Isabel, assim já pode ir por onde vieste.

Isabel apertou os dentes tão forte que a Estrella inclusive pareceu escutá-los estalar. Soprando pelo nariz e com os olhos tão injetados em sangue como os de um touro irado a transbordar, investindo contra ela sem nenhum olhar, para atrasar uns segundos em abrir o ferrolho e cruzar a soleira. Antes de abandonar a cabana se deteve no vão e dirigiu a jovem um olhar que albergava em seu interior as chamas do inferno.

— Se contar isso para alguém te mato, Estrella Castanheira! Por Deus que que te mato!



Capítulo 12

Estrella despertou quando uma suave brisa acariciou seu rosto. Esfregou o nariz uma e outra vez, mas aquela brisa molesta insistia em roçar sua pele lhe provocando uma sensação de suavidade e cócegas, como se uma aranha ou qualquer outro inseto em disposição de mil e uma patas se entretivera brincando de correr por sua cara. Sobressaltada por este pensamento, abriu os olhos de repente. Muito perto de seu rosto, com o queixo apoiado sobre a mesa, Diego a observava com um sorriso desenhado nos lábios.

Estrella levantou a cabeça tratando de orientar-se. Dormiu debruçada em cima da mesa, rodeada de partes secas de raízes de trabalho. Tentou engolir um bocejo, mas não foi capaz de evitar e compor uma careta de dor; depois de haver dormido naquela posição os membros lhe tinham intumescido.

— Parece um anjo — disse sem deixar de olhá-la completamente.

Ela ficou vermelha como uma papoula e sorriu. Ele sim que parecia um anjo. Sempre parecia um anjo. Tão



arrumado, tão elegante, tão perfeito como uma estátua esculpida pela mão de Deus.

— Acordada, frequentemente me dói olhar de tão formosa como és... — continuou ele — Mas dormindo, dormindo me atrevo a lhe ver e posso confirmar que não me equivocava: é perfeita, Estrella. Formosa como as estrelas que lhes dão nome. Bonita como a mais bonita das constelações de nosso céu.

Ela inclinou o rosto e o olhou fascinada durante um minuto. Ficaria assim pelo resto de sua vida, olhando-o embevecida e desfrutando de cada perfeita parte de sua pele. Mas nesse momento uma dúvida a queimava por dentro e não era questão de deixá-la passar.

— Partiu muito cedo...

Diego sorriu, apanhando uma mecha daquele ouro negro para recoloca-lo com cuidado detrás da orelha.

— Queria voltar para a casa paroquial antes que Dom Evaristo se levantasse e descobrisse minha ausência. Por sorte não é um grande madrugador, salvo que perceba o aroma de panquecas e ovos subindo da cozinha. — Diego sorriu. Mas Estrella não sorria, mas sim compôs uma careta.

— Acreditei que havia me abandonado.



— Jamais poderia lhe abandonar. — Tomou sua mão entre as suas, cobrindo—a.

— Mesmo que isso causasse um castigo?

Diego, entretido beijando um a um aqueles dedos suaves e muito finos, levantou o olhar para ela para falar muito sério.

— Para mim não existe maior castigo que sua ausência, Estrella. — Perfilou com um dedo o arco perfeito de suas sobrancelhas. — Não percebe que você é toda minha vida? É meu nome, minha pessoa, minha alma, meu destino, meus desejos... sem você sim que estaria condenado. Qualquer paraíso sem você, eu recusaria imediatamente.

Ela respondeu tomando o da mão e beijando com entrega cada nódulo. Como podia passar mais meio minuto fingindo que estava chateada com ele? Se afinal se derretia entre seus dedos como a manteiga no verão!

— Nunca mais saia desse jeito.

— Prometo, nunca mais. — Elevou uma mão para confirmar sua promessa. — E você? Como foi seu dia?

Estrella lembrou de Isabel Figueroa e seu desespero por livrar-se do que ela considerava um fardo. Suspirou cansada e revirou os olhos.

— Ocupado.



— Sentiu minha falta?

— Já conhece minha resposta — sorriu, ficando ruborizada. — E você? Sentiu a minha?

Uma ruga profunda apareceu no rosto de Diego.

— Não tem ideia de como o dia me pareceu longo hoje. Assuntos importantes me retiveram quase todo o dia na casa paroquial, tive que redigir o relatório semanal para Sua Eminência, suportar os grunhidos mal-humorados de dom Evaristo e mil assuntos mais que na verdade não têm nenhum valor para mim, mas que me chamam e me amarram sem me dar opção de fuga. Faziam-me eternas as horas até poder escapar para lhe ver. — Com o polegar, acariciou a arredondada bochecha da jovem. — Pensei em você cada segundo de cada minuto de cada hora, minha formosa criatura. E amaldiçoei mil e uma vezes a dom Evaristo porque acreditei que nunca ia se recolher. — Sorriu amplamente e seus olhos refletiram uma paixão imensa. — Atravessei a Fraga rapidamente; parecia que meus pés tinham asas e conhecessem o caminho. E estou seguro de que na verdade o conhecem, acredito que poderia chegar até aqui inclusive em sonhos. Quando cheguei me cansei de bater na porta. Vi luz através das janelas e me preocupei. Acreditei que tivesse acontecido algo. — Levou-se a mão da jovem aos lábios e a encheu de beijos. — testei a porta, vi que estava aberta e entrei. Quando lhe vi adormecida em cima da



mesa acreditei que se tratava de um anjo que tivesse descido dos céus para apropriar-se de meu coração.

— Acredito que se engana, senhor Valmaseda. — Diego elevou uma sobrancelha. *" Senhor Valmaseda, a essas alturas?"*. — Não sou nenhum anjo, a não ser uma bruxa. Por acaso esqueceu?

Diego esboçou um sorriso inclinado. Jamais poderia esquecê-lo.

— Se por acaso ainda tinham dúvidas, senhorita Castanheira, devo lhe advertir que está a ponto de ser desculpada das acusações dos que lhes acusa. Nenhum só de seus vizinhos atestou contra você. — Estrella sorriu aliviada. — Entretanto eu ainda tenho minhas reticências. — Agora Estrella se obrigou a tragar saliva, olhando-o fixamente. — Estou convencido de que é uma autêntica bruxa. — O formoso rosto do Diego se alargou em um sorriso. — Somente você pensaria na loucura de enfeitiçar a um juiz do Santo Tribunal. E posso lhe assegurar que o muito tolo está enfeitiçado por você até a medula.

Estrella inclinou o olhar, exalando com lentidão todo o ar que reteve durante o último minuto. E por sua vida que era muito.

— Quase me mata de susto...



— Deve estar assustada posto que um homem enfeitiçado e louco de amor pode resultar extremamente perigoso para uma jovem como você. — Agarrou-a enquanto Estrella enlaçava os braços ao redor se seu pescoço e recostava a cabeça amorosamente contra seu peito. Com ela nos braços atravessou a casa para dirigir-se ao pequeno leito que os esperava depois da cortina.

Uma semana depois que Isabel Figueroa se apresentou na cabana exigindo os serviços de Estrella com muito maus modos, a jovem recebeu outra visita duplamente inesperada. Embora tivesse vivido mil anos jamais teria imaginado que aquele personagem se dignasse a atravessar a inóspita Fraga para visita-la. De fato, aparecia bastante ridículo ante seus olhos com aquelas elegantes botas de cano longo de fivela chapeada completamente manchados de barro, ou com suas finas meias de seda estragadas por causa dos múltiplos espinhos pelo qual passou. E o que de dizer de sua capa muito fina, confeccionada em tecido muito brilhante e severamente engomado! Um pouco ridícula para passear pelo bosque.

Mas não podia ser de outro modo tratando-se de dom Arturo Figueroa.



Como acontecia sempre que se encontrava com ela cara a cara, dom Arturo ficou olhando durante um eterno segundo como um pasmo. Nem sequer piscava, nem sequer parecia respirar boquiaberto só a olhava como um peixe ao que tivesse surpreso (e envergonhado) arrastando-o subitamente fora da água.

Por sua parte era a primeira vez que Estrella o via tão de perto. Seus encontros se limitaram a fugazes tropeços em plena rua e a certa distância, mas jamais até esse instante pôde distinguir tão de perto os traços daquele homem.

Não era um tipo muito grande. Estrella sempre teria jurado que o prefeito carregava muitos anos a suas costas, mas agora olhando de perto não podia contar mais que cinco anos. E, além disso, sempre teve uma boa vida, por isso não sofria os problemas ou desgastes próprios de qualquer camponês de sua idade.

Seus olhos eram grandes, profundos e negros como o peixe. Sua barba tão negra e espessa que resultava impossível distinguir a pele que por força tinha que existir baixo ela.

— Dom Arturo — murmurou perplexa, — o que posso fazer por você?

Aquela era a fórmula de cortesia que acostumava empregar com todos seus clientes, porque o certo era que



ninguém que não devesse solicitar seus serviços se incomodava em vir até ali acima, mas tampouco estava segura de que dom Arturo fosse um cliente. Pelo menos nunca antes tinha requerido sua ajuda, nem ele nem a arrogante de sua mulher.

— Tem que vir comigo, Estrella. — Olhou-a fixamente, muito fixamente. — Por favor lhe peço isso...

Estrella se inquietou ante a áurea de preocupação e desassossego que pôde perceber nos olhos do prefeito.

— O que aconteceu?

Dom Arturo exalou em profundidade, como se desejasse livrar-se de um pesado lastro, antes de continuar.

— É Isabel, minha Isabel.

Quando Estrella cruzou a soleira dos Figueroa o panorama que encontrou foi desolador. Isabel jazia sobre a cama, pálida como um morto, vestida com uma camisola branca de laços e um gorro de encaixes que emoldurava seu rosto e deixava ao descoberto alguns de suas douradas mechas. Se não fosse pelas fortes convulsões que faziam saltar seu corpo sobre o colchão bem poderia parecer um formoso cadáver envolto em sua mortalha. Mas Isabel não estava morta, ao menos não ainda. E para demonstrá-lo, uma capa grossa de suor formava em seu rosto, e muito possivelmente todo seu corpo; os lábios trêmulos e entregues



ao delírio das febres apareciam inchados e encarnados e as pupilas, perceptíveis sob as pálpebras fechadas, não deixava de mover-se de um lado a outro em pleno desvario.

Não surpreendeu Estrella a ausência da primeira dama. Certamente para a mulher esticada e azeda, ter em sua respeitável casa a presença da bruxa da Fraga (e mais ainda, ter que rebaixar-se a recorrer a ela) devia ser muito difícil de engolir. E mais ainda tendo em conta a penosa origem dos males de sua querida filha amada. O mais provável era que se escondeu no quarto, para chorar sozinha, meditando as desgraças e lambendo as feridas sem testemunhas. Mas em certas ocasiões, deitar-se para morrer, resignar-se à má sorte e chorar sem mexer um dedo, não ajuda muito. Enquanto se chora, a vida daquele por quem chora pode estar esvaindo-se a espera de uma ajuda que nunca chegará.

— Quanto está assim? — Perguntou Estrella, se aproximando da cama e abrindo sobre ela o conteúdo de seu estojo de primeiros socorros. Frascos, saquinhos de ficaram espalhados sobre a colcha.

— Desde esta noite. Tem muita febre e não para de sangrar. — O prefeito se expressava com muito arrependimento. Na verdade, parecia sinceramente afetado. — As criadas lhe retiraram os panos completamente encharcados em três ocasiões pela manhã.



— Está sangrando muito. — Estrella testou o pulso da jovem. Mais de cem pulsações por minuto. — Temos que deter a hemorragia, e baixar a febre. Do contrário a vida da Isabel corre sério perigo, entende?

Dom Arturo se inclinou sobre o leito e fez gesto de acariciar a testa úmida de sua filha, mas algo (algum pensamento, lembrança ou reflexo de consciência) obrigou-lhe a deter a mão, trêmula e indecisa, no ar. Estrella compreendia sua aflição. O prefeito não era tolo e a essas alturas devia ser perfeitamente consciente do que motivou a doença de Isabel. E possivelmente também poderia ter uma equivocada suspeita sobre quem lhe pôde ajudar a levar a cabo tão maquiavélico plano.

— Quero que saiba que eu não tive nada que ver com isto — disse muito séria. Afinal tanto sua inocência como sua reputação, além da vida daquela moça, estavam em jogo. — Ela veio até mim, mas eu me neguei a ajudá-la.

Dom Arturo a olhou longamente e em silêncio.

— Pediu-te que lhe desse algo para desfazer o que crescia em seu ventre.

Estrella assentiu.

— E eu não me dedico a essas coisas, senhor.



— Tampouco sua mãe o fazia — disse vagamente. E um brilho nostálgico apareceu em seus olhos.

Estrella o olhou surpreendida. Conheceu sua mãe? Certamente sim, deviam ser da mesma idade. E acaso a defendia? Defendia seu trabalho e seus princípios? Pois seria um dos poucos na Arcádia que defenderiam o nome de alguma Castanheira.

— Faz uns dias foi ao Lugo com o pretexto de visitar uma antiga amiga da escola. Sua babá a acompanhou, mas se vê que em algum momento Isabel a despistou. Pouco depois de retornar a casa começou a febre, as convulsões e está incessante hemorragia. — Seu tom se escureceu de repente. — Sempre tentei ser um bom pai para ela e lhe dar tudo o que quis — Ao falar não pôde evitar olhar a Estrella de uma forma tão estranha que a jovem arrepiou o cabelo de todo o corpo. — Talvez esse foi meu engano. Nunca devia ser tão permissivo.

— Não serve de nada compadecer-se agora. O que devemos fazer é tentar salvar a vida da Isabel.

— Tem razão. — Dom Arturo apertou o punho e o levou a boca. Estava claro que nesses momentos se encontrava em um profundo debate interno. — Mas lamento tanto...

— Lamentar-se é como balançar-se em uma cadeira de balanço: ao princípio pode parecer que se está obtendo algo, mas logo nos damos conta de que não vamos a nenhuma



parte. — Levada por um sentimento repentino, repousou uma mão sobre o ombro daquele homem aflito. — Não se preocupe, farei pela Isabel tudo o que estiver ao meu alcance.

E assim fez.

Depois de ficar a sós com a moça e examiná-la intimamente, Estrella descobriu, não sem horror e graças às visões que o contato direto lhe proporcionava, que alguém pôs fim a aquele embaraço empregando agulhas de tricô. Viu o horror refletido na cara da Isabel ao descobrir o tamanho daquelas monstruosas agulhas dirigindo-se para ela e quase sentiu nas próprias vísceras a horrível dor que experimentou a menina quando as introduziram por determinado orifício. Viu como se retorcia em cima de uma mesa, a que permanecia atada por pulsos e tornozelos, enquanto uma velha de rosto invisível por causa dos mil panos que a envolviam, atacando entre suas pernas. Isabel chiava como um porco no matadouro, mas ninguém foi a ajudá-la; e a velha parecia surda e cega ante a dor e os horrores da jovem.

A infecção consequência de tão selvagem ato não se fez esperar, assim como tampouco a hemorragia que empapava os panos da moça em poucos minutos. Sangue, coágulos enormes e restos pegajosos, quentes e fedorentos, punham perdidos os lençóis a três por quatro, obrigando às criadas a trocar um par de vezes ao dia.



Se por acaso a aberração com as agulhas de tricô não fosse suficiente, Estrella pôde descobrir espantada que a jovem ingeriu alguma infusão abortiva. Estava claro que quem cometeu aquele crime não queria arriscar-se a fracassar.

O que não foi capaz de determinar, nem sequer depois de obrigar a jovem a esvaziar o conteúdo do estômago e ingerir extratos de carvão para limpar o organismo, foi o tipo de beberagem que lhe foi subministrado. Possivelmente arruda ou algum preparado a base de erva de São Joao, as folhas abortivas mais frequentes, mas não estava claro. E seria muito difícil de descobrir, dado o caso.

Tampouco era relevante, agora o mal já estava feito o que importava agora era manter Isabel viva; e para isso teria que baixar a febre e deter a hemorragia antes de fazer qualquer outra coisa.

Estrella saiu ao campo e em apenas um par de minutos esteve de volta com as folhas necessárias. Preparou infusão de urtiga para ajudar a parar a hemorragia uterina e a deu imediatamente a Isabel. Medicá-la resultava fácil, pois em seu estado de semiconsciência só era necessário segurá-la pela nuca e lhe dar de beber, muito devagar, o preparado. Se lhe tivesse dado enjoo, a pobre não se revelou nem o mais mínimo. Parecia uma boneca de trapo quebrado. Uma boneca formosa tido sempre entre algodões, embelezado com ricas



roupagens e penteado com o major dos esmeros; mas que na hora da verdade estava quebrado como qualquer outro de qualidade inferior. Horas mais demore preparou suco de bagos de beladona e a administrou para baixar a febre. A hemorragia persistiu ainda um pouco, mas a febre, em poucas horas, reduziu-se grandemente. Isabel já não suava, todo seu corpo se esfriou e pelo menos deixou de convulsionar. Nesses momentos, esgotada pelas altas temperaturas sofridas tão só umas horas antes e pelos roncos das convulsões, seu corpo ficou flácido e enfraquecido como o de uma marionete esquecida, fundo entre as cobertas à espera de um descanso reparador.

Durante quatro dias e três noites, Estrella não se separou da cama de Isabel nem um segundo; e durante quatro dias e três noites a senhora Figueroa não apareceu pelo quarto da moça nenhuma só vez. Nenhum sofrimento, por mais enraizado que esteja na alma de que sofre, pode justificar a ausência de uma mãe ao lado do leito de sua filha doente; e por isso a repulsão que Estrella manifestava para aquela mulher aumentou de forma considerável.

Entretanto dom Arturo sempre aparecia, interessando-se pela saúde de sua filha e sorrindo com os olhos banhados em pranto cada vez que comprovava a existência de algum progresso. E havia. Estrella estava demonstrando ser uma jovem muito capaz e persistente, como sua mãe. E dom Arturo estava demonstrando ser um pai amoroso e paciente,



muito além da imagem de tipo duro acostumava a representar. Estava claro que queria a sua filha e que por ela seria capaz de algo. Inclusive de desafiar a sua mulher e atravessar a Fraga em busca dos serviços da bruxa.

Uma vez que o perigo das febres e das hemorragias terminou, Estrella preparou infusões de folhas de framboeseira para reparar o útero e ajudar a curar. Também encarregou à cozinheira a incluir muito alho nas sopas e caldos que davam à doente. A moça precisava restabelecer-se quanto antes, tanto física como mentalmente. Sem dúvida aquele foi um gole muito amargo e Estrella confiava que semelhante lance lhe servisse de castigo a aquela moça amalucada.

Isabel começou a recuperar pouco a pouco a consciência e, embora não pôde evitar compor uma expressão de surpresa e vergonha quando descobriu a Estrella ao lado de sua cama, não se atreveu a abrir a boca nenhuma só vez. Tão somente se dedicava a segui-la com o olhar empanado e abrir a boca, obedecendo como uma menina boa, cada vez que a moça pretendia lhe fazer ingerir algum preparado. Encontrava-se muito débil e cansada depois da grande perda de sangue e por isso passava a maior parte do dia e da noite dormindo. Tampouco seu pai a interpelou. Agora que o perigo passou teriam tempo para falar. E por sua vida falariam longa e duramente! Muito possivelmente e se a jovem não fazia por emendar-se, enviá-la-ia para algum convento. Ao



menos até que meditasse a importância de seus atos e fizesse propósito de emenda.

No quarto dia de sua estadia na casa dos Figueroa, Estrella recolheu seus bens. Sua presença já não era necessária ali e desejava voltar para sua cabana, acariciar ao Micifuz e dormir em sua cama. E ver o Diego! E não necessariamente por essa ordem. Depois de quatro dias sem lhe ver sentia uma insuportável saudade dele. É obvio evitou vê-lo durante todo esse tempo; não era prudente converter sua relação em falações para todo o povo e comprometer-se mutuamente. Ela dando margem para ser acusada de puta; ele, de não se mostrar imparcial em seu veredicto ao juntar-se com a acusada. Estava segura de que Diego se encarregou de dar de comer a seu gato e de cuidar de suas coisas; agora era o turno de cuidar dela. De mimá-la. E ela estava mais que disposta a deixar-se mimar.

Dispunha-se a cruzar a porta quando dom Arturo a interceptou. Via-se inquieto e, entretanto, decidido.

— Já vai?

Estrella assentiu.

— Já não sou necessária aqui. Por sorte Isabel está fora de perigo. Agora só precisa descansar muito, permanecer na cama uns dias mais e não fazer nenhum esforço. É muito jovem, logo se restabelecerá por completo.



Agora foi dom Arturo que assentiu.

— Estou muito agradecido, Estrella, sem ti minha pequena Isabel estaria morta. — Um inesperado véu aquoso empanou os olhos do prefeito. E Estrella se comoveu ao perceber uma nova fresta na armadura daquele homem régio.

— Só fiz o que tinha que fazer, embora haja quem não o entenda e me acuse de coisas desatinadas.

— E é muito valioso tudo o que faz. Não deve te envergonhar por isso. Seus conhecimentos são... um dom divino.

Estrella esboçou um sorriso trêmulo quando as lembranças, avivados por tais palavras, começaram a saltar em sua cabeça.

— Isso dizia minha mãe.

Dom Arturo inclinou o olhar e sorriu com tristeza. Sua alma se retorceu arrependida; sorrir experimentando uma profunda tristeza era sem dúvida a mais complicada das tarefas.

— Tem seus olhos... — murmurou de forma distraída.

Estrella se assustou.

— Conhecia minha mãe? — Ou melhor dizendo, conhecia seus olhos?



Dom Arturo levantou o olhar, inquieto, precavendo-se de seu erro. A melancolia latente durante vinte anos e a visão próxima daquele rosto lhe estava deixando vulnerável. Mas afinal para isso estava ali; para pôr as cartas sobre a mesa depois de tanto tempo. Terminou a era da escuridão.

— Só um pouco — apressou-se a dizer. Em seguida levou uma mão ao mais profundo do bolso e extraiu dele um saquinho de moedas. — Quero que aceite isto em pagamento por seus serviços. Espero que seja suficiente.

Estrella observou a grossura daquela bolsa. Era mais que suficiente! Com aquilo, Micifuz e ela poderiam comer durante um mês.

— É muito, não posso aceita-lo...

— Mas eu insisto.

E dom Arturo não se limitou a estender o saquinho, mas sim, de forma intencionada e com um brilho nervoso nos olhos, pegou pela com a outra mão. Não era necessário, nem sequer prudente dado o caso, mas assim o fez. E as imagens consequências de seu ato não se fizeram esperar.

Estrella viu ante seus olhos a um homem jovem cujos traços recordaram aos do prefeito. Mas este homem não tinha barba e o cabelo levava limpo, muito comprido, sem nenhum xarope que o mantivera esmagado para trás. Era bonito, ou ao menos lhe pareceu muito bonito. Tinha os olhos negros



como o carvão e uma estranha marca na bochecha. Tratou de fixar-se melhor. Cinco pintas. Cinco pintas dispostas formando uma invisível estrela de cinco pontas.

Sem poder evitar, Estrella elevou uma mão trêmula para acariciar a bochecha onde, sob a densa barba, permanecia desenhada a estrela.

Viu esse mesmo homem com sua mãe, passeando de mãos dadas. E corriam, e saltavam e riam como duas crianças sem soltá-la mão. Viu sua mãe rir como nunca antes o fez, via-se tão feliz e despreocupada, tão vivaz e apaixonada nos braços daquele homem. Ao rir mostrava as duas covinhas mágicas de suas bochechas. E aquele desconhecido a olhava embevecido e acariciava com seus dedos aquelas covinhas que pareciam lhe fascinar. Uma e outra vez.

Em seguida viu esse homem irrompendo na cabana como um vendaval para suplicar algo a sua mãe. Ela já estava muito doente, era todo osso e pele e não deixava de tossir sangue. Viu a si mesma escondida do outro lado da cortina e então reconheceu esse momento como o dia antes que sua mãe abandonasse o mundo dos vivos. Viu como ela, sem deixar de chorar, ignorava as súplicas do desconhecido e inclusive o modo em que se prostrava de joelhos ante ela, chorando como um bebê. Finalmente, com o coração em um punho, ela tirava algo do pescoço para entregar ao homem. Uma correntinha, umas correntinhas de prata alemã que o



desconhecido beijava uma e outra vez com o rosto banhado em pranto, para acabar guardando-lhe no bolso de sua casaca como o mais prezado dos tesouros. Viu a dor infinita nos olhos daquele homem e a carícia carregada de pesar com a que abrangeu a bochecha de sua mãe antes de ir. Mas não, ele não queria ir. Era ela a que lhe obrigava a partir de sua vida! Por alguma razão, estranha razão lhe liberava de suas obrigações. De uma obrigação das que ele desejava fazer-se cargo.

Estrella soltou a mão com brutalidade para olhar ao prefeito com lágrimas nos olhos. Dentro de seu peito o coração parou de pulsar. Não se ouvia nada. Ele havia desaparecido, levando suas batidas agitadas com ele. Em seu interior agora só reinava uma enorme lacuna que crescia sem parar e uma escuridão insondável.

O rosto de dom Arturo tampouco tinha cor. Seus olhos estavam injetados em sangue por causa da terrível contenção a que estavam sendo submetidos. Seus lábios tremiam e seu semblante adquiriu a mesma coloração aplicável a um morto; ou seja, nenhuma.

— Sabia que tinha herdado seu dom — disse com voz trêmula e os olhos chorosos. — Sabia que se te tocasse entenderia tudo.



Estrella perdeu, além disso, o ritmo de sua respiração E estava claro que um mortal sem coração nem oxigênio em seus pulmões não dispõe de um futuro muito próspero.

— Você queria isso! — E não foi uma pergunta, a não ser um descobrimento que acabava de deixá-la fascinada. Pela primeira vez os corvos que de contínuo sobrevoavam a cabeça do prefeito desapareceram. Já não estavam! Já não grasnavam ao mundo seu mau agouro!

— Com toda a alma, com toda a alma. — Inclinou o olhar e uma profunda tristeza o assolou. — Mas meu pai, que por então era o prefeito da Arcádia, não permitiu que continuássemos com nosso amor. Dizia que seria uma desonra, uma vergonha para a família, e que juntar o sobrenome nobre dos Figueroa com o de uma casta de bruxas era algo que não estava disposto a consentir.

Estrella cerrou tanto os dentes que temeu que lhe saltasse

— Assegurou0me que se eu insistisse em estar com ela a acusaria de bruxaria na frente de todos e a expulsaria de Arcádia. Eu sabia o que isso podia fazer; de fato se fazia em muitos outros povos do Reino. — Levou as mãos às têmporas e apertou com força, fechando os olhos e consentindo que as lágrimas escapassem entre as suas rugas. — Eu não podia suportar a ideia! Que a acusassem de bruxaria por fazer algo que lhe encantava fazer e que fazia tão bem à gente do povo...



não podia permiti-lo! Tão só de imaginar as calúnias, as ofensas de seus próprios vizinhos, as torturas às que podiam chegar a submetê-la... — Negou com a cabeça. — Deus, deixava-me louco! Naquela época eu era jovem e covarde, entende? Deixei-a ir. Nem sequer sabia que estava grávida. Quando soube, já era tarde; sua mãe não quis saber de mim.

Estrella recordou então a cena na cabana em que ele suplicava de joelhos enquanto sua mãe lhe dava as costas, tratando de ignorá-lo, ocultando seu rosto banhado em pranto. Dom Arturo tinha ido a pedir uma segunda oportunidade, mas sua mãe não quis dar. De todas as formas não tinha muito sentido; no dia seguinte morreria de tuberculose.

— Obrigaram-me a me casar com uma senhorita de linhagem, a filha de um militar da reserva...

Estrella negou com a cabeça.

— Ninguém obriga a um homem a casar-se. Ninguém! Os homens gozam de liberdades impensáveis para as mulheres. Se você não tivesse aceitado casar com sua esposa ninguém teria podido lhe obrigar. Não me venha agora com desculpas esfarrapadas.

Dom Arturo a olhou em silêncio.



— Não conheceu meu pai; não havia nada que ele quisesse que não se conseguisse. Seus desejos eram ordens rapidamente executadas.

— E você era um homem feito! Deverá ter lutado por minha mãe. Ela se manteve fiel até o final, jamais entregou seu amor a outro. — Elevou o queixo e as lágrimas brotaram de seus olhos como de um manancial. Nem sequer se incomodou em esconder, apertar as pálpebras e lhes fechar a saída. Precisava chorar. Essas lágrimas levavam quase vinte anos desejando sair.

— Eu tampouco... — murmurou ele. — O que acontecerá agora? — Perguntou, aflito diante do choro de sua primogênita.

"O que acontecerá agora? Por acaso alguma coisa tem que acontecer?"

Estrella lhe olhou fixamente aos olhos para em seguida encolher os ombros.

— Gostei de poder fechar um capítulo de minha vida que considerava inacabado, embora devo confessar que jamais me preocupou saber quem era meu pai porque sempre soube perfeitamente quem foi minha mãe. — Embora as lágrimas seguissem correndo imparáveis por seu rosto, a voz soava agora firme e incontestável. — Reconheço que gostei de saber que a amava e que sua lembrança segue ainda latente em



você. Possivelmente minha pessoa, a só contemplação de meu rosto, de seus olhos em meus olhos, seja suficiente penitencia para você e com isso me dou por satisfeita. Mas eu sou Estrella Castanheira, senhor, e seguirei sendo Estrella Castanheira até o dia que morrer. — Levantou o olhar por volta do quarto do segundo piso. — Aí acima, tendida em seu leito, têm a uma filha que sim lhes necessita.

Dito isso, elevando o queixo e vestindo sua capa, abriu a porta e se aventurou ao fresco da tarde.



Capítulo 13

O sol escorregava lentamente sobre o horizonte quando Estrella cruzou rapidamente o povoado em direção a Fraga.

A descoberta que acabava de realizar, somada à confissão não solicitada de dom Arturo, tinha conseguido desestabilizá-la por completo. Dom Arturo Figueroa seu pai? Não podia acreditar! E, entretanto, era certo. As visões nunca mentiam; e tampouco o desaparecimento daquele funesto bando de corvos que tinha açoitado ao prefeito desde que ela teve uso da razão. Dom Arturo Figueroa seu pai. Quem mais saberia? Certamente ninguém, ou do contrário todo o povo estaria já falando. Tratar de guardar um segredo dessa categoria em um povoado pequeno como Arcádia era como tratar de ocultar um verde pasto de rebanho de vacas esfomeadas.

Dom Arturo Figueroa seu pai! E, portanto, Isabel sua meia-irmã. Uma pontada estranha golpeou seu estômago, fazendo-o retorcer-se e roncar sob a roupa. Uma meia-irmã mimada e presunçosa que tivera sempre muito mais do que ela tão só teria podido chegar a sonhar. Sua mãe e sua avó eram pobres e tinham conseguido cria-la em meio de tanta



miséria e tanta fome. Quantas vezes teriam deixado de comer para poder alimentar a aquela criatura que para elas fora como uma bênção!

Isabel, em troca, tinha tido de tudo e sem necessidade de lutar, desde afeto a posses materiais; possivelmente de algum modo seu pai a tinha malcriado tentando dar todo o afeto que jamais poderia lhe dar a sua outra filha. Assim pensou Estrella, pretendendo justificar de algum modo o injustificável. Precisando encontrar pretextos para entender como as duas sendo filhas de um mesmo pai tinham crescido com tantas diferenças entre elas. A uma, tudo, a outra, nada.

E agora, de repente, um pai e uma irmã! Depois de tantos anos sentindo-se mais só que a valorosa papoula que cresce solitária entre espinheiros, agora descobria que tinha uma família. Meneou a cabeça. A quem ia enganar? Sua existência seguiria sendo a mesma de até o momento porque, por mais que fosse a filha bastarda do prefeito, aos olhos de outros seguiria sendo a bruxa da Fraga. A maldita fazedora de feitiços para uns; a bendita curandeira para outros.

Acelerando o passo olhou ao céu. A madrugadora estrela do Norte a saudou e seu lugar nas alturas. Devolveu a saudação com um sorriso.

Seu pai tinha querido a sua mãe. Possivelmente, esteve louco por ela. E enquanto estiveram juntos a fez a mulher mais feliz do mundo. Se a abandonou foi por covardia, por



falta de coragem e decisão; não porque não a quisesse. Sua mãe jamais pôde perdoar-lhe, jamais perdoou sua debilidade e sua falta de valor para não ir contra a seu pai e lutar por seu amor. Jamais lhe perdoou que a trocasse por uma moça da província. E isso a honrava. Nesses momentos a admirava mais que nunca. Apesar de adoecer por ele e de amá-lo como o primeiro dia, soube manter-se fiel a seus princípios e não sucumbir. Outros a tachariam de orgulhosa e estúpida, mas para Estrella era a mulher mais valente do mundo.

Tão distraída com seus próprios pensamentos e reflexões que não percebeu de que a certa distância Rolando Pardo gastava o tempo esculpindo uma parte de madeira, sentado sobre um tronco ao descuido e com as pernas muito abertas. Mas ele estava consciente da presença da bruxa cruzando o povoado como um gás. De alguma forma era como se a cheirasse, como se a pressentisse, e durante um bom tempo abandonou seu trabalho para segui-la com o olhar até que se perdeu ao dobrar o caminho sob os carvalhos. Logo lançou uma lasca ao chão e seguiu esculpindo com sua velha navalha. Não era o momento. Não era esse o momento que ele estava esperando. Ainda havia muita luz e os aldeões continuavam cruzando as ruas com seus burros e seus cestos de vime nas costas. E para o que ele desejava lhe fazer era preferível não contar com testemunhas. Já chegaria sua hora. A todo porco chega cedo ou tarde seu fardo e a aquela puta acabaria lhe chegando também sua hora de suplicar clemência.



Lascas de madeira saltaram no ar com cada corte agudo infligido com maldade. Seu rosto, carrancudo e concentrado no trabalho, também concentrado em suas próprias perversões, refletia de vez em quando um sorriso malicioso que resultava deles.

Uma sombra de dimensões consideráveis foi cortada de repente sobre ele, removendo a luz. Rolando resmungou baixinho e mal ergueu os olhos por meio segundo para deixar que caísse em seu pedaço de madeira. Era apenas aquele padre obeso e beberrão correndo como um pato atordoado na direção da Igreja. Certamente teria uma novena ou alguma missa oferecida pela alma de um defunto. Do contrário não se aventuraria a sair da paroquia em horas tão tardias (salvo, é obvio, que tivesse sido convidado para jantar em casa de algum vizinho desavisado).

O padre passou por Rolando; mas de repente parou, como se tivesse recordado algo. Ou como se a alma pútrida de um ser malvado fosse capaz de comunicar-se mediante sinais imperceptíveis com a alma pútrida de outro ser ainda mais malvado. Olhou-o de esguelha aparecendo em suas pupilas um brilho pérfido.

— Uma boa tarde de Deus — Rolando arqueou uma sobrancelha. Estava falando com ele? Com que fim aquele indivíduo ensonando se dirigia a ele? — Faz muito que não te vejo pela Igreja, Rolando Pardo.



Nem sequer se incomodou em levantar o olhar.

— Não sou devoto.

— Pois deveria, já há suficientes almas condenadas por estas lareiras.

Rolando torceu a boca em um sorriso.

— Dizes pela bruxa? Acaba de passar por aqui faz um momento como alma que leva o diabo. E apostaria a que não se dirigia a sua Igreja — estalou a língua. — Não compunha ao menos cara de muitas rezas.

Dom Evaristo evitou a brincadeira do moço.

— Vejo que também não está entre suas preferidas. — Seu sorriso se alargou ao tempo que se esgotavam seus olhos de camundongo. — Faz bem, essa infiel é uma alma condenada que não trará mais que a desgraça a este povo.

— Dane-se ela, sua alma não interessa nem um pouco.

Rolando se encolheu de ombros e lançou outra lasca de madeira, que foi cair ao lado das botas de dom Evaristo. O padre retrocedeu um passo e olhou ao jovem com repulsão.

— E acaso há algo que dela tenha interesse, moço?

Rolando elevou as sobrancelhas até roçar com elas a raiz de seus cabelos. Sua testa peluda se encheu de franzidos.



— Acredito que isso não o preocupe, senhor padre.

O sorriso que apareceu no semblante do sacerdote poderia recordar o sorriso malicioso de uma hiena ante a contemplação de sua seguinte vítima. Porque afinal tinha uma vítima!

— Sou o pastor de um grande rebanho; tudo que preocupa a minhas ovelhas interessa.

— Eu não sou a ovelha de ninguém.

— Não, você é um carneiro forte e valoroso que ninguém parece ter dado conta até agora. — Inclinou-se sobre ele e lhe rodeando os ombros com um braço, fez com que se levantasse. — E os carneiros são muito importantes dentro do rebanho. Servem de guia às demais ovelhas e ao mesmo tempo ajudam ao pastor ao represar pelo bom caminho. Um bom carneiro resulta indispensável.

Rolando franziu o cenho sem alcançar a compreender de que diabo estava falando aquele homem. Perdeu-se no primeiro carneiro e a primeira ovelha.

— Acompanhe-me, Rolando, acredito que você e eu temos muitas coisas das que falar.



Aquela mesma noite Arturo Figueroa procurou a intimidade de seu escritório para outro de seus encontros com a mulher de sua vida. Pegando contra os lábios a correntinha de prata alemã, (única lembrança de seu antigo amor que Caridade Castanheira tinha lhe presenteado) o aflito homem gemia e chorava em silêncio, compartilhando com as sombras, e com a imagem volátil e nebulosa da mulher que habitualmente recreava em sua cabeça, seus mais íntimos pesares.

— Viu-o tudo — murmurou entre soluços. — Permiti-lhe que visse tudo, Caridade. Cansei-me que tantos anos de silêncio, de tantos anos de realidades ocultas; ela merecia sabê-lo.

Nesse instante um ruído surdo contra os vidros da janela lhe assustou. Sem soltar a correntinha, com o rosto ainda banhado em pranto, Arturo sustentou em alto o lampião iluminando com ele parcialmente a janela. Fora, a escuridão mais intensa fechava completamente sobre o povoado e sobre o vasto imóvel dos Figueroa. Nenhuma só estrela, nenhuma só luz além da débil iluminação que se intuía através das casas da Arcádia.

Exalou aliviado quando comprovou que se tratava tão somente do ramo nu do velho limoeiro arranhando com seus dedos os vidros da janela.



— Já sei, já sei, me disse que permanecesse à sombra, que ela não era minha responsabilidade — seu lábio inferior tremeu ao recordar as duras palavras da mulher naquele dia — Que ela era somente sua e que você foi para ela pai e mãe de uma vez. Sei.

O uivo do vento cruzando as ruas do povoado e assobiando contra os telhados de palha o fez estremecer.

— Mas é meu sangue também, Caridade, e não pode negar que tem muito de mim. —Sorriu acariciando as cinco pintas de sua bochecha, traço comum com sua primogênita. — Você a pariste e a criaste até que deixou o mundo dos vivos. E te felicito, porque o fez muito bem. Agora uma mulher feita e direita, valente, forte e independente, como você. Não precisa de mim — suspirou dolorido — Não quer precisar.

Arturo inclinou o rosto mantendo o cenho franzido e o olhar perdido em algum ponto longínquo. Parecia que estava escutando atentamente a conversação de um interlocutor invisível ao que ele, e tão somente ele, era capaz de escutar.

— Sei, tenho-o merecido, não mereço que queira saber nada de mim — respondeu, cabeceando em assentimento. — Mas e você? É que jamais vais perdoar que não soubesse ir contra meu pai? Não lembro de ser tão rancorosa, Caridade, se afinal sabe perfeitamente que levo perto de vinte anos sofrendo minhas culpas. Jamais pude te esquecer, jamais



sua lembrança se apagou de minha mente nem um segundo só.

O vento uivou de novo lá fora, e esta vez as folhas da janela se sacudiram agitadas por seu feroz fôlego.

— Nunca a quis! Sabe que foi um matrimônio de conveniência, um acerto entre meu pai e esse velho militar aposentado. Úrsula jamais teve meu coração, porque meu coração foi levado contigo ao túmulo. Eu nunca quis que me devolvesse isso, quando lhe dei isso te entreguei a chave com todas as consequências; agora tão somente espero resignado o dia que retorne para me buscar e me diga que me perdoa, que tudo ficou esquecido e que de novo me fará um lugar no mais profundo de sua alma, como antes, como sempre...— Devolveu a correntinha ao saquinho de feltro, fechou a gaveta e baixou com sigilo a persiana da sala. — Enquanto não chegar esse dia, seguirei te esperando pacientemente.

Diego não podia acreditar o que Estrella acabava de lhe contar. Dom Arturo Figueroa era seu pai? Mas como era isso possível? Piscou com nervosismo. Quer dizer, conhecia a teoria, conhecia a fórmula que poderia fazê-lo possível, mas jamais poderia ter imaginado que aquele homem elegante, sombrio e taciturno, pudesse ser o pai de sua Estrella.



Caminhavam muito devagar em busca de folhas e raízes para os preparados da jovem. Os primeiros frios invernais começavam a deixar-se sentir com força e os catarros e resfriados faziam visita aos habitantes de Arcádia. Estranho era o dia que não subisse alguém até a cabana solicitando uma beberagem para os narizes entupidos, para coriza constante, para a tosse que lhe provocava dores no peito ou para a rouquidão e mal-estar de garganta. As provisões se esgotavam muito rapidamente devido à elevada demanda e por isso Estrella devia sair ao bosque colher ingredientes para suas poções ao menos duas vezes ao dia.

— Está segura do que me diz?

Estrella suspirou e revirou os olhos.

— Ele mesmo me mostrou isso. Não tenho nenhuma dúvida, Diego, vi tudo o que tinha que ver.

— E o que pensa fazer?

"O que pensa fazer?" Outra vez essa pergunta? Por que todo mundo parecia empenhado em dizer que devia fazer algo?

— Minha mãe morreu quando eu era uma menina. Ele sempre soube de minha existência, não é algo que tenha descoberto ontem, e apesar de sabê-lo jamais se incomodou em vir por mim. — Seus olhos se escureceram com a opacidade das lágrimas. — Com sete anos fiquei sozinha no



alto da Fraga. Só na pequena cabana que conhece. Não pode imaginar o medo que pude sentir durante as largas noites de inverno, quando o vento sob contra os vidros e os lobos uivavam no alto da montanha. Passei fome, chorei solidão até que as lágrimas me secaram, tive que me curar dos medos sem a ajuda de ninguém mais, sem a presença afetuosa de ninguém que se dignasse a me brindar um pouco de afeto e me consolasse quando os pesadelos ou a enfermidade me batiam. Por sorte, minha mãe e minha avó sempre cuidaram de mim. De algum modo sempre me faziam sentir que ainda estavam ao meu lado. Diego, compadecido, rodeou seus ombros e a atraiu para si.

— Lamento tudo o que passou, minha querida Estrella...

Ela sorveu os mucos e esboçou um sorriso. Não queria inspirar a compaixão de ninguém; sobreviveu por muitos anos e nada deu errado.

— Além disso, e para ser honesta, tenho que admitir que contei com a ajuda de pessoas boas que de vez em quando me traziam cobertores ou comida. Os Pedrosa sempre me trataram muito bem, também na casa de Adela Pereira. Eles são os melhores de Arcádia. Quando fiquei mais velha e comecei a trabalhar com plantas e feitiços, finalmente consegui cuidar de mim mesma. Eu vivi sozinha quase toda a minha vida, então eu não preciso de um pai agora.

— Você está chateada com ele...



Estrella voltou a cabeça para lhe olhar fixamente aos olhos. Apesar de tê-los úmidos pelo choro, parecia muito determinada ao falar.

— Não, não se trata disso. Se minha mãe lhe perdoou, não sou eu quem irá julgar. É certo que nos abandonou, mas lá ele preferiu perder o carinho de uma mulher que lhe amava até o delírio e o de uma menina pequena que poderia chegar a querê-lo com desespero. Pôde escolher: uma vida ou a outra. O que hoje tem é fruto de sua escolha.

Diego estalou a língua.

— Não é bom guardar ressentimento, Estrella.

— Você não entendeu. Não lhe guardo rancor. É somente que... em minha vida atual não há espaço para um pai cuja existência jamais tive. Agora sei que está aí e sei quem é. Dou-me por satisfeita. Conformo-me tendo-o longe.

— Podendo o ter de outra forma?

— Não há outra forma. Nem sua esposa nem sua filha, nem nenhuma de suas amizades, aceitariam a chegada de um novo membro à família. Muito menos se esse novo membro for a tão nomeada bruxa da Fraga. — Revirou os olhos e exalou.

— Eu já tive uma família. Duas mulheres fortes e lutadoras que me criaram sozinhas. Por desgraça já não estão



comigo, partiram deste mundo muito cedo. Mas isso não muda as coisas. Sou uma Castanheira, Diego, jamais fui uma Figueroa.

Diego insistiu no abraço. Aquela era Estrella Castanheira. Sua Estrella. Uma jovem forte e valorosa que tinha sabido seguir a vida aos poucos. Ainda quando a adversidade aparecia seu caminho. Ainda quando a vida se mostrasse mil vezes contra. Por isso a queria, por isso a adorava e por isso a amaria até o infinito e além das estrelas.

— Estou orgulhoso de você.

Estrella recostou a cabeça contra seu ombro e desfrutou do momento. Tão somente tinha faltado dizer que agora tinha encontrado uma nova família. Uma nova família insubstituível e perfeita formada pelo Diego, ela mesma e Micifuz.

— Pois deixe tanto orgulho para mais tarde e apure o passo! — Brincou, o puxando pela mão. — Logo escurecerá e ainda não coletamos um único ramo de verbasco. Na casa dos Andrade já sucumbiram aos resfriados invernais o avô e a mãe, temo que o marido e as crianças não demorem a imitá-los.

Diego se tornou preguiçoso, fez um bico pedindo um beijo. Estrella ignorou o gesto lhe mostrando a língua e esboçando uma fingida expressão de aborrecimento.



— Onde está seu senso de responsabilidade, senhor Valmaseda? Dezenas de possíveis doentes esperando a ser atendidos e nenhuma só infusão que lhes oferecer! Isso não pode acontecer! Temo que terei que lhe castigar severamente.

Diego a puxou, obrigando-a a encontrar-se contra seu peito.

— E o que fará para me castigar?

Estrella mordeu o lábio inferior e Diego quase se voltou louco ante a sensualidade implícita nesse gesto.

— Sou uma bruxa, lembra? Tenho meus recursos.

E, ficando nas pontas dos pés, deu-lhe um beijo furtivo no nariz para em seguida esboçar um amplo e descarado sorriso diante de sua cara. Empregando seu método perfeito e infalível de despistar, conseguiu escapulir do controle do Diego e liberar-se de seu abraço, fugindo e gargalhando entre as árvores. Diego exalou em profundidade, inclinou a cabeça para trás e compôs um resignado sorriso carregado de sorte.

— Vai me deixar maluco — murmurou. E correu atrás dela como o Diabo foge da cruz.



Capítulo 14

Depois de ter passado tantos dias na casa dos Figueroa assistindo Isabel e de contar com a presença diária de Diego na cabana, a primeira tarde que Estrella ficou sozinha se deu conta do muitíssimo que tinha por fazer.

Primeiro, visitar os túmulos no alto do bosque. Esse era grande pendencia depois da revelação de dom Arturo. E não que quisesse pedir explicações a sua mãe, Deus a liberasse de fazer tal coisa! Mas por alguma razão sentia que devia reunir-se com as duas para falar do assunto.

Subiu a ladeira, com passos largos e firmes de alguém muito acostumado a mover-se por aquelas lareiras. Além disso, não queria que a noite lhe viesse em cima. De todos era sabido que no penúltimo mês do calendário, às seis da tarde era já noite fechada. E tinha prometido a Diego ser prudente e não passear só pela Fraga em horas tão inoportunas. Portanto só se entreteve um momento no caminho para recolher dois ramos de verbena, as flores favoritas de todas as Castanheira.

Em várias ocasiões pareceu que alguém a seguia; voltou para olhar e observar qualquer pequena variação em um



cenário que conhecia tão bem. Inclusive conteve o fôlego consentindo que tão só seu coração e os sons do bosque criassem sua própria coreografia. Em nenhuma das duas ocasiões conseguiu descobrir nada suspeito ou fora de lugar, embora o véu da desconfiança, e possivelmente também o da intuição, permanecia estendido sobre ela sem intenção de retirar-se.

Um par de vezes também se deteve no meio do caminho, sem chegar a voltar-se, para permitir que nessa ocasião fossem os ouvidos e não os olhos os que confirmassem suas suspeitas. E em efeito, o rangido de folhagem que levava um bom momento escutando detrás de si a certa distância se deteve também no mesmo instante em que ela o fez. Franziu o cenho, obrigando-se a engolir a saliva. Não queria perder a cabeça dando causa a fantasmas inexistentes ou a criaturas de túmulos gerados pelo medo ou a desconfiança. Porque o medo é um monstro malicioso e de mil tentáculos, que desfruta aguçando a imaginação de quem lhe dá asilo, fazendo-os ver coisas inexistentes e a escutar sons que jamais estiveram aí. Entra na cabeça e ali se faz forte; acaba dominando as vontades, a prudência e até toda capacidade de raciocínio.

Estrella esboçou um sorriso trêmulo. Pode que tão somente se tratasse de algum cervo solitário ou de um texugo buliçoso e mal-humorado; talvez de um esquilo mordiscando sua noz ou de uma jiboia escorregando-se entre os arbustos.



Ou pode que não. Sacudiu a cabeça tentando separar seus pensamentos dessa índole, e continuou.

Quando enfim chegou ao lugar onde repousavam os restos de sua família, sentou em frente aos túmulos. Retirou os ramos antigos para colocar os novos e se distraiu arrancando as ervas daninhas e retirando dezenas de teias de aranha que estavam nas cruzes de madeira. Depois ficou muito quieta, em silêncio, olhando fixamente o ramo de erva sob o que repousava sua mãe. A brisa fria do entardecer agitava seus cabelos, avermelhava a ponta de seu nariz e fazia dançar as dobras da capa a ambos os lados de seu corpo. O vento, que acabava de chegar avisando sobre o anoitecer, assobiava entre as árvores criando uma formosa melodia com as folhas.

— Mãe, já sei de tudo. Dom Arturo me revelou isso — começou a falar, sem levantar o olhar da fina colcha de trevos e erva. — E foi tão fácil. Tão só precisei tocá-lo para que o passado tomasse forma ante meus olhos e a verdade saísse à luz. — Esfregou-se o nariz, avermelhada e congelada por causa do frio, e um bocejo colossal a obrigou a silenciar-se durante uns segundos. — Oxalá houvesse me dito faz muito tempo. Não sei por que me ocultastes isso durante todos estes anos, não havia necessidade; nada teria mudado.

O som do vento foi a única resposta que lhe veio devolvida, acompanhada do beijo gélido do vento.



— Suponho que para evitar o sofrimento de saber que meu pai estava tão perto de mim e nunca tinha feito nada por me fazer sentir sua presença — continuou raciocinando consigo mesma. E com o vento, e com as árvores. — Mas ele lhe queria, mãe, temo que ainda lhe segue querendo.

Um repentino bocejo a surpreendeu de novo e de novo teve que render-se a ele. Saboreou lentamente letargia que começava a invadir todo seu corpo enquanto uma coceira intensa em seus olhos dava ainda mais cansaço. Apertou a capa e bocejou de novo. Que esgotada se encontrava de repente! Fazia dias que não subia até ali e a caminhada a fez perceber que estava fora de forma. Deitou-se ao lado dos túmulos utilizando um antebraço como travesseiro e envolvendo-se por completo com a capa, como uma larva em seu casulo.

"Só um pouquinho", pensou, *"só até que me tire este cansaço. E depois retornarei à cabana".*

Fechou os olhos, deixando-se envolver pelo calor de sua capa e pelos sons aprazíveis do bosque na hora bucólica do entardecer. Uma prazenteira escuridão se abateu sobre ela e foi relativamente fácil entregar-se e deixar-se ir.

Abriu os olhos e sua avó estava ali, diante dela; com o mesmo aspecto e a mesma carinha que tinha quinze anos antes, quando a tinha visto pela última vez. Levava um lenço negro ao redor da cabeça, ocultando por completo seus cabelos



grisalhos, um vestido de oleado e um avental amarrado à cintura. Nos pés, suas grandes e robustas sandálias madeira. Estrella piscou para certificar-se de que não era um sonho. Não podia sê-lo, sua avó parecia tão real como ela mesma, só que mais baixa e miúda do que ela recordava. Possivelmente porque a última vez ela era somente uma menina de cinco anos.

Sua avó, sem deixar de sorrir com sua boca trincada, alargou os braços para ela, convidando-a a um abraço. Não duvidou nem segundo. Levantou-se rápida como um gato e se jogou em seus braços com tal ímpeto que quase acabou por atirá-la ao chão. Não era um sonho, era sua avó de verdade! Não poderia esquecer nem em mil anos o quente e fofo refúgio que sempre lhe tinha devotado em seu abraço, aberto para ela como um casulo ao sol! Tampouco a amorosa sensação de suas pequenas mãos de dedos curtos e grossos lhe penteando o cabelo uma e outra vez. As calosidades de suas mãos lhe tinham proporcionado sempre uma carícia áspera, relaxante e cálida que jamais havia tornado a experimentar desde sua ausência. As lágrimas começaram a correr por seu rosto como se alguém tivesse aberto as comportas da presa que as retinha. Não era um sonho! Nenhum sonho poderia imitar com tanta fidelidade a maravilhosa sensação de paz que assolou sua alma, enchendo a de uma ternura e uma serenidade infinita! Nenhum sonho poderia recrear de uma forma tão escrupulosa seu peculiar aroma a verbena e a pinheiro, nem a sutileza de seus dedos penteando com mímica cada mecha!



— Vó... — soluçou sem deixar de chorar. E se sentiu idiota. Levava tantos anos esperando voltar a vê-la que agora que pôr fim a tinha diante só lhe ocorria ficar a chorar como uma Madalena.

A anciã alargou seu sorriso e a beijou na frente.

— Minha menina, não sabe como orgulhosa que me sinto. Converteu-te em uma mulher feita e direita, sua mãe estaria tão contente se pudesse verte.

Estrella se apartou um pouco para olhar em redor.

— Onde está mãe? Por que não veio com você?

A anciã sorriu de novo e Estrella se deleitou em cada marcada ruga que sulcava seu rosto. Sempre a tinha recordado enrugada como um velho pergaminho enormemente valioso. E sempre tinha amado cada uma dessas rugas. Porque sua avó sempre dizia que cada ruga era a evidência de um sorriso durante à vida.

— Sua mãe está descansando junto a nossos antepassados, minha menina. Ela viu sua luz e a seguiu. Está em paz.

Estrella se enrijeceu, franzindo o cenho.

— Você não está em paz, avó?



A avó não respondeu. Manteve-se uns segundos em silêncio, penteando o escuro cabelo de sua neta sem deixar de lhe sorrir e olhá-la com um afeto descomunal. Estava claro que sua avó a amava com toda a alma e que para ela seguia sendo a pequena de cinco anos que tinha deixado dormindo em seu cesto de vime a mesma noite que a morte veio por ela.

— Procurava respostas, pequena, para isso vieste até aqui, não é certo?

Estrella balbuciou, confusa.

— Vó, a última vez não fui capaz de entender o que queria me dizer, perdoe-me, vó...

— Não foi tua culpa, minha vida, não estava preparada para entendê-lo. Seu coração não estava preparado ainda para escutar o que o meu tinha que lhe dizer. Mas agora chegou o momento de que obtenha as respostas que tanto necessita e de que a verdade saia à luz.

— A verdade, vó? Mas já vi a verdade, o senhor Figueroa me mostrou isso tudo! — Acariciou a bochecha da avó enquanto as lágrimas seguiam transbordando pela sua. — Já sei que ele é meu pai.

A anciã negou com a cabeça.

— Não refiro a essa verdade, meu céu.



De repente uns uivos horripilantes capazes de gelar o sangue nas veias a qualquer cristão quebraram a quietude do bosque. Estrella estremeceu de cima abaixo e, ainda nos braços de sua avó, olhou assustada a todas partes tentando descobrir a fonte daqueles alaridos assustadores. Não encontrou nada, mas os bramidos arrepiantes e os gemidos de tumba cada vez estavam mais perto. De um momento a outro acabariam por aparecer na clareira do bosque. O tom de sua avó adquiriu então uma estranha urgência.

— Minha menina, deve fazer o que te digo: vê o canal, tem que ir ao canal...

Aqueles uivos antinaturais se escutaram de novo, tão roucos e guturais que resultavam impossíveis de associar a um ser humano. Desta vez Estrella pôde distinguir entre as árvores as silhuetas escuras e desproporcionadas de estranhas criaturas que se dirigiam para elas lentamente e sem tocar o chão.

— Vê o canal, minha menina, procura no canal as respostas...

A anciã emoldurava o rosto da jovem exigindo sua atenção; mas Estrella se sentia incapaz de afastar o olhar daqueles seres de quase três metros e estrutura corporal semelhante à de um ser humano, só que imensamente mais larga e deformada, que se retorciam sobre si mesmos como se



não tivessem consistência e gemiam e gemiam como cães do inferno.

— Não quero ir ao canal, avó — balbuciou morta de medo — Assusta-me o canal, assustam-me suas águas, sempre me deram medo.

— Deve vencer seus medos, minha pequena, só assim encontrará respostas...

Os estranhos seres se aproximavam mais e mais e agora Estrella estava convencida de que não tocavam o chão; nem sequer pareciam andar, mas sim fluíam, como sombras do submundo. E isso pareciam ser na verdade: sombras horripilantes, negras e disformes que não deixavam de uivar e retorcer-se como bestas feridas gravemente. A pouca distância do chão, acompanhando à comitiva, farrapos de névoa se arrastavam por um lento impulso invisível movendo-se ao mesmo tempo das sombras infernais, não um passo por diante ou por detrás, a não ser justamente ao mesmo tempo. Como se aquele exército de seres de tumba gerasse a seu passo, brumas, trevas e demais possibilidades horripilantes.

— Mas odeio o canal, mil vezes procurei evitar passar por ele desde que você...!

Silenciou-se de repente e sua avó, satisfeita ante a acuidade mental de sua neta, beijou-a na frente sem deixar de lhe sorrir. Então se separou dela, permitindo que o corpo de



Estrella se passasse por entre seus dedos como a água que se captura em um punho. Com seu afastamento, a jovem experimentou uma horrível sensação de vazio; e precisamente seus braços permaneceram um bom momento formando um arco e abraçando a um nada. As sombras horripilantes se abateram sobre a anciã como cães de presa, rodeando-a com seus negros tentáculos e seus corpos de escuridão para arrastá-la com eles ao fundo do bosque.

— Vó?

A anciã meneou a cabeça muito devagar, como querendo lhe demonstrar que não passava nada, que tudo estava bem.

— Procura no canal, minha menina...

E já não a voltou a ver mais. A espessura do bosque e a opacidade daqueles seres que a capturavam acabaram por engoli-la. Os seres da tumba cessaram, a bruma se retirou e os sons alegres do bosque voltaram a recuperar seu espaço.

E Estrella abriu os olhos. Durante um bom momento perdeu a consciência de onde estava. Levantou-se muito devagar, olhando ao redor para tratar de orientar-se. Era o mesmo claro do bosque, mas já não estavam nem sua avó nem aqueles demônios do submundo.

Bocejou de novo e se esticou como um gato. Fora somente um sonho? Com grande rapidez observou a erva baixo ela: estava completamente amassada formando um



círculo perfeito, uma cama improvisada com as mesmas dimensões de seu próprio corpo. Uma pontada de decepção aguilhoou seu peito e um rictos de infinita dor apareceu em seu rosto. Adormeceu. E de repente sentiu como se seu coração se quebrou em dois em algum momento durante o adormecimento, ou talvez no preciso instante no que despertou. Seja como for, a dor que sentia em seu interior era horrível, infinito, e parecia a ponto de transpassá-la. Acaso podia sofrer tanto durante um sonho? Acaso nada do que havia sentido era real?

Imediatamente levou as mãos ao rosto: suas bochechas estavam úmidas. Tinha chorado! Um sorriso alargou seu rosto. Aquilo era bom sinal. Fora muito mais que um sonho; fora uma revelação!

Elevou o queixo e olhou para o bosque, ao lugar onde os demônios levaram a sua avó.

— Procurarei as respostas, vó, irei ao canal... — Murmurou sem separar os lábios.

Alisou as dobras do espartilho e se dispôs a retornar à cabana.



Quando a viu partir, duas sombras se endireitaram com sigilo entre as samambaias e as sarças. Não eram as sombras do submundo, mas tão sinistras e aterradoras.

— vamos deixá-la partir? — Rugiu a primeira das sombras, fazendo dançar um som entre os dentes. A segunda sombra, maior, deu uma cotovelada seu companheiro, que a recebeu com um grunhido e um encolhimento de ombros. Por respeito e só por respeito à autoridade do outro e a seus muitos anos não a havia devolvido.

— Não era o momento, Rolando, tem que ter paciência, rapaz.

— E que melhor momento que este, senhor padre? A incauta estava aqui só no meio do bosque... — meneou a cabeça, — Poderíamos pegá-la e ninguém teria dado conta — soprou irritado. — Se até adormeceu em cima das tumbas! Seria moleza!

— Mas quanto teríamos que carregar com ela até chegarmos ao ponto em que desejamos tê-la? — Rolando inclinou a cabeça e assentiu, fechando os olhos. Aquele velho tinha razão. — Logo haverá outros momentos mais propícios, rapaz, quando menos esperar; esta desencaminhada costuma passear sozinha pelo bosque frequentemente, Como todas as de sua laia, serva de Lúcifer...



Rolando suspirou. Aquilo já não era de sua responsabilidade. Nem Lúcifer, nem seus servos desencaminhados nem o Sabbat[3] que organizavam a suas custas. A ele somente importava uma coisa, e era muito mais terrena.

— Vamos pegá-la muito em breve e quando se encontrar mais perto do lugar do sacrifício, assim nos evitará muito trabalho. Não se preocupe a justiça divina não demorará chegar, é somente questão de ter paciência.

Rolando esfregou as mãos. A justiça divina lhe importava, mas bem pouco, o que realmente importava para ele era a promessa do padre de que lhe deixaria fazer com ela o que quisesse antes de lhe dar a moeda para o Caronte[4]. E não importava que aquele velho rechonchudo estivesse diante, nesse aspecto e depois do que tinha esperado não ia mostrar-se muito cuidadoso; a única coisa que queria era aproveitar-se do corpo dela a seu bel-prazer, e depois que aquela velha raposa fizesse com ela o que quisesse. De toda forma, quando terminasse com ela, não teria muito mais o que fazer.

---

[3] O Sábado das Bruxas, também conhecido como Sabbat ou Sabá das Bruxas, é uma reunião daqueles que praticam bruxaria e outros ritos associados.

[4] Na mitologia grega, Caronte (em grego: Χάρων , transl.: Chárōn) é o barqueiro de Hades, que carrega as almas dos recém—mortos sobre as águas do rio Estige e Aqueronte, que dividiam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Uma moeda para pagá—lo pelo trajeto, geralmente um óbolo ou dânaca, era por vezes colocado dentro ou sobre a boca dos cadáveres, de acordo com a tradição funerária da Grécia Antiga.[1] Segundo alguns autores, aqueles que não tinham condições de pagar a quantia, ou aqueles cujos corpos não haviam sido enterrados, tinham de vagar pelas margens por cem anos. Fonte: Wikipédia.



— Lembre-se do que me prometeu.

Dom Evaristo arqueou uma sobrancelha. As promessas oferecidas a aquele vadio não tinham nenhuma validade real para ele; mas tinha tido que sucumbir e consentir em prometer com tal para convencê-lo. O muito tolo não tinha sentido de moral, da ortodoxia ou da Fé católica; não lhe importava que lhe tivessem encomendado a Santa função de limpar a alma corrompida de uma herege da face da terra, nem sequer era consciente do elevado dessa função. Outro em seu lugar se estivesse sido privilegiado, um eleito, como acontecesse no caso do velho Figueroa tantos anos atrás, mas a este idiota o único que lhe importava era que pusessem a aquela mulherzinha em bandeja para poder fornicá-la a sua vontade. Encolheu de ombros. Tinha tido que incorrer em falsas promessas para enganá-lo, mas o preço a pagar fora baixo; nada a considerar. Só terei que oferecer outro doce para aquele bruto para voltar a corrompê-lo por completo. E de doces como esse estava o mundo cheio.

— Não se preocupe, pegá-la primeiro e depois veremos.

Rolando resmungou. Esperava que aquele padre não estivesse lhe enganado ou do contrário sua sociedade ia terminar muito mal. Fazia muito tempo que queria ter Estrella Castanheira e agora que conseguir seu objetivo parecia tão ao alcance de sua mão esperava que a velha raposa não lhe tivesse posto o mel nos lábios para logo tirar-



lhe porque então nem sua batina nem seus muitos anos poderiam lhe salvar!

O padre lhe abraçou e insistiu em lhe acompanhar montanha abaixo.

— Seguiremos vigiando-a muito de perto durante nos próximos dias; tenho certeza que não demora nenhuma semana em cair em nossas redes.

Rolando esfregou as mãos com luxúria. Menos de uma semana para lhe dar a aquela rameira o seu... não via a hora de meter-se entre suas pernas e desfrutar da doce ambrósia que devia guardar dentro de si!

— E enquanto aguardamos, vamos ao botequim dar um pouco de trabalho para a taberneira. Um par de taças de vinho tinto e uns bons pedaços de linguiça nós cairá bem.



Capítulo 15

Diego dispensou com um sorriso o mensageiro pessoal de Sua Eminência, o Muito reverendo Padre senhor dom Leopoldo da Beira.

Fazia semanas que esperava aquela carta e tê-la agora entre suas mãos com uma resposta positiva por parte do poderoso Cardeal era algo que fazia dançar seu coração de felicidade. Estrella também ficaria louca de contente uma vez fosse informada de seu conteúdo; e vê-la feliz o deixava feliz.

Sem atrasar-se nem um só minuto, pois bastante tempo tinha passado já ajeitando as coisas tão bagunçadas como estavam, dirigiu-se a casa do prefeito. Devia falar com dom Arturo Figueroa imediatamente. Sem ele pouco se podia fazer.

Para terminar o negócio que estava sendo realizado, era necessária a presença de um representante civil, um juiz, várias testemunhas civis e um representante da Igreja. Para esta última condição a presença de Don Evaristo teria bastado, mas Diego fora prudente e, sabendo da opinião do clérigo neste aspecto e sua relutância em colaborar, ele tinha se precavido escrevendo diretamente ao Cardeal. Com o consentimento de Sua Eminência, Don Evaristo já podia



dançar em um pé e fazer truques como um macaco que de nada adiantaria. Portanto, tudo estava a seu favor.

Dom Arturo escutou com muita atenção o que o inquisidor tinha a lhe dizer. Ele também não concordava com a canalhice de enterrar às Castanheira em terra profana, muito menos tendo em conta o que uma daquelas Castanheira significava para ele, mas no fim sendo seu pai prefeito e em maliciosa coalizão com dom Evaristo; portanto, sob a inapelável jurisprudência de ambos. Quando ele chegou à prefeitura tentou em múltiplas ocasiões levar a cabo a exumação dos cadáveres para proceder a sua sepultura em terra sagrada, mas o padre jamais tinha lhe ouvido nem dado seu consentimento para realizar tais exercícios. E sem a aprovação de um representante da Santa Igreja não havia nada que fazer. Em várias ocasiões havia tentado entrar em contato com párocos de aldeias vizinhas procurando apoio e soluções; mas a sombra de dom Evaristo Meitín era muito grande e respeitada como para que outro sacerdote ousasse colocar os narizes em assuntos de sua paróquia.

Por isso se alegrava muitíssimo de que aquele moço tivesse tido semelhante iniciativa. E obtendo o consentimento do Inquisidor geral do reino, o Reverendo Padre senhor dom Leopoldo da Beira, nem mais nem menos! Por fim Caridade e sua mãe encontrariam a justiça que lhes fora negada e que ele não fora capaz de lhes conceder. Por fim poderiam



descansar em paz. Por fim ele mesmo acharia descanso depois de quase vinte anos de consciência torturada.

— Pois, portanto, só é necessário que assinem este consentimento como prefeito e máxima autoridade de Arcádia, e a exumação se realizará imediatamente.

— Suponho que Estrella se sentirá muito satisfeita com tudo isto — disse, assinando feliz as folhas de papel que o juiz lhe indicava — Afinal é algo que deveria fazer-se faz muito tempo. Se eu tivesse podido... — *"se eu tivesse tido valor"*. Pensou em Caridade e uma negra sombra empanou seu olhar. Recordou o dia que lhe comunicaram sua morte e na terrível máscara de hipocrisia com a que teve que cobrir-se para dissimular sua dor. Quão covarde e hipócrita fora sempre com aquela mulher! — Agora por fim descansarão em paz. Transladá-las-emos hoje mesmo a uma fossa comum.

Diego arqueou uma sobrancelha.

— Não lhes daremos sepultura em uma fossa comum, senhor prefeito. — Dom Arturo afundou a pluma no tinteiro e ali a deixou. — Não existe nenhum túmulo livre no cemitério?

— Sim, dever haver algum.

— Pois serão enterradas em uma delas; têm direito a possuir um túmulo para à eternidade, como todos os católicos. Eu arcarei com todos os gastos.



Arturo respirou profundamente e fechou os olhos durante uns segundos. Aquele moço estava dando uma impressionante lição de princípios morais e humanidade, e, Santo Céu, que lição! Vergonha que um forasteiro tivesse que limpar os cacos quebrados que ele tinha deixado durante anos ver feitos pedacinhos, sem atrever-se a recolhê-los ou uni-los peça a peça. Sabendo que sim podiam voltar a unir-se! Como parecia fácil à primeira vista!

Abriu os olhos para olhar ao inquisidor. Agora era seu momento de corrigir os enganos passados. Agora poderia lhe demonstrar à mulher de sua vida quem era ele e o que tinha significado ela em sua existência.

— Disso nada, senhor Valmaseda. Eu arcarei com os gastos. —*"Como é o certo. Como sempre deveria ter sido"*. — Afinal sou o prefeito — Apressou-se a dizer. — É meu dever.

E Diego assentiu agradecido. Não tinha esperado menos dele. Afinal aquele homem de aspecto régio e porte vetusto era o pai de Estrella e não só o prefeito. As mulheres que dormiam o sonho eterno lá em cima em meio da Fraga tinham sido sua sogra e sua mulher, respectivamente, ao menos em algum momento do passado e ainda sendo o de forma oculta. Tudo isso tinha que possuir algum valor para ele.

— Pois bem, façamos imediatamente, se a você parece isso bem. — O prefeito assentiu. — Seria bom que nos façamos



acompanhar por algum membro das forças da ordem, só se por acaso dom Evaristo nos desse trabalho, e por um par de coveiros, que a sua vez atuarão de testemunhas.

Dom Arturo ficou em pé impulsionado por uma mola invisível. Alisou as dobras da gravata e se mexeu nas barbas em um gesto que denotava concentração. O som áspero produzido pelo roce dos dedos com a barba se escutou em toda a sala.

— O certo é que não vi a dom Evaristo nos últimos dias; inclusive cheguei a supor que teria saído a visitar algum parente de províncias. Da missa do domingo não tornei a encontrá-lo pelo povo.

Diego torceu o gesto. Tampouco ele tinha coincidido na casa paroquial com o sacerdote, mas tinha sabor de ciência certa que não se encontrava de viajem pelo pestilento aroma de toucinho que subia da cozinha a horas inoportunas. A pobre Lourditas ganhou o céu suportando os caprichos daquele escravo da gula cujo estômago parecia carecer tanto de fundo como de horários.

— Não está de viagem e tampouco acredito que se mantenha à margem em todo este assunto — assegurou Diego. — Uma vez esteja a par de nossas intenções tratará de atrapalhar com todas suas forças. O ódio que manifesta para Estrella é absolutamente antinatural e ilógico.



— Como foi sempre o que manifestou para sua mãe e sua avó — murmurou o prefeito, perdendo o olhar em alguma invisível partícula flutuante.

Diego lhe olhou fixamente e pôde intuir a tristeza que acompanhava suas palavras. Agora, depois de tudo que sabia, podia entender o significado daquela tristeza.

— Vocês estavam a par de que pretendia informar ao Santo Ofício da existência de uma bruxa na Arcádia?

Arturo tragou saliva e se dirigiu à janela do escritório, de onde possuía uma magnífica vista do povoado e da saída da ladeira.

— Não, jamais, teria concordado em que essa denúncia chegasse a término se fosse informado dos propósitos de nosso sacerdote. — Detrás dele, uma correntinha de prata alemã pulsava de forma insistente. Por sorte só ele era capaz de escutar seus batimentos do coração. — Estrella não é uma bruxa, como tampouco foram sua mãe ou sua avó. Somente são mulheres com certos conhecimentos, curandeiras e herboristas, amantes da natureza e dos seres vivos. Foram agraciadas com certos dons que as converteram em pessoas especiais — esboçou um sorriso dolorido — Mas jamais esses dons as tornaram perigosas nem as converteram em uma ameaça para a fé católica. Ouvi que em outros reinos existiram mulheres com esses mesmos dons que em lugar de ser perseguidas ou tidas por bruxas eram consideradas de



grande ajuda para o povo, sendo consultadas inclusive por membros da realeza ou pelas forças da ordem respeito a delitos sem solução.

— Isso mesmo explicava a Sua Eminência em meu último relatório. Não encontrei provas contra Estrella nem testemunhos capazes de semear a dúvida sobre sua suposta bruxaria. Além disso, faz tempo que a Santa Inquisição deixou de dar razão às acusações dessa índole; normalmente todas revistam ser infundadas por vizinhos mal-intencionados. De toda forma foi uma sorte que dom Evaristo não emitisse uma acusação contra ela, mas sim simplesmente pretendesse pôr em aviso à Instituição. Do contrário o processo seria muito mais longo e complicado.

Arturo esboçou um amplo sorriso sem afastar o olhar da vasta aquarela que se estendia além de sua janela.

— Alegra-me ouvir isso. Essa menina merece viver em paz.

"Já que nem sua avó nem sua mãe puderam fazê-lo".

Em seguida soprou em profundidade e se voltou para o inquisidor.

— Está preparado? Espera-nos uma longa caminhada até o alto da Fraga.

Diego esboçou um sorriso triunfal. Não tão longa, afinal.



— Não se preocupe, conheço um atalho.

Estrella permanecia de pé na beirada do canal. Seu olhar parecia ter sido costurado aquela horrenda língua em um silêncio sinistro, quase sem gerar som algum.

Impossível calcular sua profundidade. Além da superfície, debaixo daqueles capins que balançavam suas largas jubas ao som da corrente, era impossível ver alguma coisa. Tão só um negrume infinito, como se tratasse muito da boca do inferno abrindo-se para ela.

Lambeu os lábios, assustada. Estavam secos como a terra em pleno verão. Talvez por causa do medo, talvez por causa da profunda angústia que lhe provocava aquele lugar. Era consciente além da tortuosa batalha que se disputava dentro de seu peito. O coração contra a razão. A prudência contra a força de uma promessa. E estava claro que só o mais forte se imporia ao outro. Abriu a boca e se obrigou a captar uma enorme baforada de ar. Porque além e se por acaso não fora pouco, encontrava-se ao bordo da asfixia.

Já estava no canal. E agora?



Olhou ao redor. Outra vez tinha a sensação de que não estava sozinha, de que alguém a estava espiando. E não era uma sensação agradável. A última vez, enquanto se dirigia para os túmulos de sua família, pareceu-lhe inclusive escutar os passos de alguém sobre a folhagem. Nesta ocasião lhe tinha parecido ver sombras entre as árvores e cochichando entre si.

"Trata-se tão somente de sua imaginação", obrigou-se a pensar. *"Está tão assustada que te vale destas artimanhas para te obrigar a voltar sobre seus passos. Mas não pode. Prometeu-o à avó".*

Mas seu sexto sentido não estava disposto a deixar-se convencer. Certo que alguém a tinha seguido. Certo que alguém a estava espiando nesses momentos. Estalou a língua. Possivelmente deveria ter esperado Diego para pedir que a acompanhasse ao canal. Meneou a cabeça, sorrindo com cepticismo para seus pensamentos. Aquilo era assunto dela e de ninguém mais. Tinha que encontrar as respostas e tinha que as encontrar sozinha. Sua avó assim o teria querido. Aquela noite, entre os amorosos e confiáveis braços de Diego, veria aquele pavoroso momento como uma absurda piada. E ambos ririam disso. De suas angústias e de suas inexplicáveis fobias.

— Já estou aqui, vó, diga o que devo procurar — sussurrou angustiada, sem afastar o olhar do curso de água.



— Preciso saber o que e onde devo procurar. Ajude-me, não posso fazê-lo sozinha.

Nada. A única resposta foi o silêncio e um perturbador rangido entre a malesa. Estrella tragou saliva e se voltou para procurar ao redor. Tudo parecia em ordem. Tudo parecia em seu lugar. Seu coração, não obstante, batia em seu peito como um martelo batendo contra a madeira e seu ventre se retorcia. Suas pupilas não deixavam de mover em todas as partes; às árvores, às sarças, à escuridão que se adivinhava nas vísceras da Fraga. Mas tudo parecia estar bem.

Exalou em profundidade e fechou os olhos tratando de acalmar-se; se obrigou a contar mentalmente até dez e dizer a si mesma: *"tudo está bem, tudo está bem"* uma e outra vez até voltar imediatamente para sua posição inicial: ombros erguidos e alma contrita na beira do canal, olhando encantada (e aterrorizada) suas águas negras.

Então um golpe impactou contra a parte alta de suas costas, fazendo-a voar e lançando-a ao chão a certa distância. Em seguida algo enorme se equilibrou sobre ela com a precipitação e a selvageria de um urso sobre sua presa, imobilizando-a a descansar todo seu peso sobre as costelas da jovem.

Estrella procurou ar. Estava muito aturdida para sentir dor. Nem sequer conseguia respirar. Contudo, desde sua incômoda postura tratou inclusive de espernear e liberar-se



desse lugar de opressão de quem a mantinha retida e imobilizada. Mas foi em vão. O assalto fora tão inesperado como brutal o golpe inicial que a derrubou no ato.

— Sentiu minha falta Estrelinha? — Aquela voz tristemente familiar à fez estremecer e as lágrimas começaram a correr por suas bochechas. Rolando retorceu sem piedade seus braços para trás, com tanta força que temeu que lhe desconjuntassem dos ombros. Em seguida notou a pressão selvagem das cordas abrasando seus pulsos e segundos mais tarde seus tornozelos, imobilizando-a já por completo.

— Agora já não tem escapatória, né, bruxa, veremos como se liberta de mim agora...

Estrella percebeu o bafo fétido de Rolando contra sua orelha e todo o peso do homem ao longo de seu corpo. Estava a ponto de morrer por sufocamento e ainda assim essa morte seria bem-vinda para evitar o que aquele estúpido teria em mente fazer com ela. Sabia que ia ser doloroso. Tendo em conta a lascívia daquele caipira e a brutalidade com a que a tinha surpreendido não podia ser de outra maneira. Fechou os olhos. Não servia de nada esperar um final rápido porque aquele monstro ia desfrutar enfurecendo-se com ela até o último segundo.

Escutou como o homem desabotoava o cinto da calça com movimentos torpes, muito possivelmente por causa da



urgência provocada por sua excitação; e então soube que restava rezar ao céu e esperar.

— Basta, Rolando, não temos tempo para isso agora!

Através do túnel de medo e desolação que chegava até seus ouvidos, aquela segunda voz lhe ofereceu um reflexo de esperança. Abriu os olhos e, desde sua posição de barriga para baixo, pôde distinguir a ponteira de dois lustrosos sapatos de couro aparecendo sob uma batina.

— Prometeu isso, dom Evaristo, disse que poderia fazer com ela o que quisesse! — Rugiu Rolando, ajustando de novo a calça e encarando o sacerdote. — Serei rápido, prometo, e logo poderá fazer o que tiver vontade, que a mim não interessa.

— Não seja bruto, rapaz. — O padre se expressava com pasmosa calma e então Estrella sentiu medo de verdade. Porque se Rolando por si só resultava perigoso, uma coalizão entre ele e aquele padre malévolo podia resultar terrível. — Pode ser visto, sabe que o canal é o atalho mais rápido para chegar a Fraga, qualquer que passe por aqui poderia surpreender forçando a esta bruxa e então nem Deus te salvará de uma acusação de estupro.

— Ninguém passa por aqui! — Rugiu o outro, esquivando o corpo imóvel da jovem para aproximar-se do padre com



gesto ameaçador. — Quem diabos passará por aqui? Né, senhor padre! Quem?

— Calma, rapaz — continuou o outro. Desde sua posição Estrella não podia ver o rosto, mas estava segura de que devia ser uma máscara sinistra de hipocrisia e maldade. — Além disso, que prazer encontra em fornicar com uma bruxa havendo empregadas virgens no povo? O corpo desta serva de Lúcifer está manchado pela lascívia; as noites de lua cheia fornica com o diabo ou com o bode que lhe representa, sua carne está podre e corrupta.

— Isso é problema meu, fizemos um trato e você deve cumprir!

Dom Evaristo estalou a língua. Começava a perder a paciência.

— Não corrompa seu próprio corpo com o desta rameira do Belzebu, não seja estúpido.

— Você é o estúpido e mais falso que falsa moeda! Prometeu isso, velho trapaceiro! — E Estrella viu como se equilibrava para ele. O que ocorreu a seguir aconteceu tão rápido que não houve tempo de dizer uma palavra, quase nem sequer de piscar. O único que se escutou foi o som afogado do Rolando ao acolher em seu coração o fio mortal do aço quando este se cruzou entre ele e o maligno religioso. Estrella o viu cair ao chão a seu lado, trespassado como um



frango, mostrando o punho de um pequeno estilete aparecendo sobre seu colete de pano. Seus olhos fixos e sem vida permaneceram cravados nos dela, olhando-a com o olhar detido e característico das almas que acabam de abandonar o corpo. De seus lábios fugia um fio de sangue. Ao redor do aço uma mancha de um vivo escarlate começou a crescer com uma rapidez assombrosa.

Estrella quis gritar, mas o horror tinha secado sua garganta. Tão somente era capaz de fixar-se naqueles olhos que permaneciam suspensos nela de um jeito sobrenatural.

— Levanta, bruxa, sua hora chegou!

Sem qualquer piedade, Don Evaristo puxou a corda que pendia atrás dele e manteve os pulsos e tornozelos imobilizados, obrigando a jovem a tropeçar. Nem curto nem preguiçoso, o generoso padre facilitou sua caminhada com base em chutes nas costas.

— Você achou que ia se livrar de um julgamento? Você está errada, herege! Aquele inquisidor inútil não viu o mal que existe em você, mas não me engane, nenhuma das bruxas de sua família me enganou! — Puxou-a com mais força, girando-a e obrigando-a a lhe encarar. Confiando na limitação de movimentos da bruxa, dom Evaristo a olhava sorrindo de orelha a orelha. Afinal a tinha ao seu dispor, como sempre tinha desejado.



— A justiça divina cairá sobre sua cabeça e ditará o que é mais correto para ti. É uma alma impura, seu lugar não está na terra e muito menos no céu, seu lugar está no inferno, ardendo como pecadores que servem ao Belzebu. E ali te enviarei.

Estrella o olhava com os olhos completamente vidrados pelo pranto. Nesses momentos um pranto provocado pela raiva, mais que pela dor ou o medo. E isso que seus pulsos estavam já em carne viva e seus ombros a ponto de sair do lugar.

— Para quê fazer isto? — Resmungou com voz trêmula. — Acaba de matar a um homem e a culpa não parece fazer nada para você! Como pode ser tão cruel? Acaso não têm coração?

Dom Evaristo descarregou sobre seu rosto uma bofetada brutal e em seguida fechou seus dedos ao redor do pescoço da jovem, provocando-lhe uma iminente sensação de asfixia. Esse contato ofereceu a Estrella uma sucessão de imagens que se desdobraram ante seus olhos como um cacho de casulos rindo descaradamente ao sol.

Viu dom Evaristo, notavelmente mais jovem, em uma situação muito parecida com a presente. Encontrava-se junto ao canal em companhia de um homem elegantemente vestido, e entre os dois tinham conseguido imobilizar a uma anciã miúda e baixa que não deixava de lutar tentado liberar-se de seu agarre. A anciã estava amarrada nos pés e mãos,



como estava ela, e olhava aos homens com um desprezo infinito brilhando em suas pupilas. Entre os dois a golpeavam sem piedade, descarregando sobre ela chutes e murros em qualquer lugar que caíssem. Tanto dava rosto, peito, ventre ou costas. Não se detinham nem um segundo compadecido ante o sangue que brotava de seus orifícios ou ante os gemidos angustiantes que fugiam de seus lábios quebrados em dois. Insultavam-na, cuspiam-lhe e atiravam de suas ataduras, conscientes do dano que lhe estavam provocando e indefesa como estava. Mais que uma mulher parecia um pobre animal com o que se divertissem torturando-o vivo. O coração de Estrella deu um tombo quando identificou a sua avó na pessoa daquela pobre anciã.

Então viu dom Evaristo aproximando-a até a beirada a trancos. E também pôde escutar sua temível sentença: "*Rosa Clara Castanheira, bruxa! Com a autoridade que minha condição de servo de Nosso Senhor me outorga e em presença da máxima autoridade civil de povo, o prefeito Figueroa, condena-te a ser entregue às águas para que elas sejam as que julguem sua alma corrompida. Se flutuas e não te afoga será rapidamente resgatada e queimada viva, pois sua culpabilidade ficará provada. Se pelo contrário te afundar, será prova de que morreste inocente e te verá livre do inferno.*"

A anciã se retorcia aterrorizada, lutando por sua vida, mas de pouco serviu. Com um forte chute no peito o padre a jogou na água, que se abriu para recebê-la e a engoliu com



voracidade, fechando-se de novo para nunca mais deixar sair de suas profundidades à justiçada. Ambos os homens riam na beirada como duas hienas, satisfeitos da maldade que acabavam de fazer. Afinal que não eram outra coisa mais que servos da justiça e tão só acabavam de limpar a escória da face da Arcádia. Tinham levado a cabo uma Santa função e por isso o mundo devia lhes estar agradecido.

Viu também como aqueles dois assassinos tinham ido à cabana em busca de Caridade e de sua filha pequena para lhes designar o mesmo fim; mas a mulher, cautelosa de algum modo, escondeu-se no bosque observando a aqueles malfeitores desde seu refúgio enquanto tampava a boca à pequena com uma mão, impedindo-lhe de fazer ruído algum. Tão só sua intuição ou seus dons tinham conseguido as manter com vida aquele dia. Uma vez os malfeitores reviraram e quebraram tudo, abandonaram o lugar dando-se mais ou menos por satisfeitos. Ao menos agora a bruxa jovem andaria com olho aberto e pensaria duas vezes antes de voltar a praticar suas heresias em público.

— Você... — foi o único que pôde dizer. Os lábios lhe tremiam e os olhos permaneciam cegos pelas lágrimas. — foi você!

— Não sei do que está falando, bruxa, e tampouco me importa. Vai para o inferno com toda sua família! — E empurrando-a pelo pescoço que ainda apertava, jogou-a no



canal. Quando as águas se abriram para ela, Estrella não foi capaz de mover-se ou nadar para salvar sua vida. Só teve tempo de segurar o folego e deixar-se engolir pelo gélido negrume daquele canal. Milhões de borbulhas se formaram a seu redor e uma inesperada enxurrada lhe obrigou dar voltas e mais voltas sob a água, girando sobre si mesmo como um peão. Não era capaz de ver mais nada além da que a envolvia e das algas que se enredavam a seu corpo como insistentes braços da morte puxando-a para baixo. Sentia os ouvidos embotados; qualquer som, se é que o havia, chegava até ela como um rouco zumbido contínuo.

Necessitava ar! O folego inicial fora pouco. Abriu a boca e uma grande quantidade de água atravessou seus pulmões, queimando-lhe o peito como se um milhão de agulhas se trespassaram na superfície branda dos pulmões. Quis sair dali, chutar a água e impulsionar-se para cima, mas com as mãos atadas a suas costas e com os tornozelos completamente imobilizados a empresa resultava toda uma utopia. Cada vez que tentava mover, todo o corpo se sacudia com um movimento imprestável. De novo tentou agarrar ar, absurda necessidade encontrando-se sob a água, e uma nova e importante quantidade de líquido invadiu seus pulmões, queimando-lhe desta vez a garganta e o interior do peito.

Com um único e desesperado movimento convulso se rendeu e a escuridão mais imensa se abateu sobre ela. Seu corpo já não lutava, mas sim permaneceu um instante



flutuando entre águas, com os olhos totalmente abertos, fixos no vazio, hipnotizados pela iminência da morte.

E então viu sua avó. Também permanecia suspensa entre águas, como ela. Continuava presa pelos pés e mãos, a maçã do rosto estava arroxeada e seus lábios sangravam, mas já não havia dor. A anciã aproximou seu rosto ao seu para olhá-la fixamente aos olhos e lhe sorrir com afeto. E foi o sorriso mais doce e prazeroso que Estrella tinha visto jamais. Piscou com nervosismo e moveu os lábios sob a água compondo uma única palavra: *"Vó..."*

A anciã assentiu fechando os olhos uma só vez. E não fez falta que falasse, pois Estrella escutou as palavras com claridade no interior de sua cabeça: *"Agora já sabe toda a verdade, minha menina, agora poderei descansar em paz..."*. Ainda sob a água pôde perceber a lágrima solitária que descendeu pela bochecha da anciã. E seu coração deu um tombo.

Estrella lhe devolveu o sorriso. Fechou os olhos e já não se importou abandonar-se e ser presa fácil para a fúnebre braçadeira de luto. Tampouco para ela existia já a dor. Já não era capaz de suportar.

Então algo a segurou pela axila e puxou dela para cima com força. Foi um movimento tão brusco e inesperado que por um momento sentiu como se a tivessem desmembrado. Enquanto subia foi capaz de ver como sua avó se espalhava



sob a água como se fosse feita de fumaça, convertendo-se de repente em uma branca neblina dissipada pela corrente. E nada mais, a partir daí escuridão e silêncio.

Despertou sobressaltada quando a água que congestionava seus pulmões se abriu passo para o exterior através da boca. Vomitou uma e outra vez até que sentiu o peito desinflado e dolorido de tanta convulsão. As arcadas a ultrapassavam e a tosse que quebrava seu peito obrigava a boquear por falta de ar uma e outra vez.

Quando por fim abriu os olhos e conseguiu focar com normalidade descobriu ao Diego sobre ela, completamente ensopado, lutando por reanima-la. Em seus olhos viu amor, viu angústia, viu dor.

— Graças a Deus, graças a Deus! — Gemeu ele, apanhando a mão da moça entre as suas e levando-lhe aos lábios com desespero. — Acreditei que lhe tinha perdido. Santo Deus acreditei que tinha morrido!

Passou um braço sob a nuca da jovem e a elevou, abrigando-a contra seu peito. Estrella piscou com nervosismo, sentia frio em todo o corpo e tremia fora de



controle. De repente recordou o que acabava de passar e por instinto tratou de retroceder empregando mãos e pés.

— Ele, ele, foi ele! — Gritou fora de si.

Diego a apanhou entre seus braços e tratou de acalmá-la, enchendo a de beijos e carícias, balançando-se com ela ao som de um movimento rítmico e convulso.

— Sei, vimos tudo — esclareceu, beijando suas têmporas. — Tínhamos pego este atalho para subir ao alto da Fraga e pudemos presenciar tudo. — Inclinou sua amorosa frente sobre a de Estrella e suspirou. — Vi como ele te jogou na água, achei que estava louco. Pulei atrás de você! Não hesitei nem um instante. — Beijou com suavidade os lábios arroxeados da jovem tratando de aquecê-los. — Demorei um pouco para encontrar você, achei que estava ficando maluco lá embaixo! Só Deus sabe quão profundo e escuro essas águas são ...

Estrella estremeceu. Estava em choque e não só pelas baixas temperaturas da água ou pela escuridão insondável que memorava Diego, mas sim pelo terrível descobrimento que acabava de realizar.

— Ele matou a minha avó! —Soluçou, convulsionando. — Jogou-a neste mesmo canal para julgá-la por bruxaria, como fez comigo! — As lágrimas corriam por suas bochechas como se alguém as tivesse jogado de propósito. — Por isso sempre



me deu medo o canal, eu tinha um pressentimento a respeito dele, mas nunca acreditei que poderia tratar-se de algo tão horrível! OH, Deus Santo, foi tão...! Diego, matou a minha avó!

Diego a embalava contra seu peito, sussurrando-lhe ao ouvido com voz calma.

— Não se preocupe, pagará por tudo o que tem feito. Nós o pegamos e neste momento dom Arturo acompanha a cela. Por sorte contamos com testemunhas que podem provar o que vimos. Será julgado por homicídio, não se preocupe, eu me encarregarei de que se faça justiça.

Ante a menção do prefeito, Estrella se enrijeceu.

— O ancião Figueroa foi seu cúmplice, ele ajudou a dom Evaristo a matar a minha avó! Entre os dois trataram de buscar mais tarde a minha mãe e a mim para fazer a mesma coisa conosco. Mas minha mãe nos manteve escondidas no bosque até que passou o perigo. Salvou-nos a vida ou do contrário teríamos morrido afogadas também!

Diego lhe acariciou o cabelo molhado uma e outra vez e as lágrimas foram a seus próprios olhos.

— Lamento tanto, minha pobre, pobre criatura, viveste um Inferno aqui na terra.



Estrella voltou a cabeça para procurar na beirada. Tão só foi capaz de distinguir a superfície de erva amassada sobre a que jazia o corpo sem vida do Rolando apenas uns minutos antes.

— Rolando...?

— Os coveiros ajudaram a levá-lo ao povoado. Quando chegamos já se encontrava sem vida, não pudemos fazer nada por ele. A adaga atravessou o coração e sua morte foi instantânea.

— Ele o matou também! Usou-o para que lhe ajudasse a me capturar e logo se desfez dele! — Ocultou o rosto contra a casaca de Diego para chorar com vontade. — foi horrível! Esse homem é um demônio! OH Santo Deus, quanto dor e sofrimento causou!

E certamente o era. Um autêntico demônio. Duas mortes nas suas costas e o propósito de uma terceira, tão só frustrada pela rápida intervenção de Diego, que acabava de presenciar a maldade do sacerdote quando o grupo de que participava saiu na clareira. Não seria nada fácil sair impune de seus crimes, apesar de sua condição de religioso. Como tantas vezes se gabou de dizer*: "o martelo da justiça divina é implacável e golpeia a todos por igual."* Agora poderia comprovar na própria carne a veracidade de semelhante dito.



— Demônio ou não, pagará pelo que tem feito. — Abraçou a jovem e a embalou com força contra seu peito. Estrella passou seus braços ao redor do pescoço do homem, recostando a cabeça contra seu ombro e fechando os olhos. — Vamos voltar para casa, deve trocar de roupa ou acabara pegando uma pneumonia. E temo que ainda não aprendi a planta necessária para curar isso.

Estrella se deixou embalar pelo suave bamboleio de seus passos e sorriu. Aquele homem não sabia a paz tão imensa que acabava de derramar sobre seu espírito ante a só menção da palavra casa, referindo a ela como um bem comum. Sua casa, sua pequena e simples cabana, quão mesma desejava poder compartilhar com ele pelo resto de suas vidas.

Suspirou lentamente e se entregou ao sonho nos braços de seu amor. Seria possível enfim encontrar um pouco de paz depois da tormenta?



Capítulo 16

Caridade e Rosa Clara Castanheira foram enterradas no cemitério uns dias depois. Efetivamente e tal e como Estrella tinha contado, a tumba da anciã estava vazia quando procederam à exumação do cadáver. Depois de todos os anos que tinham transcorrido seria impossível encontrar sua ossatura, embora rastreassem palmo a palmo todo o fundo do canal; mas de algum modo Estrella era consciente de que sua avó por fim descansava em paz. Tinha conseguido que se fizesse justiça e embora seu corpo se perdeu, ao menos sua alma tinha encontrado repouso.

Quando o pároco substituto de dom Evaristo, um moço jovem recém-saído do seminário do Mondoñedo, oficiou a cerimônia na Igreja e posteriormente no cemitério, as lágrimas acudiram a empanar os olhos da única sobrevivente da família Castanheira.

— Descanse em paz, vó; descanse em paz, mãe... —sussurrou aos vazios que se abriam na terra para acolher os dois ataúdes. Antes que os coveiros começassem a jogar terra sobre os caixões de pinheiro, apressou-se a lançar dois ramos de verbena para que as acompanhassem durante sua viagem.



E no fundo de seu coração lhe pareceu distinguir a imagem de sua mãe e de sua avó despedindo-se dela com um sorriso. — *"Agora tudo está bem"* — Disse-se a si mesma. E as deixou partir.

Dom Evaristo foi julgado semanas mais tarde ante um tribunal civil, acusado de homicídio e tentativa por homicídio. Como não existiam provas tangíveis do assassinato de Rosa Clara Castanheira, ninguém pôde acusar o de ser a mão executora, juiz e carrasco da anciã; embora todos os realmente interessados fossem conscientes do terrível alcance das maldades daquele lobo disfarçado com pele de cordeiro. A maioria fez cruz e renegaram-no, como renegariam qualquer um que tivesse sido acusado de um crime parecido, embora se tratasse de seu próprio pai ou irmão; outros, seus mais fiéis devotos, ofereceram missas por sua alma e acenderam todas as velas disponíveis na velha Igreja. Por toda parte se escutavam cochichos e murmúrios que incluíam um *"aí quem o ia dizer de um homem de Deus como dom Evaristo?"* Ou um *"não posso acreditar isso, faz pouco tempo deu a extrema-unção a meu pai!"* E de todas as bocas saía o sabido *"livre nos Deus Nosso Senhor das almas pecadoras, que o pecado, e bem se vê, se oculta em todas partes, ainda nas que consideramos tabuas de salvação no meio do naufrágio.!"*

Nem o ardor de seus seguidores nem sua condição de religioso lhe amparou, não obstante de ser condenado à pena capital; esperando-o ao tratar-se de um cargo de assassinato.



Dias antes de ser executada a sentença, Estrella decidiu ir visitá-lo sua cela. Não era o mais prudente, mas tampouco se incomodou em consultá-lo com ninguém além de com sua consciência. E sua consciência lhe pedia uma visita a aquele homem que tanto mal tinha causado em sua família.

Encontrou-o sentado sobre sua cama de armar, pálido sob a luz que descendia da parede lambendo seu cabelo branco. Sustentava em suas mãos abertas a Santa Bíblia e movia os lábios no que parecia uma reza. Bem cuidadoso, a palavra de Deus devia ser seu único consolo em tais circunstâncias. Tão só Deus Nosso Senhor era tão misericordioso para oferecer asilo em seu coração incluso ao mais terrível dos pecadores, sempre e quando achasse algum signo de arrependimento nele. E não estava claro que dom Evaristo se mostrasse arrependido de seus atos passados. Não ao menos pela forma em que a olhou assim que abriram a cancela da cela.

Recebeu-a com as fauces em alto, como tinha por costume.

— A que vieste, bruxa? A desfrutar ante seu triunfo?

Estrella engoliu saliva e deu um passo para ele. A presença do oficial a suas costas era o único que lhe insuflava um pouco de calma.

— Vim a lhes oferecer a possibilidade de partir em paz.



O sacerdote tomou aquilo como um insulto e como tal, cuspiu seu veneno sem olhar. Estava claro que a prisão não tinha adoçado seu caráter, a não ser ao contrário.

— Jamais poderei ir em paz sabendo que neste povo não se respeita a palavra de Deus e dão atenção a uma bruxa, concubina do demônio! — Fez um dramalhão com a mão, como se tratasse de afastar a uma cobra. — Afaste-se, serva do mal, não te aproxime de me tentar!

Estrella inclinou o olhar, tratando de encontrar paciência e compaixão em seu coração. Resultava complicado tendo em conta o que aquele monstro tinha feito a sua família e tinha pretendido fazer com ela mesma.

— Nunca fizemos nada contra natureza — começou dizendo. — Tudo o que fazemos provêm de conhecimentos ancestrais, conhecimentos que antigamente levavam a cabo os antigos e sábios druidas em tempo de nossos antepassados celtas.

— Está mencionando tribos pagãs, bárbaros sem cultura afastados da palavra de Deus! — Rugiu ele. — Não te atreva a justificar suas bruxarias!

— É parte de nossa história.

— Não tente me enganar, bruxa, enganaste a todo o povo e inclusive a um juiz do Santo Tribunal, mas não pode enganar a mim! Sei que o maligno corre por suas veias e que



cedo ou tarde acabará por sair à luz. Será então quando todos estes brutos se darão conta do engano que cometeram, verão a cabeça de bode sob seu capuz e as pernas do bode aparecendo sob suas saias. Então clamarão pela justiça divina e pelo santo nome de Deus!

Estrella franziu o cenho. Estava claro que tentar dialogar com ele era perder o tempo. Não estava obcecado; estava louco.

— Você que tanto memora a palavra de Deus e a justiça divina, como ides justificar ante Ele pelas mortes que carrega sobre suas costas? Têm pensado em sua defesa? O que dirá de minha avó? E do Rolando?

O sacerdote se ergueu com dificuldade da cama de armar, fazendo chiar as madeiras e soprando como um touro disposto a investir. Parou a escassa distância e jogou a Santa Bíblia na cabeça da jovem. Por muito pouco se livrou do impacto.

— Saia da minha frente, herege, bruxa maldita! — Rugiu.

Escoltada pelo oficial, Estrella abandonou a cela. Uma vez a salvo no corredor dirigiu ao religioso um olhar gélido e lhe falou deste modo:

— Que Deus todo-poderoso tenha piedade de você, posto que eu sou incapaz de encontrar piedade nem no mais profundo de minha alma.



E tornando a colocar o capuz sobre a cabeça, abandonou o lugar.

Tão só uns dias depois o sacerdote foi escoltado por dois oficiais até a praça do povo onde tinham levantado o cadafalso. Levava os braços atados por cima do cotovelo, mantendo os antebraços livres, e um olhar de condenação para todos os ali presentes. Todo o povo se reuniu ali para presenciar a execução, como estava acostumado a acontecer em acontecimentos deste tipo, mais por penosa morbidade que por um leal sentido da justiça. Como teria acontecido se Estrella tivesse sido a justiçada e em lugar de uma forca se mantivera acesa uma fogueira.

O acusado subiu os degraus do patíbulo lentamente por causa de seu andar de ganso e da obesidade mórbida que padecia. Uma vez acima estendeu o pescoço para a corda que o carcereiro lhe ajustou com prontidão e imediatamente foi colocada sobre a cabeça uma capa branca. Permaneceu nessa postura cinco minutos pelo menos, até que o carcereiro cortou a corda com um golpe seco e o alçapão se abriu com um rangido; alguns movimentos convulsos e sua alma foi enviada à espera do verdadeiro julgamento.



Algumas noites depois, Arturo Figueroa se encerrou em seu escritório, como tinha por costume, evitando a companhia de sua esposa e procurando a lembrança daquela que sempre deveria ter sido. Procurou no mais íntimo de sua gaveta a correntinha de prata alemã que supunha seu único laço de união com Caridade Castanheira e a fixou ao pescoço, acariciando cada elo com infinita ternura uma e outra vez.

A descoberta do que seu próprio pai, em conjunto com o sacerdote da Arcádia, fazia contra a que podia ter sido sua sogra o fazia estremecer sozinho de recordá-lo. Como fora capaz fazer uma baixeza semelhante?

Uma e mil vezes se envergonhava de levar seu sangue e uma e mil vezes se arrependia de não ter sabido lhe plantar cara a aquele monstro que não era outra coisa mais que um assassino, tão cruel e desprezível como o que tinham pendurado no cadafalso dias antes. Ele desperdiçara toda a sua vida por não saber como resistir àquele tirano que ousara exigir retidão e disciplina mesmo quando ele próprio não fora o melhor exemplo a seguir. Seu pai, seu próprio pai, o modelo para todo filho dedicado ... apenas um assassino inescrupuloso ou o perdão de Deus. E no final, sua própria vida e as vidas daqueles que ele amava tinham ido à ruína por causa da perfídia de um homem. De dois homens. Pensar que o que aconteceu com a velha estava prestes a acontecer com Caridade também, e o fruto de sua barriga queimou o sangue em suas veias. Nunca poderia perdoá-lo. Nunca



poderia se perdoar por ser tão fraco e ter deixado a vida passar.

As lágrimas caíram dos seus olhos por suas bochechas em silenciosa comitiva.

Uma neblina espessa sob o despacho, elevando-se ante os olhos do prefeito até dar forma a uma figura feminina. Arturo esboçou um sorriso enquanto as lágrimas seguiam descendendo por seu rosto.

— Caridade, vieste a me buscar. Encontraste o perdão em seu coração. OH Caridade, minha Caridade, não sabe o tempo que levo te esperando!

A neblina se aproximou sinuosa até ele, envolvendo-o por completo em um abraço esbranquiçado. A mulher lhe estendeu os braços, convidando-o a aproximar-se. Arturo aceitou a oferenda e tomou com suavidade das mãos. Em silêncio, sem deixar de olhá-la fixamente aos olhos, deixou se guiar por aquela a quem mais tinha amado em toda sua vida. Caridade lhe olhava sem mudar o sorriso e em seu rosto e ele reconheceu o mesmo amor e entrega de antigamente. O coração lhe deu um tombo enquanto a seguia embevecido. E a seguiria a qualquer parte. Agora já não cometeria os mesmos enganos do passado. Agora não a ia deixar partir.

Da escuridão mais terminante surgiu uma brecha de luz branca que pareceu abrir-se só para eles dois. Caridade lhe



olhou de novo sem deixar de sorrir, sem deixar de lhe oferecer o paraíso através de seu olhar. As covinhas que se desenharam em suas bochechas provocaram no Arturo uma nova quebra de onda de lágrimas.

— Desta vez não te deixarei sozinha — gemeu em meio de um pranto desesperado. — Estaremos juntos e nos querendo por toda a eternidade.

Abraçou a ela com força, afundando seu rosto no denso cabelo escuro da mulher, embriagando-se com sua fragrância e sentindo o tato suave e amoroso de sua pele. Aquilo era a glória. A Glória que tinha conhecido muitos anos atrás e que a vida, sua covardia, tinham-lhe roubado.

No dia seguinte a criada da casa lhe encontrou em seu escritório quando foi limpar, estendido no chão. Sem vida. Seus olhos estavam totalmente abertos olhando talvez ao infinito; sua expressão congelada em um sorriso aprazível e cheia de amor.

Com o começo do ano, Diego apresentou sua demissão ao Inquisidor geral do Santo Ofício. Fazia tempo que queria desvincular do Tribunal e dedicar-se a uma vida tranquila e anônima no campo. Sempre tinha sonhado que seria em sua



Valência natal, mas agora se dava conta de que Galícia era um lugar tão bom como qualquer outro. Na verdade certamente melhor que qualquer outro. Porque em nenhum outro lugar do Reino disporia das estrelas mais belas do firmamento para ele sozinho.

A resposta do Muito reverendo padre podia fazer-se esperar semanas e inclusive meses, e muito provavelmente não seria positiva a primeira vez. Diego era muito consciente de que desvincular do Tribunal era algo muito difícil para qualquer de seus integrantes, muito mais para alguém que levava servindo mais de uma década ao Santo Instituto. Não lhe deixariam partir facilmente.

Mas ele era perseverante e desta vez dispunha de um poderoso estímulo que lhe convidava a mostrar-se disposto para qualquer batalha. Enfrentaria a quem fosse necessário, enviaria cartas a todos com tal de deixar clara sua vontade; inclusive se encontraria com o Papa se fosse necessário. O que sim tinha claro é que jamais deixaria sozinha a sua bruxa preferida. A única bruxa real que tinha conhecido em seus trinta anos de vida.

— Toque-me — pediu a Estrella uma tarde que descansavam ambos sentados sob a sombra de uma nogueira centenária.

Estrella obedeceu imediatamente sem deixar de sorrir; e pôde ver tudo em sua cabeça. A primeira vez que ele a viu no



bosque, seu aborrecimento quando lhe arrebatou o cavalo, a compaixão que lhe inspirou quando dom Evaristo lhe enumerou a lista infinita de suas faltas, a ternura que sentiu ao vê-la sair da cabana arrastando aquela tocha descomunal...

Viu também a forma em que ele a observava fascinado caminhando entre as flores, quase nas pontas dos pés, como uma fada do bosque compilando seus apreciados tesouros; viu o amor em seus olhos ao beijá-la pela primeira vez, ao acariciá-la pela primeira vez; e o medo atroz aquela tarde que desmaiou em seus braços junto ao canal. Entendeu a paixão que assolou ao Diego a noite que tomou na cabana e o imenso amor que fazia vibrar seu corpo e saltar o sangue em suas veias cada vez que a sentia perto. Também foi testemunha do infinito horror com o que a viu cair na água e o desespero do Diego procurando-a em meio do negrume, sem ser capaz de ver além das algas e a escuridão do canal.

— Agora já sabe tudo, sabe o que significa para mim.

Ela se inclinou sobre ele para lhe beijar a ponta do nariz

— Já sabia — ele arqueou uma sobrancelha, olhando-a zombador — sempre soube. Cada vez que lhe tocava, cada vez que me acariciava, via-o dentro de mim. É uma pena que não possua meu dom, só assim poderia conhecer a imensidão de meus sentimentos.



— Se tão somente for a metade dos meus, já me dou por satisfeito. Estrella lhe olhou entusiasmada, sem deixar de acariciar sua bochecha e o contorno de sua mandíbula com a ponta dos dedos.

— Está completamente seguro? Tanto me quer?

Ele a olhou com paixão, desejando fazê-la calar com um beijo.

— Quero-te com toda a alma, até o infinito e além das estrelas...

E a Estrella aquilo soou a Glória.

Fim



Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL! Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras! Ajude a preservar o seu grupo de romance! A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!